

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE

Maria de Fátima Genteluci Martins

PROCESSO FORMATIVO E INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES
EGRESSOS DAS TURMAS DE TÉCNICOS EM ANÁLISES CLÍNICAS DA
EPSJV/FIOCRUZ: um estudo de caso

Rio de Janeiro

2021

Maria de Fátima Genteluci Martins

PROCESSO FORMATIVO E INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES
EGRESSOS DAS TURMAS DE TÉCNICOS EM ANÁLISES CLÍNICAS DA
EPSJV/FIOCRUZ: um estudo de caso

Dissertação apresentada como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional em Saúde à Banca da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Lucia de Almeida Soutto Mayor

Coorientadora: Prof^ª Mestra Páulea Zaquini Monteiro Lima

Linha de Pesquisa: Concepções e Práticas na Formação dos Trabalhadores de Saúde.

Rio de Janeiro

2021

Catálogo na Fonte

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Biblioteca Emília Bustamante

Marluce Antelo CRB-7 5234

Renata Azeredo CRB-7 5207

M386p

Martins, Maria de Fátima Genteluci

Processo formativo e inserção profissional dos estudantes egressos das turmas de técnicos em análises clínicas da EPSJV/FIOCRUZ: um estudo de caso / Maria de Fátima Genteluci Martins. - Rio de Janeiro, 2021.

166 f.

Orientadora: Ana Lucia de Almeida Soutto Mayor
Coorientadora: Páulea Zaquini Monteiro Lima

Dissertação (Mestrado) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Programa de Pós-graduação em Educação Profissional em Saúde, 2021.

1. Educação Profissionalizante. 2. Análises Clínicas. 3. Inserção Profissional. I. Soutto Mayor, Ana Lucia de Almeida. II. Lima, Páulea Zaquini Monteiro. III. Título.

CDD 370.113

Maria de Fátima Genteluci Martins

PROCESSO FORMATIVO E INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES
EGRESSOS DAS TURMAS DE TÉCNICOS EM ANÁLISES CLÍNICAS DA
EPSJV/FIOCRUZ: um estudo de caso

Dissertação apresentada como um dos requisitos para
obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-
graduação em Educação Profissional em Saúde à Banca
da Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio/EPSJV.

Aprovada em 26/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Isabela Cabral Félix de Sousa - FIOCRUZ/IOC

Prof. Dr. Sergio Ricardo de Oliveira - FIOCRUZ/EPSJV

Co-orientadora: Prof^ª Mestra Páulea Zaquini Monteiro Lima - FIOCRUZ/EPSJV

Prof^ª. Dr^ª. Ana Lucia de Almeida Soutto Mayor - FIOCRUZ/EPSJV

AGRADECIMENTOS

Apesar da apreensão, das dúvidas do caminho a trilhar e da escolha do tema da minha dissertação a primeira certeza sobre o objeto aconteceu quando fui participar de uma reunião do colegiado da Pós-graduação, quando, à época, era representante de turma. Naquele dia um anjo veio em minha direção, me abraçou dizendo que queria ser minha orientadora e se eu aceitava a sua orientação. Quase chorei ali mesmo de tamanha emoção. Diante de tantas dificuldades e incertezas, o meu anjo Dra. Profa. Ana Lucia de Almeida de Soutto Mayor, a quem agradeço humildemente e sem palavras suficientes, me deu todas as certezas que eu estava no caminho certo. Hoje uma amiga, a quem devo muito por tudo que consegui desenvolver neste espaço. Fui a primeira a ter o trabalho a ser orientado escolhido. Jamais esquecerei este dia.

Outra intensa experiência foi o inestimável apoio de meu outro anjo Paulea Zaquini Monteiro Lima, amiga e já orientadora em meu curso de especialização da ENSP, que me auxiliou desde a submissão do trabalho ao Comitê de Ética da EPSV, e em todas as etapas de considerações e análises do projeto. Sempre pronta, incansável e afetuosa em tudo o que faz. A quem devo muito sempre.

Outro e tão importante anjo, amiga, atenciosa e prestativa, Monica Mendes Caminha Murito, com quem pude contar e me comunicar incansavelmente tirando dúvidas, me dando dicas e indicando artigos que pudessem orientar e abrilhantar este trabalho. Fica meu eterno reconhecimento e gratidão por suas intermináveis intervenções.

Professores presentes e atenciosos, convidados da comissão examinadora na qualificação e na defesa da dissertação, cada um deixando um pouquinho do seu carinho e cuidado neste projeto e, sobretudo, me dando muito força e acreditando neste trabalho.

Amigos inesquecíveis de trabalho, meus anjos Gisele Luiza Apolinário Malheiros, Bianca Cristina Fernandes da Silva Almeida e Paulo Vitor Santos Lopes, que me apoiaram e me auxiliaram nas assinaturas, informações e documentações necessárias para a continuidade deste trabalho, sem deixar de mencionar todos os meus amigos da Secretaria Escolar, inclusive do Setor de Apoio que sempre estiveram ao meu lado, compartilhando e ajudando em tudo que precisei. Companheiras e companheiros de trabalho, que passaram a ser mais do que amigos, verdadeiros irmãos.

Para terminar, foi difícil dividir o tempo para a família com mais essa aprendizagem; então, para meu filho e familiares, mais que minha gratidão: minha reverência.

Gratidão é a palavra que me define. Todos estarão sempre em meu coração.

*“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros
desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são
pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode
levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados
sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros.
Porque a essência dos pássaros é o voo.
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.
O que elas amam são pássaros em voo. Existem para
dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo,
isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro
dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser
encorajado.”*

(Rubem Alves)

RESUMO

Conhecer o processo formativo e a trajetória profissional dos estudantes egressos do Curso Técnico em Análises Clínicas da Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) foi uma forma de trazer muitas inquietações sobre a formação desenvolvida no âmbito da Escola e como os estudantes se apoderavam e aproveitavam destes ensinamentos que lhes eram prestados e como estes estudos contribuía e influenciavam suas vidas. Buscou-se avaliar as percepções dos estudantes formados no Curso Técnico de Análises Clínicas da EPSJV, com relação à sua atuação profissional, de modo a compreender o seu processo de ensino aprendizagem e contribuir para reformulações no Curso técnico em questão, possibilitando a ampliação do seu conhecimento tecnológico e científico. Este trabalho utilizou a metodologia qualitativa apoiada em dados quantitativos. Em um universo de 104 egressos de 4 turmas referentes aos anos de 2012, 2013, 2014 e 2015, cinquenta e seis egressos responderam ao questionário e, destes, dezesseis, que trabalhavam na área de sua formação no momento da realização dessa pesquisa, foram entrevistados por meio de um questionário semiestruturados, foram comparados os dados da literatura de revisão bibliográfica com os dados resultantes dos questionários aplicados e processados por meio de análises e compactação de suas respostas. Ainda foram realizadas entrevistas com coordenadores e ex-coordenadores do curso técnico de análises clínicas para melhor entendimento de todo o processo histórico do Curso desde a constituição da Escola. A conclusão da pesquisa apontou uma ótima qualidade da avaliação do curso e do corpo docente, com boa inserção no mercado de trabalho em pouco tempo após a formação dos técnicos pela EPSJV.

Palavras chaves: Análises Clínicas. Educação Profissional em Saúde. Ensino Médio Integrado.

ABSTRACT

Knowing the training process and the professional trajectory of students who graduated from the Technical Course in Clinical Analysis of the Joaquim Venâncio Polytechnic School in Health (EPSJV), was a way to raise many concerns about the training developed within the School and how students seized and took advantage of these teachings that were provided to them and how these studies contributed and influenced their lives. We sought to assess the perceptions of students trained in the Technical Course of Clinical Analysis at EPSJV, regarding their professional performance, in order to understand their teaching-learning process and contribute to reformulations in the technical course in question, enabling the expansion of their technological and scientific knowledge. This work used a qualitative methodology supported by quantitative data. In a universe of 104 graduates from 4 classes referring to the years 2012, 2013, 2014 and 2015, fifty-six graduates answered the questionnaire and, of these, sixteen, who worked in the area of their training at the time of this research, were interviewed through a semi-structured questionnaire, literature review data were compared with data resulting from applied and processed questionnaires through analysis and compaction of their responses. Interviews were also carried out with coordinators and former coordinators of the clinical analysis technical course for a better understanding of the entire historical process of the Course since the establishment of the School. The conclusion of the survey indicated a great quality of the course evaluation and of teachers, with good insertion in the job market in a short time after the formation of technicians by EPSJV.

Keywords : Clinical Analysis. Professional Education in Health. High School Integrated.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de respondentes ao questionário por turma e percentual por turma na composição da amostra	80
Tabela 2 - Situação Profissional e/ou Acadêmica atual dos egressos	81
Tabela 3 - Motivo pelo qual os egressos não estão realizando atividades profissionais na área técnica	82
Tabela 4 - Tempo decorrido entre a conclusão do curso e o início da atividade profissional	84
Tabela 5 - Tipo de Instituição de Saúde na qual os egressos exercem sua atividade profissional	85
Tabela 6 - Inserção no mercado de trabalho dos egressos que desenvolviam atividades na área da formação técnica de acordo com o tipo de empresa: pública ou privada	85
Tabela 7 - Forma de obtenção do emprego atual considerando os egressos que indicaram que trabalhavam na área da formação técnica	87
Tabela 8 - Avaliação sobre a preparação do egresso para o mercado de trabalho, pós conclusão do Curso	88
Tabela 9 - Contribuição das disciplinas técnicas para o desempenho profissional	89
Tabela 10 - Conceito atribuído aos professores das disciplinas da formação geral	90
Tabela 11 - Conceito atribuído aos professores das disciplinas técnicas	90
Tabela 12 - Conceito atribuído ao curso de Análises Clínicas da EPSJV	92
Tabela 13 - Motivo da escolha da EPSJV para estudar	93
Tabela 14 - Autoavaliação quanto à dedicação aos estudos durante o curso	95
Tabela 15 - Autoavaliação quanto à assiduidade e pontualidade às aulas	96
Tabela 16 - Autoavaliação sobre o envolvimento nas atividades sugeridas durante o curso	97
Tabela 17 - Você ainda mantém algum vínculo junto à EPSJV	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIOBRÁS	Bioquímica do Brasil S.A.
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BIRD	Banco Mundial
BIOMANGUINHOS/FIOCRUZ	Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos
CECAL/FIOCRUZ	Centro de Criação de Animais de Laboratório
CDTS	Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina e Caribe
COREN	Conselho Regional de Farmácia
CNS	Conferencia Nacional em Saúde
CTNMS	Curso Técnico de Nível Médio em Saúde
CPqAM/FIOCRUZ	Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães –PE Conselho Regional de Farmácia
CRF	
CTLBS	Curso Técnico de Laboratório em Bodiagnóstico
CNE/CEB	Conselho Nacional de Educação /Câmara de Educação Básica
CNPq/FIOCRUZ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
DNA	Ácido Desoxirribonucleico
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
EPSJV	Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FUNED	Fundação Ezequiel Dias
GMP Quality	Good Manufacturing Practice Quality
HGB	Hospital Geral de Bonsucesso
HPLC	High Performance Liquid Chromatography

ICTB	Instituto de Ciência e Tecnologia em Biomodelos
IEP	Iniciação à Educação Politécnica
IFF	Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira
IFRN	Instituto Federal do Rio Grande do Norte
INCQS	Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde
INI/FIOCRUZ	Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
LABFORM/EPSJV	Laboratório de Formação Geral na Educação Básica
LABPAT/IOC	Laboratório de Patologia/Instituto Oswaldo Cruz
LACEN	Laboratório Central Noel Nutels
LATEC/FIOCRUZ	Laboratório de Educação Profissional em Técnicas Laboratoriais em Saúde
MUDES	Fund. Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PADCT/CNPq	Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PAETEC	Programa de Aperfeiçoamento do Ensino Técnico.
PIBIC-EM	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ensino Médio
PROFAE	Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Enfermagem
PROVOC	Programa de Iniciação Científica
PTCC	Projeto, Trabalho, Ciência e Cultura
RNC	Referência Curricular Nacional para a Educação
SARESP	Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
VPEIC/FIOCRUZ	Vice-presidência de Educação, Informação e Comunicação

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1- INTRODUÇÃO	13
CONHECENDO UM POUCO A HISTÓRIA DA FIOCRUZ	13
PROJETO LARGA ESCALA	14
A CRIAÇÃO DA ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO (EPSJV)	14
A FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO CURSO TÉCNICO DE 2º GRAU	16
CURSO TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS	17
CRIAÇÃO DO PROJETO QUARTA SÉRIE	18
CAPÍTULO 2 - DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	22
QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS SOBRE EGRESSOS DO CURSO TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS	22
JUSFICATIVA	26
A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DO EGRESSO DO CURSO TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS NA CONJUNTURA ECONÔMICA ATUAL	27
OBJETIVOS	32
OBJETIVO GERAL	32
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	32
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	33
CAPÍTULO 4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	36
A POLITECNIA ADOTADA PELA EPSJV A PARTIR DOS ESTUDOS DE DEMERVAL SAVIANI	36
A EDUCAÇÃO VOLTADA EXCLUSIVAMENTE PARA O MERCADO DE TRABALHO? COMO LIDAR COM A DUALIDADE DA EDUCAÇÃO NA CRISE ATUAL	41
TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS NA CONJUNTURA ECONÔMICA ATUAL	44
CAPÍTULO 5 CURRÍCULO FORMATIVO	47
TÉCNICAS LABORATORIAIS EM SAÚDE	55
DIAGNÓSTICO DA ÁREA	56
A INFRAESTRUTURA PARA O FUNCIONAMENTO DO CURSO TÉCNICO	60
COMO AS MUDANÇAS CURRICULARES IMPACTARAM A FORMAÇÃO DO TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS	65

PERFIL ESPERADO DOS DOCENTES E EGRESSOS DO CURSO	66
AVALIAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO DO PROFISSIONAL TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS	68
A ORGANIZAÇÃO E A INTEGRAÇÃO ENTRE A PARTE TÉCNICA E A FORMAÇÃO GERAL. ESTRATÉGIAS E AÇÕES REALIZADAS PARA A CONCRETIZAÇÃO DA FORMAÇÃO POLITÉCNICA NOS CURSOS TÉCNICOS EM ANÁLISES CLÍNICAS	70
COMO ESTÁ O MERCADO DE TRABALHO DO PROFISSIONAL TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS HOJE E NO FUTURO	73
ESTÁGIO	76
CONSELHOS PROFISSIONAIS	78
CAPÍTULO 6 - SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO REALIZADA COM OS EGRESSOS	80
ANÁLISE DOS CONTEÚDOS	101
RESULTADOS	120
CONCLUSÃO	126
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE A - Termo de anuência da instituição	136
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista aos coordenadores (Roteiro relativo à solicitação de Emenda ao Projeto)	137
APÊNDICE C – Questionário – perfil dos egressos	141
APÊNDICE D - Entrevista - pesquisa sobre o acompanhamento de egressos do curso técnico de análises clínicas da EPSJV	145
APÊNDICE E – Instrumento para Avaliação permanente dos Cursos Técnicos desenvolvidos pela EPSJV a partir do olhar e trajetória de seus egressos	146
APÊNDICE F - Estudantes de Análises Clínicas por Turma – duração 4 anos- Total 5.160 horas	156
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para respostas ao questionário	157
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para respostas dos estudantes que responderam à entrevista	160
ANEXO C - Registro de Consentimento Livre e Esclarecido aplicado aos coordenadores e ex-coordenadores do Curso de Análises Clínicas	163

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

CONHECENDO UM POUCO A HISTÓRIA DA FIOCRUZ

A Fiocruz é referência para a Saúde Pública no Brasil e no mundo, dedicando-se à pesquisa, assistência, vigilância à saúde e produção de vacinas, medicamentos e outros insumos para a saúde. E destaca-se – em todo seu histórico de 115 anos – pela formação de trabalhadores para o referido campo, com a oferta de cursos de especialização, aperfeiçoamento e atualização, ensino técnico profissionalizante, bem como com a oferta de programas de mestrado e doutorado. No campo da formação em saúde pública, já em 1908 iniciou-se a oferta do Curso de Aplicação de Manguinhos, que visava formar especialistas do Instituto Oswaldo Cruz e de outras instituições, nacionais e estrangeiras.

Em 1925, previsto em Decreto presidencial, foi criado o Curso de Especialização de Higiene e Saúde Pública, para a preparação de médicos para as funções sanitárias, o que lhes dava também entrada direta para o serviço público. E em 1958, quatro anos após a criação da Escola Nacional de Saúde Pública, o Decreto nº 43.296 colocou para ela a prerrogativa da formação de especialistas em Medicina Sanitária para o funcionalismo federal. Em 1977, já como unidade da Fundação Oswaldo Cruz (criada em 1970), a ENSP iniciou a oferta descentralizada de seus cursos de especialização em Saúde Pública, em convênio com as secretarias de saúde dos estados e com universidades.

No entanto, a implantação de mecanismos nacionais de regulação da oferta de cursos de especialização somente se iniciou, de fato, com a Resolução nº 14/1977, pelo Conselho Federal de Educação, regulamentando cursos de especialização como instrumento de qualificação do magistério superior, para suprir forte carência de docentes universitários. E muito depois, na década de 2.000, foram criadas novas resoluções buscando abarcar o que foi chamado de “instituições não-educacionais”, aquelas que, não sendo parte do sistema formal de ensino regido pelas normas do Ministério da Educação, estavam a pleitear a oferta de cursos de pós-graduação lato sensu, dentre estas, as Escolas de Governo da União, que possuem atribuição prevista na Constituição Federal (Art. 39, § 2º) de realizar a formação e aperfeiçoamento dos servidores públicos, sendo a participação nos cursos um dos requisitos para a promoção na carreira. (PDI/ Fiocruz-2016-2020,p.11).

Desse período em diante, várias outras unidades da Fiocruz passaram a implementar cursos de especialização em seus campos de atuação, de tal forma que em 2016 existe uma

significativa presença desses cursos, estando definida a oferta de 37 cursos presenciais (836 vagas), por 11 unidades da Fiocruz, e de 11 cursos na modalidade a distância, alcançando 5.510 vagas, ofertados por três unidades e suas parcerias.

PROJETO LARGA ESCALA

O Projeto Larga Escala foi concebido em 1981, em uma parceria entre os Ministérios da Saúde, da Educação e Cultura e da Previdência e Assistência Social, com o apoio da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Tinha como objetivo a promoção e a melhoria da formação dos trabalhadores de nível médio e fundamental já inseridos nos serviços de saúde). “com atuação dirigida fundamentalmente para a qualificação do grande contingente de trabalhadores sem formação profissional no interior dos serviços de saúde, em articulação com o ensino supletivo, tornou-se progressivamente a principal estratégia nessa área”, destaca. (ANTUNES, et al, 2020, p.10).

A criação da EPSJV ocorre logo após a concepção, pelo governo federal, do projeto Larga Escala constituiu-se numa estratégia de formação de recursos humanos para o setor saúde. Tem uma importância fundamental, pois representa uma estratégia de formação factível para um grande contingente de trabalhadores, sem qualificação profissional específica, inseridos nos serviços de saúde. Tratou-se de uma opção acordada entre os setores da saúde e da educação, desenvolvida através de uma modalidade de educação do sistema formal do ensino nacional; a via supletiva. Estabeleceu-se como uma experiência pedagógica, amparada pela Lei Federal nº 5.692/ 71 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o artigo 33 da Resolução do Conselho Estadual de Educação - C.E.E. 23/83. Tem como objetivo principal, qualificar profissionalmente pessoal de nível médio e elementar, que esteja atuando nos serviços públicos de saúde e que não tiveram oportunidade de escolarização anterior. (SAO PAULO, SP, 1989).

A CRIAÇÃO DA ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO (EPSJV)

Em agosto de 1985 criou-se a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como unidade catalisadora do potencial existente na Fundação Oswaldo Cruz, pretendendo, de forma sistematizada e programada, formar e qualificar profissionais técnicos nas áreas de produção tecnológica, pesquisa biológica e serviços de saúde pública. A partir disso, esboçaram-se três modalidades de cursos: cursos voltados para o pessoal já absorvido pela rede de saúde, facultados por força de convênios com instituições do setor; cursos oferecidos

segundo a demanda dos próprios serviços de saúde que em determinado momento enfrentam problemas específicos, necessitando respostas específicas; e implantação do sistema formal de ensino (profissionalizante de segundo grau). (MALHÃO, André Paulo et al, 1987, p. 23).

Voltada para a formação de técnicos na área da saúde, decidiu-se homenagear Joaquim Venâncio, que havia se destacado em seu trabalho como assistente de Adolpho Lutz. A escolha do nome de Joaquim também buscou dar visibilidade aos trabalhadores técnicos que, historicamente, têm acesso desigual aos processos de escolarização e qualificação profissional. A escolha do seu nome como patrono se deve ao fato de Joaquim ser considerado também um professor. (NEVES, Julia, p. 6, 2020).

A EPSJV tem por finalidade formar técnicos para atuar em diferentes processos de trabalho em saúde, ciência e tecnologia. A formação técnica na Escola ocorre tanto nas formas articulada e subsequente ao Ensino Médio, podendo a forma articulada ser desenvolvida tanto de forma integrada ou concomitante conforme legislação brasileira. Na forma integrada modalidade integrada ao Ensino Médio são realizados cursos, através das habilitações técnicas em Análises Clínicas, Biotecnologia e Gerência em Saúde; todos direcionados a alunos oriundos do ensino fundamental que fazem o ensino médio e a habilitação profissional com matrícula única. (ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO, 2005).

Na EPSJV, a pesquisa, além de ser uma área de atuação, também é um princípio educativo na formação de seus alunos. As atividades de pesquisa são desenvolvidas durante toda a formação técnica culminando, no caso do curso técnico integrado na defesa de monografia ao final do curso.

Em 1988, iniciou-se o curso técnico de segundo grau (CTSG) na Educação Profissional em Saúde integrada ao Ensino Médio na Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), tendo, como público, adolescentes oriundos principalmente de escolas públicas municipais. A profissionalização proposta pelo CTSG concebe o conhecimento como uma construção histórica a partir da relação entre os homens e destes com a natureza, processo pelo qual o homem transforma a natureza e a si mesmo. O Curso Técnico em Nível Médio em Saúde (CTNMS) foi criado com a perspectiva de formar trabalhadores para o Sistema Único de Saúde (SUS) a partir da proposta pedagógica da politecnia. (ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO, 1996, p.185).

Em julho de 1991, o Ministério da Educação por meio da Portaria nº45, autorizou a EPSJV a ministrar os cursos técnicos de Histologia, Administração Hospitalar, Patologia

Clínica e de Registros em Saúde que foi estruturado em três séries, de horário integral. (ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO, 1996, p.185).

À FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO CURSO TÉCNICO DE 2º GRAU NA EPSJV

De fato, a complexidade do conceito de saúde, definida na 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS), como “resultante das condições de habitação, alimentação, educação, renda, meio-ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde” (BRASIL, 1986).

O novo conceito de saúde definido na 8ª Conferência Nacional de Saúde (1986) trouxe entre seus desafios um repensar quando da organização ou oferta de formação profissional. Haveria, sem dúvida, a necessidade de pensar novos conteúdos, desdobrados em disciplinas com diferentes linguagens. Além da compreensão de novos conteúdos científicos e a inserção do debate sobre os valores éticos capazes de conferir sentido ao exercício de sua profissão. (Nísia Trindade Lima et al. p.86, 2005).

Conforme expressado no Art. 200 da Constituição de 1988, que indicou entre as competências do Sistema Único de Saúde a ordenação dos recursos humanos para o setor, vislumbrou-se a necessidade de desdobramentos da adoção do conceito ampliado de saúde pela 8ª Conferência Nacional em Saúde (CNS), que foi a maior articulação entre a área da saúde e a educação.

Um dos desdobramentos da adoção do conceito ampliado de saúde pela 8ª CNS foi a maior articulação entre a área da saúde e a educação.

E foi nesse momento histórico que a Escola começou suas atividades de formação para a Saúde.

Neste contexto, é ímpar citar Ricardo Ceccim quando esclarece que “como vertente pedagógica” a educação permanente ganhou estatuto de política pública na área da saúde pela difusão da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) para alcançar o desenvolvimento dos sistemas de saúde na região: “[...] os serviços são organizações complexas em que somente a aprendizagem significativa será capaz de adesão dos trabalhadores nos processos de mudanças no cotidiano”. A saúde tem, assim, o desafio de incorporar o processo educativo ao cotidiano de trabalho. (CECCIM 2005, p.161).

Contudo, os movimentos, os preceitos, as diretrizes e os anseios do projeto iniciado na década de 80 nunca se aquietaram. Já em junho de 1992, o curso passou por sua primeira reorganização com a instituição do Projeto Quarta Série e, logo em seguida, iniciaram-se

movimentos mais expressivos pensando na reformulação das habilitações. Até então, as habilitações oferecidas na área de diagnóstico, continuavam sendo Patologia Clínica e Histologia.

O CURSO TÉCNICO EM ANÁLISES CLÍNICAS

O Curso Técnico em Análises Clínicas tem sua origem na reformulação do antigo Curso Técnico de Segundo Grau (CTSG), que, no ano de 2001, foi denominado de Curso Técnico de Laboratório de BIODIAGNÓSTICO em Saúde. A proposta original do CTSG surgiu de um estudo desenvolvido por pesquisadores da EPSJV, através do Projeto de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento em Ciência e Tecnologia (PADCT/CNPq), em meados da década de 90, que resultou na reformulação da educação profissional em laboratórios de saúde. O trabalho apresentou, como resultado, uma formação mais ampla para o técnico em saúde com a fusão das duas habilitações antes oferecidas pelo CTSG (Patologia Clínica e Histologia).

Na época, o Técnico de Laboratório em BIODIAGNÓSTICO em Saúde era formado para atuar no apoio ao diagnóstico clínico de doenças. Era responsável por todo o procedimento laboratorial até gerar um resultado que era analisado por um profissional de nível superior, geralmente um médico, que emitia o laudo do exame feito. A partir de 2009, com a publicação do primeiro Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, instituído pela Portaria MEC nº 870, de 16 de julho de 2008, o curso teve sua nomenclatura alterada para Curso Técnico em Análises Clínicas. Naquele momento, o curso tinha no ensino médio a carga horária de 2610 horas e no ensino técnico a carga horária de 1800 horas, perfazendo um total de 4410 horas. As disciplinas se desenvolviam por meio de aulas teóricas e práticas (Portaria MS nº 3.189/2009).

O Projeto de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento em Ciência e Tecnologia (PADCT) foi realmente uma inflexão na formação em biodiagnóstico e mais recente na habilitação de Análises Clínicas análise, além de criar o curso se pensou na infraestrutura e também no aporte de professores mais ligados ao curso.

Partiu-se do estudo do PADCT, que foi um Programa de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento Tecnológico do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que começou em 1996. Esse projeto tinha a finalidade de ampliar essa formação através da fusão das duas habilitações, tanto da patologia quanto a histologia. Então, nessa época, se analisou os processos de trabalho em várias unidades técnico-científica da FIOCRUZ como Instituto de Tecnologia em Fármacos (FARMANGUINHOS), Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (BIOMANGUINHOS), o Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS), Escola Nacional de

Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP), Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF) e o Instituto Leônidas e Maria Deane (FIOCRUZ Amazônia) e também alguns laboratórios privados como o Laboratório Sérgio Franco; a Fundação Instituto de Pesquisa da Biodiversidade (BIOBRÁS) e a Fundação Ezequiel Dias, com o objetivo de atender:

- a exigência de uma base mais sólida de formação geral;- a necessidade de conhecimento da totalidade do processo de trabalho;- a perda do espaço da atuação do técnico de laboratório em função das questões relativas à oferta de mão-de-obra no sistema capitalista;- a divisão do trabalho do técnico de laboratório em cinco tipos básicos de formação, com diferentes conhecimentos e habilidades;- a possibilidade de se constituir uma única habilitação para o nível médio em saúde, que compartilhe uma base de conhecimentos técnicos comuns. (Profª e Coordenadora Mônica Murito).

Os pontos básicos que se queria analisar era com o objetivo de se ter uma sólida base de formação geral da totalidade do processo de trabalho. Então, uma unidade só ou duas, não daria essa totalidade do processo de trabalho; fomos então a várias unidades de laboratórios desde o controle de qualidade como também a unidade de serviço, que envolvia pesquisas, serviços públicos e privados também, e a perda do espaço de atuação do técnico em função das questões na oferta de mão-de-obra. Então, era necessário analisar isso também, como é que o técnico estava atuando nessa época, porque foram avaliadas diversas unidades.

A partir de 2001, o curso passou a ser denominado de Curso Técnico de Bodiagnóstico em Saúde. Essa mudança ocorreu a partir da legislação e da nomenclatura estabelecida pelo Catálogo Nacional de Cursos Técnicos em que representantes da escola participaram de reuniões em Brasília. O curso antes era Patologia Clínica e ocorria em um período de quatro anos passando a ser desenvolvido em três anos. (Profª e Coordenadora Mônica Murito)¹.

O curso técnico em Análises Clínicas sempre teve o objetivo de formar jovens profissionais técnicos de nível médio para atuarem na área da Saúde, tanto na assistência, quanto na pesquisa. Possibilitando diferentes inserções no mercado de trabalho, podendo desenvolver suas atividades em instituições públicas ou entidades privadas.

CRIAÇÃO DO PROJETO QUARTA SÉRIE

Em junho de 1992, a escola criou o Projeto Quarta Série, que estabeleceu a elaboração e a defesa de uma monografia como requisitos para a conclusão do Curso Técnico de Nível Médio em Saúde. Este projeto foi criado porque, desde a sua origem, a pesquisa fez parte do projeto pedagógico da EPSJV.

¹ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

Para além da aprendizagem do método de investigação científica e das técnicas de elaboração de um texto científico, o projeto era o convite ao desenvolvimento pelo estudante da capacidade de realizar uma investigação crítica das atividades, das relações e dos processos de trabalho em saúde. (ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO, 1992).

Para Baldacci, ex coordenador da EPSJV, iniciou-se um primeiro movimento de trabalho mais integrado, através da implementação da monografia como componente pedagógico, denominado de Projeto Quarta Série. O início desse projeto contou somente com a participação dos professores do Ensino Médio. O que garantia uma integração maior entre o Ensino Médio no trabalho desenvolvido. Os temas e as discussões eram mais abrangentes e conseguiam levar uma participação maior dos professores e uma discussão interdisciplinar. E Baldacci completa, então, que só depois de muito tempo é que começaram ou a entrar os professores da parte técnica o que possibilitou uma maior integração entre a parte técnica e o ensino médio (Informação verbal).

A discussão do Projeto Quarta Série iniciou-se no interior do Ensino Médio, que possuía um corpo docente de professores, enquanto a parte técnica contava com a parceria das unidades da FIOCRUZ para ministrar as disciplinas, o que dificultava a integração.

Eram todos pesquisadores que colaboravam com as aulas do Curso Técnico, mas não participavam da construção do projeto político-pedagógico. Então, quando foi criado o Projeto Quarta Série. Todos os estudantes eram orientados pelos professores de Ensino Médio e os professores do técnico somente assistiam à apresentação dos alunos, informou Baldacci (Informação verbal)².

A partir de 1998, com a realização de concursos públicos para o ingresso de novos servidores na Fiocruz, foi possível ampliar o quadro de profissionais na educação profissional, possibilitando também ampliar a participação docente no projeto quarta série, que depois virou monografia, TCC.

Para Baldacci, ex coordenador da EPSJV, a partir do momento em que os professores da educação profissional começaram a orientar os alunos, as monografias passaram a ter temas ligados à sua formação profissional, o que foi um grande ganho, porque muitos deles conseguiram articular a formação, o estágio, ao trabalho de monografia, possibilitando desenvolver trabalho de

² Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Mauricio Baldacci.

pesquisa relacionados aos conhecimentos adquiridos na parte técnica. (Informação verbal).

Em 1997, com a “promulgação” do Decreto Federal nº 2.208 estabeleceu-se que a educação profissional passasse a ser desenvolvida em articulação com o ensino regular e não mais de forma integrada, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este. O referido decreto prescrevia organizações curriculares próprias, autônomas e independentes.

Portanto, preocupações de diferentes ordens tomaram as discussões sobre o currículo na Escola. Segundo o Parecer CNE/CEB nº 17/97, que estabelecia a separação entre o Ensino Médio e o Ensino Técnico, e defendia ser vantajoso “tanto para o aluno, que passava a contar com uma maior flexibilidade na escolha de seu itinerário de educação profissional [...] quanto para as instituições de ensino técnico que passavam a ter uma maior versatilidade, podendo rever e atualizar os seus currículos”. Os princípios do novo decreto vinham em oposição aos princípios da Educação Politécnica defendida e que referenciava as práticas da Escola.

Em 23 de julho de 2004, com a “promulgação” do Decreto 5154/2004 que regulamenta o § 2º do art. 36 e os art. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, que continha entre os seus princípios a integração entre o ensino médio e a educação profissional, finalmente, a EPSJV tinha seu projeto político pedagógico referendado por lei e garantindo à Escola a elaboração de trajetórias formativas fundamentadas na ousadia qualificada e crítica e o caráter inovador que a Escola cultivava desde a sua origem. Isto porque, ao formular e implementar o então Curso Técnico de 2º grau, no ano de 1988, a EPSJV construiu seu currículo contrariando os princípios legais vigentes na Educação.

Importantes mudanças aconteceram no ensino a partir da criação da Lei 5.692/71:

O estudo da Lei 5.692/71, confrontando-se os pressupostos e os efeitos de sua política de profissionalização com políticas anteriores, evidenciou nova forma de oposição entre as funções propedêutica e profissionalizante. Ambas não mais se contrapõem em termos de humanismo e técnica, como ocorria até ao final dos anos 50. O maior prestígio dos cursos superiores ligados à ciência e à tecnologia mostra que a oposição é, explicitamente, entre as tarefas de decisão e de execução, configurando a forma de divisão do trabalho, característica da grande empresa moderna. A partir desse raciocínio, pode-se concluir que não é muito fácil propor uma reformulação que garanta, ao mesmo tempo, uma ampla democratização e uma profissionalização "tout court" do ensino de 2º grau. A questão consiste, portanto, em se definirem as relações entre profissionalização e democratização, como condição de possibilidade para não se cair nos vícios de um tecnicismo imediatista ou de uma instigação precoce para o mercado de trabalho. A democratização pode ser entendida em dois níveis: o das condições - que é pressuposto mais amplo - e o das oportunidades - que está vinculado às possibilidades de entrada do aluno no sistema escolar e a

sua continuidade no mesmo. A democratização das condições significa maior equidade social, econômica e política, de modo que todos os cidadãos possam usufruir seus direitos com dignidade. Depende apenas indiretamente da educação, que não tem condições de mudar, por si só, as condições de emprego, de salário e de bem-estar social em geral (CURY *et al*, 1982, p. 54).

A formação profissional pensada na origem da Escola e vigente até os dias atuais é fruto da construção histórica do currículo e da comunhão com o pensamento crítico da educação, da saúde e a construção do conhecimento científico. A partir do entendimento do Currículo como um campo ideológico, de reprodução e ao mesmo tempo de resistência, em que o entendimento sobre “o que ensinar” está definitivamente atrelado às relações de poder e à luta por um certo tipo de sociedade.

Pode-se afirmar que atribuições como essas, identificadas neste nível de educação, representam o elo entre a antiga Formação Geral, que tradicionalmente era oferecida pelo Curso Técnico de Segundo Grau (CURY *et al*, 1982), e pelo posterior Ensino Médio do Curso Técnico de Nível Médio em Saúde. De certa forma, por implementar uma proposta de formação profissionalizante a partir de princípios da formação omnilateral, aquela Formação Geral já apontava para questões da preparação para o mundo do trabalho e a cidadania, guardadas as especificidades, tanto do momento histórico como de suas próprias bases teóricas. Sendo assim, reformular a noção de educação contida naquela Formação Geral para uma proposta de Ensino Médio, exigiu rearranjos na medida em que os fundamentos teóricos já vinham sendo consolidados através desta experiência.

Foi uma experiência que favoreceu a formulação de uma nova proposta pedagógica. Neste caso, considerou-se fundamental preservar alguns princípios enunciadores da omnilateralidade que, em certa medida, apresentam-se presentes nas formulações das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) e integrar outros tantos que se apresentam mais em conformidade à atual proposta de ensino.

CAPÍTULO 2 - DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Esta pesquisa visou analisar se o processo ensino-aprendizagem, pautado no desenvolvimento de competências e habilidades, na habilitação técnica de Análises Clínicas, proposto pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EP SJV/FIOCRUZ, está garantindo uma formação acadêmico-profissional que conduza a práticas profissionais eficientes e sua integração profissional neste cenário atual político e econômico do país.

Pretendeu, ainda, procurar entender o processo e percurso que os egressos fizeram a partir dos conhecimentos adquiridos no Curso Técnico de Análises Clínicas e como este aprendizado contribuiu para sua atuação profissional ou acadêmica após a conclusão do curso.

Buscou-se perceber de que maneira a participação nas disciplinas do curso contribuiu no desempenho dos egressos no domínio de competências técnicas e comportamentais para atender às expectativas do seu trabalho e sua integração social. Como exemplos, se tem como base a inserção de egressos dos Cursos Técnicos que também está presente na Fundação Oswaldo Cruz e na própria Escola Politécnica tendo entre o seu corpo de trabalhadores na Escola egressos que inclusive ocuparam cargo de Direção da própria Escola, como foi o caso do Prof^o Paulo César de Castro Ribeiro, no período de 2013 a 2017, que também foi Presidente do Sindicato dos Servidores de Ciência, Tecnologia, Produção e Inovação em Saúde Pública (ASFOC-SN), assim como outros egressos que são docentes-pesquisadores dentro da própria escola e também na FIOCRUZ.

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS SOBRE EGRESSOS DO CURSO TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Em estudos preliminares, constatou-se que, no âmbito educacional brasileiro, “egresso” significa o discente que não pertence mais a determinada comunidade escolar, compreendendo os diplomados, transferidos, desistentes e jubilados. A partir desta definição, enfatiza-se que o acompanhamento de egressos precisaria compor uma prática institucionalizada pela Escola, com a coordenação e acompanhamento de todo o processo pelo

Ressalta-se que os Decretos 2208/97, por Fernando Henrique Cardoso e 5154/04, por Luiz Inácio Lula da Silva, foram criados para promover a educação técnica profissional, com o objetivo de promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas. A particularidade desse Decreto é separar o Ensino Médio da Educação

Profissional, trazendo à realidade a dualidade histórica presente entre o ensino propedêutico e formação para o trabalho, indo contra a política praticada na EPSJV.

Para um melhor entendimento de como ocorreu toda a trajetória do Curso Técnico de Análises Clínicas foram feitas entrevistas com dois coordenadores e um ex-coordenador para que se amplie o leque de visão desta a origem da sua implantação.

Foram entrevistados os seguintes coordenadores e ex-coordenador do Curso Técnico: Prof^a Mônica Mendes Caminha Murito, atua no **Setor de** Laboratório de Educação Profissional em Técnicas Laboratoriais em Saúde. Atualmente é coordenadora e professora do Curso Técnico de Nível Médio em Análises Clínicas da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, atuando como Pesquisadora pela Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de educação profissional desenvolvendo projetos de pesquisa e atuando como docente nas áreas de química e biossegurança. O Prof^o e Coordenador Flávio Henrique Marcolino da Paixão, Professor da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV - FIOCRUZ). atua principalmente nos seguintes temas: malária, imunofarmacologia, toxicologia ambiental, imunotoxicologia. Atualmente leciona nas disciplinas de Protozoologia, Eixo Metodologia da Pesquisa e Biologia (ensino médio), além de coordenador do componente disciplinar Iniciação à Educação Politécnica (IEP) e o ex-coordenador Luiz Mauricio Baldacci. Atualmente é tecnologista Sênior em saúde pública da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Profissional em Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: formação profissional, processo de trabalho, educação profissional e currículo.

Os coordenadores e ex-coordenadores do Curso de Análises Clínicas autorizaram ter seus nomes citados nas entrevistas e suas falas foram mencionadas neste trabalho.

Por ter o foco no mercado, a educação profissional fica extremamente vulnerável às mudanças políticas e aos modelos de produção. Segundo o parecer CNE/CEB 16/99, a finalidade da educação profissional é propiciar o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. (BRASIL, 1999, p. 285).

A construção do conhecimento escolar interpela para uma dimensão política voltada a criar condições de possibilidade de transformações sociais, políticas e econômicas, pois a realidade da maioria dos sujeitos que a frequenta necessita disto, constatado pela experiência e observações das pesquisas sobre a situação socioeconômica das camadas populares no Brasil. A perspectiva pedagógica, neste sentido, tem como compromisso constituir um pensamento capaz de realizar a leitura da palavra e do mundo, dialeticamente, evidenciando as relações de poder intrínsecas ao contexto social e político. (SILVA, 2010, p. 21).

A escola tem um diferencial porque conta com um quadro de profissionais com uma excelente formação, a maioria com pós-graduação e que a pesquisa está aliada ao ensino propiciando desenvolver uma formação mais ampla, crítica e reflexiva aos

seus discentes. A visão pedagógica desenvolvida nos cursos da EPSJV se pauta na politécnica. Nesse processo, contamos com uma organização curricular que pressupõe que o aluno vai ter a compreensão do seu processo de trabalho, onde são desenvolvidos projetos de integração curricular, entre eles, o projeto Sankofa, Semeando, Feira de ciência e muitos outros que contribuem para a integração entre o ensino médio e a parte técnica (Profª Mônica Mendes Caminha Murito)³.

Como os coordenadores enfrentam toda esta mudança tecnológica, entendendo que uma parte dos egressos da escola infelizmente não vai para os laboratórios de pesquisa, nem vai poder acompanhar um laudo ou fazer um estudo histológico, mas sim ficar mais na coleta. Qual a percepção sobre isso?

Existem dois pontos, um é a atuação do técnico na rede particular e o outro, que é na área pública. A atuação do técnico no setor público geralmente ocorre através de concurso público ou contratos de terceirização onde o técnico vai trabalhar nos setores da patologia clínica ou na área histológica. Portanto, no setor particular, a atuação do técnico fica mais restrita ao setor de coleta de sangue por preferirem contratar o profissional de nível superior para trabalhar no diagnóstico, visto que ele pode assinar o laudo por ter formação superior. Geralmente esse profissional possui formação em biomedicina, medicina ou patologia. (Profª Mônica Mendes Caminha Murito)

*A organização dos laboratórios particulares é um outro fator que influencia a atuação restrita do técnico ao setor de coleta de sangue. Existe em cada bairro uma unidade que somente coleta o sangue e todo material é encaminhado para uma unidade central onde esse material é processado e analisado. Atualmente esses laboratórios se organizam em grandes redes como é a rede de Diagnósticos da América (DASA) que inclui os laboratórios Browstein e o Sérgio Franco. Essa rede possui uma unidade central em Duque de Caxias. Portanto, segundo Murito, a atuação do técnico na área particular além de se restringir a coleta de sangue, a remuneração é muito baixa. Às vezes não chega a um salário mínimo. Um profissional que trabalha quatro horas recebe uma quantia em torno de R\$850,00. Por exemplo, nessa pandemia se vê que está ampliando as oportunidades de atuação do técnico em análises clínicas tanto na área de serviço como na área de pesquisa. Principalmente com os diagnósticos para COVID 19, onde necessita dos conhecimentos da biologia molecular, como o exame do PCR-RT (que é o teste molecular, cujo nome tem sua origem inglesa e significa "reação de transcriptase reversa seguida de reação em cadeia da polimerase", cujo objetivo principal é colher uma amostra das secreções respiratórias do paciente e posteriormente tentar identificar a presença do vírus. Procura-se, então, a presença do **material genético** viral, na procura por evidências. Assim, ao encontrar uma ou mais "evidências" da presença do novo coronavírus em secreções humanas, pode-se confirmar a infecção e da microbiologia. (Profª Mônica Mendes Caminha Murito)*

É importante ressaltar que, a introdução das novas tecnologias exigiu uma maior qualificação dos trabalhadores e valorização da capacidade de inovação e compreensão do processo produtivo para garantir maior produtividade.

Segundo Tartuce, as novas tecnologias, tanto de base física quanto de base organizacional, estariam exigindo, portanto, um trabalhador com formação mais abrangente

³ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

para lidar com as diferentes tarefas cada vez mais abstratas, complexas e imprevisíveis; em uma palavra, não mais em trabalhador especializado em uma profissão, mas sim polivalente, para atuar em situações específicas (TARTUCE, 2002, p. 27).

A investigação do processo de trabalho busca colocar o homem como centro de nossa reflexão, considerando a existência de um duplo movimento: as transformações no trabalho enquanto atividade constituinte da condição humana e as transformações no mercado de trabalho, que não são completamente ditadas pelas mudanças na base conceitual do trabalho.

O crescimento da oferta de cursos técnicos e as novas exigências e demandas para o trabalho com relação à preparação dos profissionais e integração social, exigem das escolas sobre os profissionais que formam, além das capacidades técnicas, uma visão multidisciplinar, ultrapassando a complexidade do conhecimento científico.

JUSTIFICATIVA

A pesquisadora desta dissertação possui graduação em Gestão Pública pela Universidade Estácio de Sá (2016) e Especialização em Gestão Acadêmica pela ENSP/FIOCRUZ.

A escolha do tema sobre o estudo de egressos levou em conta o fato de a autora deste estudo ter concluído o Curso Técnico em Patologia na Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e atua como técnica em saúde pública da Fundação Oswaldo Cruz desde 2014. Trabalha no Setor de Registros da Secretaria Escolar da EPSJV, Setor que movimenta toda a documentação do aluno desde a sua inscrição de matrículas até a emissão dos Certificados e Históricos, além de outras atividades, como inclusão de nomes de alunos para utilizarem transportes entre outros. Desta forma, sempre mantém muito contato com os estudantes e pais dos mesmos, onde compartilha a vivência destes na Escola Politécnica, o que a motivou a escolher a habilitação do estudo de egressos do técnico de análises clínicas. A pesquisadora também acompanha, através dos registros acadêmicos a trajetória, dificuldades e avanços nas disciplinas e na interação desses alunos no espaço escolar, no momento de impressão dos respectivos boletins. Daí surgiu a inquietação em saber sobre a continuidade dos estudos e sua trajetória, a partir do momento em que o estudante concluiu o curso e deixa a Instituição, observando qual foi a parcela de contribuição e relevância que a EPSJV teve em sua vida futura.

Outro ponto fundamental para este estudo foi a observação da formação dos estudantes do Curso Técnico de Análises Clínicas que perpassam por um processo formativo integral e como esta formação que foca em ensino e pesquisa os preparou para os seus avanços acadêmicos e profissionais.

Outro fator que influenciou a escolha do estudo nesta área foi a inexistência de estudos de acompanhamento de egressos nesta habilitação pela EPSJV, bem como à pouca informação sobre os mesmos, que permita a avaliação do curso, como contribuição da formação acadêmica para a vida profissional, inserção em sua atuação profissional, realização do estudante e perfil do profissional, de modo a permitir que a Instituição possa avaliar e promover uma melhoria em seu ensino.

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DO EGRESSO DO CURSO TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS NA CONJUNTURA ECONÔMICA ATUAL

A questão que foi verificada, a atuação dos técnicos de análises clínicas formados pela EPSJV na atual conjuntura econômica e política do Brasil, proveniente da crise econômica mundial desde 2008, e impactos nas análises da situação estudada.

O estudo do egresso neste caso visa conferir se os caminhos da construção da escola na qual a prática não é como uma atividade estanque, divorciada das aulas teóricas; onde não existe desvinculação seja entre o saber e a prática, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, fizeram o diferencial entre estes alunos e sua entrada nas áreas profissional ou acadêmica.

Visto que a Escola Politécnica privilegia o acesso das camadas populares e que permite aos alunos terem, ao final do curso, o domínio do acervo de conhecimentos historicamente sistematizado, da mesma forma que os filhos das classes dirigentes, tendo condições de competir no mercado de trabalho e de questionar a ordem social estabelecida. (MALHÃO et al, 1987, p.32).

Buscou-se perceber, na visão do egresso, o diferencial de uma escola funcionando em horário integral, na qual o aluno tem liberdade de circular pelo campus da Fiocruz, frequentar as oficinas, laboratórios e bibliotecas, bem como participar das atividades desenvolvidas pelo núcleo cultural da fundação, com toda infraestrutura já existente, seja no que diz respeito a recursos materiais (refeitório, laboratórios, oficinas etc.), ou a recursos humanos (professores, pesquisadores e outros). (MALHÃO et al, 1987, p.33).

Se procurou trazer neste trabalho o advento da Lei nº 5.026, de 19 de maio de 2009, do município do Rio de Janeiro, que dispõe sobre a qualificação de entidades como as Organizações Sociais, que impactou na contratação de pessoal do quadro da saúde, trazendo a questão da privatização de cunho bastante expressivo, onde pode-se considerar a dificuldade maior do egresso em sua colocação no mercado de trabalho, tendo que se submeter as leis trabalhistas cada vez mais opressoras do nosso sistema:

No Art. 1º da mencionada lei e seus parágrafos 1º, 2 e 3 são citados: O Poder Executivo poderá qualificar como Organizações Sociais as pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura, à saúde e ao esporte, atendidos aos requisitos previstos nesta Lei. §1º As Organizações Sociais cujas atividades sejam dirigidas ao ensino poderão atuar exclusivamente em creches e no reforço escolar. §2º As Organizações Sociais cujas atividades sejam dirigidas à saúde poderão atuar exclusivamente em unidades de saúde criadas a partir da entrada em vigor desta Lei, no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla e nos equipamentos destinados ao Programa de Saúde

da Família. § 3º Os contratos de gestão de que trata esta Lei serão submetidos ao controle externo da Câmara dos Vereadores, que o exercerá com o auxílio do Tribunal de Contas, ficando o controle interno a cargo do Poder Executivo. (RIO DE JANEIRO, RJ, 2009).

Percebe-se, desta forma, o grande impacto que ocorre no mercado de trabalho dos técnicos formados no Brasil, onde se afunila e limita a atuação de muitos profissionais, pois o mercado se torna cada vez mais recessivo e com menores oportunidades de trabalho.

Diante do exposto, é importante ressaltar o maior diferencial e desafio na EPSJV em seu projeto político pedagógico de estruturar a integração entre o ensino médio e o técnico, contribuindo para o desenvolvimento e aprimoramento do egresso e estimulando o desenvolvimento e a inclusão de novos desafios em suas atividades. É, pois, imprescindível saber o que os egressos pensam a respeito da formação recebida e como estão se inserindo em sua trajetória escolar no ensino superior e no contexto profissional para se proceder a ajustes em todas as partes do sistema de ensino ofertado.

O conhecimento do que fazem esses profissionais e suas adequações aos setores em que atuam possibilita uma reflexão crítica sobre a formação e sua relação com as reais necessidades da sua área de atuação profissional.

Conhecer a trajetória profissional e acadêmica do técnico egresso, ou seja, em quanto tempo o egresso se estabiliza profissionalmente, qual o seu poder decisório, competências, autonomia e perspectivas, bem como o trajeto percorrido através de cursos após a sua formação politécnica. Dessa forma se fez um percurso na contramão da Teoria das Competências, não deixando subordinar a educação escolar aos interesses da classe dominante, ao transformar a escola em um aparelho estratégico com função de adaptar os estudantes, futuros trabalhadores, aos padrões de produção, preparando-os, conforme Ramos, “para a mobilidade permanente entre diferentes ocupações numa mesma empresa, entre diferentes empresas, para o subemprego, para o trabalho autônomo ou para o não trabalho” (RAMOS, 2013, p. 537).

Existem amplas possibilidades de acesso em áreas de atuação do técnico de análises clínicas, conforme citados no projeto político pedagógico da EPSJV:

Os diferentes campos de atuação do técnico de laboratório em saúde encontrado nos setores público e privado:

- Setor Industrial: Técnico de produção - Atua em produção de imunobiológicos, tais como vacinas e kits de diagnósticos e na indústria farmacêutica, na produção de fármacos. Nesta área, alguns conceitos são fundamentais para o entendimento das técnicas de produção, além do conhecimento das boas normas de produção (GMP),
- Setor de Serviços – Atua em Centros de Saúde, Hospitais e Laboratórios de Análises Médicas, abrange tanto o técnico de auxílio ao diagnóstico médico, englobando principalmente a área de conhecimentos biomédicos.
- Setor de Pesquisa – Atua em Centros de Pesquisas, trabalhando com pesquisa básica e aplicada. As atividades nesta área não estão totalmente padronizadas e rotinizadas e sua execução exige o domínio amplo de conhecimentos em diversas áreas.
- Setor de Controle de Qualidade - Atua em laboratórios de controle de qualidade em saúde. Executa atividades mais rotinizadas, cuja tecnologia está totalmente

padronizada, necessitando de conhecimentos nas áreas de química, física e biologia. Ressaltamos que os conhecimentos de Biossegurança e de Boas Práticas de Laboratórios perpassam todas as áreas de atuação do técnico de laboratório em biodiagnóstico em saúde, sendo de fundamental importância a sua inclusão na formação do Técnico de Laboratório, minimizando os riscos referentes às atividades desenvolvidas por estes e aumentando a qualidade do trabalho executado. (ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO, 2005, p. 124).

A área de atuação do técnico de Análises Clínicas é extensa e, além de exercer sua profissão em laboratórios, o técnico pode se dedicar também ou exclusivamente a pesquisas, que é um campo rico e vasto do mercado no campo da pesquisa científica em saúde.

Muitos estudos foram elaborados anteriormente por profissionais e alunos da FIOCRUZ, principalmente na EPSJV, que trazem contribuições importantes para complementar este estudo sobre egressos, dentre os quais destacamos:

- Contribuições do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz para o desenvolvimento pessoal e profissional de seus egressos. (PEREIRA, 2008, p. 215-230).

Nesta prática político-pedagógica pioneiro no Brasil, o Programa de Iniciação Científica (PROVOC), insere jovens do Ensino Médio em laboratórios das unidades científicas da Fiocruz, no estado do Rio de Janeiro e em outros centros regionais da FIOCRUZ. O programa tem crescido consideravelmente desde sua criação, somente no estado do Rio de Janeiro, oriundos de escolas parceiras do programa, ampliando a participação dos alunos no quantitativo de vagas em diversas áreas de conhecimento e em diferentes linhas de pesquisa.

- Vivências de egressos do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz. (SOUSA, 2009).

O resultado desse estudo relatados nos congressos acima mencionados, motivou a ampliação de campo do PROVOC de forma a se delinear a construção de estratégias capazes de possibilitar a inserção de alunos de nível médio de ensino, matriculados em colégios da rede pública da Secretaria de Estado de Educação (SEE), no município do Rio de Janeiro, no Programa de Vocação Científica (PROVOC) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Cujo objetivo foi apontar as perspectivas que possibilitassem o estudo do processo de intervenção, de forma concomitante ao desenvolvimento dos trabalhos, por meio de enfoque qualitativo e com o apoio de ferramentas teóricas.

- Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, que aconteceu no XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). (CUNHA, 2010).

Novas pedagogias vêm se reconfigurando a partir da mudança ao concentrarem-se em torno do processo de aprendizagem, contrariando as pedagogias tradicionais que tinham seu foco no processo de ensino. O aluno passou a ser o protagonista neste novo. Tendo sido esse o mote da Escola Nova, ele ganha força novamente com o caráter prevalente que conquistou o construtivismo. E, em que pese a contribuição de compreender o indivíduo e a sociedade como frutos de suas interações para a Educação.

- A Figura central do orientador para os egressos do Programa de Vocação Científica do Rio de Janeiro (SOUSA, 2010, p. 289).

Nesta pesquisa de Souza, a maioria dos entrevistados continuou em atividades científicas e muitos permaneceram no mesmo laboratório da Fundação Oswaldo Cruz, onde eram alunos de Ensino Médio, o que significa que suas experiências na mesma atividade se prolongaram durante a graduação. Dentre os pesquisados, todos que continuaram em atividades científicas, mesmo tendo escolhido outras áreas de atuação mais tarde, acreditam ter recebido durante o PROVOC uma formação científica que promoveu o gosto pela ciência. Vale também enfatizar que os egressos acreditam na inserção da rotina diária de um laboratório como uma experiência fundamental para a vida.

- Treinamento científico no Ensino Médio: análise da visão de egressos do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz. (SILVESTRE, 2009).

O PROVOC ajuda alunos de diversas origens sociais que passam a ter a visão de ciência, tecnologia e trabalho, com uma maior percepção para a iniciação científica a partir de sua vivência no laboratório, percebendo que a inserção neste programa é uma experiência relevante para sua vida pessoal e profissional. É elementar a importância que este programa traz sobre a visão da escolha da carreira acadêmica e para o descortinar da pesquisa científica como um campo de atuação profissional.

- Projeto de Pesquisa: Uma Análise dos Alunos Egressos do Curso Técnico de Biodiagnóstico em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ, cujo objetivo foi mapear as características sociais no ingresso no curso, bem como os interesses quanto às áreas de trabalho, destacando o setor da saúde ajudando a instituição a conhecer melhor os estudantes que ingressam em seus cursos e, também, os que se formam neles. (MURITO, 2010).

Um fator que demonstrou a relevância do trabalho que vem sendo feito sobre a iniciativa do sistema e política de acompanhamento de egressos, instituído na Fiocruz, conforme o comentário da Prof^a Isabella Delgado, responsável pela pesquisa na Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC/FIOCRUZ): “é que a pesquisa de egressos é um reconhecimento do ensino, do que agregamos aos alunos ao longo de sua trajetória. Dessa forma, quanto mais estudantes que passaram pela instituição nos retornarem, melhor será esse “retrato da nossa identidade”.

O foco desta pesquisa foi analisar os resultados dos estudantes egressos do Curso Técnico de Análises Clínicas, das turmas entre 2012 e 2015 da EPSJV, especificamente considerando como foi realizada a avaliação institucional pelos estudantes egressos, acompanhando os resultados dos investimentos de recursos materiais e humanos, tendo nestes resultados uma forma de perceber a contribuição de sua inserção profissional e integração social desses estudantes egressos. Como o “ensino e a pesquisa” são os principais objetivos da EPSJV, um controle das ações educacionais terá a finalidade de mensurar o resultado dos esforços empreendidos pela instituição. Os estudantes do ensino médio integrado são avaliados através de provas, testes e trabalhos e acompanhamento durante sua trajetória escolar de diversas formas, mas sabe-se que também é importante ter uma avaliação a partir de suas vivências sobre o curso desenvolvido após sua formação, para que se possam perceber as dificuldades encontradas pelo aluno, assim como fazer necessários ajustes no currículo do curso de forma a indicar, com clareza, as melhores diretrizes e metas a serem atingidas.

Buscou-se, ainda, refletir sobre a inserção do egresso técnico de análises clínicas na área profissional, com foco nos aspectos formativos em seu processo de qualificação profissional, trazendo conceitos ligados a educação e trabalho e percebendo o papel efetivo da instituição enquanto intermediária da aprendizagem e trazendo, como principal atributo, o compartilhamento do ensino médio e técnico.

Portanto, questionamos: como o curso de Análises Clínicas da EPSJV pode influenciar a vida acadêmica e ou profissional dos egressos de 2012 a 2015? Para responder tal questão foi traçado um objetivo geral e objetivos específicos que serão abordados a seguir.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar a trajetória acadêmica e/ou profissional dos egressos do Curso Técnico de Análises Clínicas, das turmas entre 2012 e 2015 com foco na sua formação profissional em um cenário político e econômico atual, verificando aspectos que possam ser fortalecidos. Dessa forma, podemos demonstrar a situação atual dos egressos do Curso de Análises Clínicas dessas turmas, estudando as particularidades e experiências individuais dos egressos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

(i) Descrever o plano de curso da habilitação Técnica de Análises Clínicas, a partir do ano de 2012, quando sua carga horária passou a ser constituída em 4 anos, avaliando as alterações e inclusões das disciplinas do curso, considerando os acréscimos ou modificados no currículo, no conteúdo ou na prática que puderam melhorar o aprendizado e a vida profissional do estudante;

(ii) identificar as percepções de egressos do curso de Análises Clínicas da EPSJV entre 2012 a 2015;

(iii) propor um recurso avaliativo permanente do ensino dos Cursos Técnicos da EPSJV, sob o enfoque de quem já se formou e está no ensino superior ou trabalhando na área de saúde, com o indicativo de adaptar os currículos do curso e programa político-pedagógico da EPSJV às necessidades e demandas dos estudantes, com sua atuação na área da saúde e sua formação social.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Este estudo teve como base analisar a trajetória acadêmica e/ou profissional dos egressos do Curso Técnico de Análises Clínicas, das turmas entre 2012 e 2015 com foco na sua formação profissional de forma que se possa demonstrar a situação atual destes egressos, buscando suas particularidades e experiências, bem como analisar o ensino aprendizagem realizado na EPSJV.

Uma das etapas empregada neste estudo foi a pesquisa baseada em referências teóricas.

A Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio representa o conceito-chave desta pesquisa por ser o ponto fundamental do estudo de egressos formados no Curso Técnico de Análises Clínicas, que se propôs a analisar a valorização dos ensinamentos aplicados a estes jovens.

Outra etapa foi a análise documental através do plano de Curso de Análises Clínicas do ano de 2012, quando passou a ser ministrado em quatro anos.

Foi feita a pesquisa de campo, em um estudo qualitativo e quantitativo com a aplicação de um questionário semiestruturado, com perguntas fechadas e abertas que favoreceu as respostas espontâneas dos egressos quando a entrevistadora pôde ter melhor percepção dos entrevistados e, assim, obter uma boa amostra para melhor análise dos resultados, com a participação de estudantes egressos dos cursos de análises clínicas. Também foram realizadas entrevistas com três atuais e ex-coordenadores do curso de Análises Clínicas.

Como etapa prévia à distribuição do questionário, a pesquisadora entrou em contato telefônico com os estudantes egressos das turmas 2012, 2013, 2014 e 2015 para apresentação do projeto e sensibilização dos estudantes para participação da pesquisa.

Todos os estudantes egressos contactados foram convidados para participar da pesquisa totalizando, conforme dados da Secretaria Escolar, 104 estudantes egressos concluintes.

O envio do questionário foi por e-mail, mas também entregue de forma presencial, de acordo com a disponibilidade dos participantes da pesquisa.

Foram considerados apenas os alunos egressos que concluíram o curso técnico de análises clínicas, ou seja, não foram incluídos neste trabalho os alunos desistentes ou que abandonaram o curso.

Dentre os 56 participantes que responderam ao questionário, 16 deles foram convidados a participar de uma entrevista presencial. Foram convidados 4 estudantes

egressos por turma do Curso de Análises Clínicas 2012, 2013, 2014 e 2015, que estão trabalhando em sua área de formação para termos melhor compreensão da amplitude do campo de trabalho sobre os formandos de cada ano, para entender como está o mercado atualmente e como estão as condições para a área de pesquisa em Saúde no Brasil.

Foram entrevistados dois coordenadores e um ex-coordenador com o objetivo de expandir as informações que ampliassem o referencial teórico da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas em relatório e estas respostas foram analisadas juntamente com as respostas dos questionários.

Os respondentes da pesquisa de egressos não foram identificados. Os coordenadores e ex-coordenadores do Curso de Análises Clínicas autorizaram ter seus nomes citados nas entrevistas e, desta forma, seus nomes foram mencionadas em suas falas.

Para a contabilização dos dados do questionário e das entrevistas dos egressos foram utilizados a inicial Q para respostas do questionário e a inicial E para respostas das entrevistas com os egressos e o número correspondente ao questionário ou entrevista que foram incorporados no momento da devolução dos mesmos (ex. Q-01, Q-02, E-01, E-02), a fim de se preservar a identidade dos alunos egressos que fizeram parte desta pesquisa.

As entrevistas e o questionário semiestruturado foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa e todos os envolvidos que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Se propõe, ainda, um instrumento de avaliação permanente online, dos estudantes egressos do ensino do Curso Técnico da EPSJV, sob o enfoque de quem já se formou e está no ensino superior ou trabalhando na área da Saúde ou outras áreas, ou não estejam trabalhando ou estudando, com a observação dos currículos do curso e programa político-pedagógico da EPSJV, procurando perceber necessidades e demandas dos alunos dos Cursos Técnicos, com sua atuação na área da saúde e sua formação profissional.

Neste trabalho foi utilizada uma abordagem de investigação dos elementos e exploração do material utilizando a técnica, nas análises de conteúdo dos dados qualitativas, segundo Bardin (2011).

Nas categorias de análise dos dados quantitativos, tivemos como base as perguntas utilizadas nas entrevistas e questionários. O objetivo foi identificar a relação entre o processo formativo na EPSJV desses egressos e a influência do mesmo sobre a sua trajetória profissional.

Para realizar o tratamento dos dados, o método qualitativo de análise de conteúdo foi aplicado ao material coletado, buscando identificar as percepções dos egressos de Análises Clínicas quanto à sua prática profissional, considerando a qualidade do processo formativo vivenciado por eles na EPSJV.

Para se categorizar este trabalho foi utilizado um programa de computador DeCS/MeSH Finder, da OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) para identificar termos a partir de palavras do texto de entrada, sobre as proposições apresentadas. É um programa acrônimo de Descritores em Ciências da Saúde, com o vocabulário controlado que usa descritores para a indexação de artigos científicos e outros documentos da área biomédica. Fazendo-se uma analogia, a indexação consiste na atribuição de “etiquetas” a documentos, o que permite sua recuperação em banco de dados.

CAPÍTULO 4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os princípios e diretrizes técnicas e ético-políticas do currículo integrado na educação profissional em saúde, da EPSJV, do processo ensino-aprendizagem da habilitação técnica de Análises Clínicas da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV/FIOCRUZ, baseado no desenvolvimento de competências e habilidades, orientam o ensino omnilateral e integral praticado na instituição. Buscou-se verificar, neste estudo, se esta formação acadêmico-profissional conduziu a práticas profissionais eficientes. Desses princípios, ressaltamos alguns essenciais para este trabalho, publicados em “Currículo Integrado”, no site da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV, 2005):

O conhecimento crítico deve ser considerado como imprescindível na luta ideológica de transformação das sociedades de capitalismo dependente. Esse conhecimento se constitui pré-condição estratégica na construção de uma outra hegemonia”; “A Educação politécnica deve ter o trabalho como princípio educativo, no sentido de que o trabalho permita a compreensão do significado econômico, social, histórico, político e cultural da ciência e cultura no contexto atual.

A educação politécnica deve desenvolver a dimensão ética por meio de um processo permanente de construção, desvelamento e disputa dos sentidos da existência no tecido social e no tempo histórico”; “A educação politécnica deve conformar as novas gerações aos elementos contemporâneos da cultura e, ao mesmo tempo, levá-las a criticar e superar os limites mercantilizados desta inserção”; “A educação politécnica deve ter por base um currículo produzido na contramão de um sistema educacional centrado em valores como eficiência, produtividade e competitividade”; “O currículo integrado da EPSJV deve superar o conflito histórico entre conteúdos e competências, entre formar para a cidadania ou para o trabalho produtivo, visando a formação humana como síntese da formação básica e formação para o trabalho”; “O currículo integrado da EPSJV deve visar à construção de uma concepção técnico-científica e humanista histórica, possibilitando o desenvolvimento técnico e político do ser humano”. (ESCOLA POLITECNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENANCIO, 2005b, p. 1).

Chamam atenção as características descritas dos princípios e diretrizes técnicas da educação na EPSJV, por seu caráter agregador e por abraçar um currículo integrado visando à educação humana, proporcionando ao estudante o seu desenvolvimento técnico e político, e a visão da educação politécnica através de um processo de construção do indivíduo, tendo o cuidado de não incorporar uma educação voltada para um processo de mercantilização.

A POLITECNIA ADOTADA PELA EPSJV A PARTIR DOS ESTUDOS DE DEMERVAL SAVIANI

A relevância de trazer Demerval Saviani para este estudo deveu-se ao fato de a educação politécnica praticada na EPSJV ter relação direta com a história da educação e da

pedagogia marxista, levantadas pelo autor, e que são essenciais para tornar possível a superação da prática da pedagogia voltada para o capital.

No livro *Escola e Democracia*, Saviani discute sobre a proposta de uma nova teoria crítica da educação, buscando respostas à pergunta:

É possível encarar a escola como uma realidade histórica, isto é, suscetível de ser transformada intencionalmente pela ação humana? (SAVIANI, 1999, p. 30).

Para Saviani, é necessária a valorização dos conteúdos para lutar contra o embuste da escola, apontando para uma pedagogia revolucionária, na qual os membros das camadas populares dominem os conteúdos culturais, para que possam fazer valer seus interesses, senão ficam desarmados contra os dominadores, que passam a legitimar e consolidar a sua dominação com esses conteúdos culturais. (SAVIANI, 1999, p. 30).

As contribuições de Saviani ao meu objeto de estudo que é conhecer o processo formativo e a trajetória profissional dos estudantes egressos do Curso Técnico em Análises Clínicas da EPSJV são diretamente relacionadas à politecnicidade, com uma formação humanizada e integrada, fazendo crer que esta formação foi satisfatória, e que estes estudantes serão capazes de fazer parte do processo de transformação de suas vidas e da sociedade, e não meros indivíduos parciais, incompletos, fragmentados, ou meros “robôs” criados pelo sistema capitalista.

Importante ressaltar que este estudo dialogou com características essenciais das obras de Demerval Saviani, com suas fundamentais contribuições acerca das relações entre trabalho e educação profissional, e, principalmente, quando afirma que “a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem”. (SAVIANI, 2007, p. 3).

Na obra, o autor traz a contradição entre o processo formativo em direção à afirmação ou negação da perspectiva integral, omnilateral ou politécnica relacionada ao poder do Estado, que poderá utilizar esta educação integral para a classe dirigente ou aos movimentos sociais que se mobilizam pela disputa de projetos em prol dos menos favorecidos. (SAVIANI, 2003, p. 138).

A preocupação existente no contexto da escola sobre a educação politécnica é o risco da mercantilização que a educação e o trabalho passam a ter na atual política econômica existente no país, e desta forma, procura-se evitar a separação que se faz no modelo capitalista entre o trabalho e a educação, em que os que possuem poder devem estudar para postos de decisão e comando e os operários precisam apenas aprender os elementos essenciais para a manutenção do seu trabalho manual.

Se a educação e o trabalho transformam e integram o indivíduo e são inerentes a ele, e que o trabalho faz parte da sua natureza, é incontestável a abrangência ao direito à educação integral que deve existir para todos.

Na EPSJV, vimos a questão do ensino sendo ofertado de forma abrangente, com a prática de campo do discente, de forma que ele se aproprie do conhecimento na sua totalidade para que possa desenvolver suas aptidões em sua vida profissional. (FRIGOTTO *et al*, 2014, p. 15).

Demerval Saviani discorre sobre a separação entre trabalho e educação afirmando:

O desenvolvimento da produção conduziu à divisão do trabalho e, daí, à apropriação privada da terra, provocando a ruptura da unidade vigente nas comunidades primitivas. A apropriação privada da terra, então o principal meio de produção, gerou a divisão dos homens em classes. Configuram-se, em consequência, duas classes sociais fundamentais: a classe dos proprietários e a dos não-proprietários. Essa divisão dos homens em classes irá provocar uma divisão também na educação. Introduce-se, assim, uma cisão na unidade da educação, antes identificada plenamente com o próprio processo de trabalho. A partir do escravismo, passam a existir duas modalidades distintas de educação: uma para a classe proprietária, que é a educação dos homens livres, e outra para a classe dos proletários, identificada como a educação dos escravos e serviçais. Uma centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. E a outra, assimilada ao próprio processo de trabalho. (SAVIANI, 2007, p. 155).

A educação foi sendo modificada em seu contexto, por um caráter economicista, trazendo as transformações que norteiam a vinculação educação e trabalho em seu modelo capitalista. (TEIXEIRA; SOUZA, 1985, p. 65).

Ainda segundo SAVIANI:

Estamos a partir desse momento, diante do processo de institucionalização da educação, correlato do processo de surgimento da sociedade de classes que, por sua vez, tem a ver com o processo de aprofundamento da divisão do trabalho. Assim, se nas sociedades primitivas, caracterizadas pelo modo coletivo de produção da existência humana, a educação consistia numa ação espontânea, não diferenciada das outras formas de ação desenvolvidas pelo homem, coincidindo inteiramente com o processo de trabalho que era comum a todos os membros da comunidade, com a divisão dos homens em classes a educação também resulta dividida; diferencia-se, em consequência, a educação destinada à classe dominante daquela a que tem acesso a classe dominada. E é aí que se localiza a origem da escola. A educação dos membros da classe que dispõe de ócio, de lazer, de tempo livre passa a organizar-se na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria, que continua a coincidir com o processo de trabalho. (SAVIANI, 2007, p.155).

Diante desta realidade da escola, da dualidade no ensino a partir da divisão social do trabalho, temos exemplos de persistência de uma luta com uma educação integrada e politécnica como a que é praticada na EPSJV, reforçando o caráter humano e sistêmico, indo na contramão de um sistema educacional centrado em valores como eficiência, produtividade e competitividade.

Harper busca resposta sobre como diminuir a desigualdade e a dependência através da educação, confirmando as ideias de Saviani: “Assim, de tanto fazermos a experiência da desigualdade e o aprendizado da dependência, acabamos por perder nossa capacidade de trabalhar, de criar, de viver em comunidade. Acabamos por perder nossa visão crítica da realidade, nosso poder de imaginar e construir alternativas. (HARPER, 1986 apud SAVIANI, 2007, p. 98).

Harper define exatamente o modo de pensar de uma educação voltada para o seu sentido crítico, com o cuidado de não cair nas armadilhas colocadas pela indústria moderna, que está sempre reforçando a necessidade de uma educação voltada para adaptar o indivíduo ao seu processo de trabalho, com a criação de uma população operária miserável e disponível, criando uma reserva de mão de obra a serviço da exploração capitalista. Em *O Capital*, Marx afirma que o “processo capitalista de produção não é simplesmente produção de mercadorias. É processo que absorve trabalho não pago, que transforma os meios de produção em meios de extorsão de trabalho não pago”. (MARX apud ANTUNES, 2004, p.164).

Em contraponto aos princípios apontados pela educação da EPSJV, a educação é voltada para adequar o indivíduo a determinado enquadramento para funções no mercado tem como base as transformações criadas pelo modelo educacional neoliberal e o controle sobre o trabalho pedagógico, que estão sendo substituídos de suas condições de dirigentes críticos educacionais para submissão ao novo modelo capitalista exigido pelo processo de produção.

Perrenoud argumenta sobre a diferença entre as disciplinas básicas e a formação para uma cultura geral.

As competências elementares evocadas não deixam de ter relação com os programas escolares e com os saberes disciplinares: elas exigem noções e conhecimentos de matemática, geografia, biologia, física, economia, psicologia; supõem um domínio da língua e das operações matemáticas básicas; apelam para uma forma de cultura geral que também se adquire na escola. (PERRENOUD, 1999, p. 2).

Percebe-se, no pensamento do autor, a necessidade do máximo aproveitamento dos recursos humanos (capital humano) na produção, ou seja, aproveitamento das capacidades intelectuais do indivíduo, para sugerir e mapear a melhor contribuição do trabalhador na execução de uma tarefa.

Para Perrenoud, o professor precisa observar com cautela as deficiências de cada aluno para evitar adotar ou inserir metodologias complexas, criando ou utilizar outros meios de ensino. Segundo o autor é desnecessário utilizar alguns métodos como cadernos de exercícios, ou de fichas, mas sim levar em conta a idade e o nível dos alunos, o tempo disponível e as competências para serem desenvolvidas suas competências na escola. Desta forma, o ensino será induzido para o que puder facilitar a aprendizagem do aluno, o que pode contribuir para uma educação incompleta e deficiente. (PERRENOUD, 1999, p. 92).

Frigotto critica o texto da Teoria das Competências em seu comentário:

A luta é justamente para que a qualificação humana não seja subordinada às leis do mercado e à sua adaptabilidade e funcionalidade, seja sob forma de adestramento e treinamento estreito da imagem do mono domesticável dos esquemas tayloristas, seja na forma polivalente e formação abstrata, formação geral ou policognição reclamadas pelos modernos homens de negócio e os organismos que os representam. (FRIGOTTO, 2003, p. 31).

O autor mostrou dessa forma, através de estudo, pesquisa e observação sobre os alunos, a importância da mediação da aprendizagem no momento que é conciliada com educação, ciência e tecnologia, e, principalmente, o papel fundamental exercido pela escola neste trabalho ímpar de desenvolvimento do potencial do aluno em sua plenitude.

Sobre as competências por Perrenoud sugeridas, ressaltamos o antagonismo ressaltado do texto “A pedagogia da Autonomia”, destacando a importância da arte de ensinar para Paulo Freire:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 1996, p. 21).

Para Freire, a educação deve ser utilizada para gerar oportunidades que preparem o estudante para uma formação humana que implique transmissão de conhecimentos para que os tornem críticos e superem seus limites nesta inserção mercantilizada. Destaca-se, desta forma, a diferença entre uma educação politécnica e integral que este estudo menciona e uma educação sem compromisso de criar possibilidades para a produção e construção do estudante, sendo apenas uma aprendizagem voltada para desenvolver competências visando engrossar a mão-de-obra para o mercado. (LEITE; SANTOS, 2013, p. 532).

É necessário considerar que a educação continua a ter mais do que nunca, o compromisso com a transmissão de conhecimentos científcos socialmente construídos e universalmente aceitos, e que devem ser acrescidos ao currículo ou no estágio profissional todos os conhecimentos necessários para melhorar o aprendizado e a vida profissional do estudante. (LEA, 2010, p. 22).

A EDUCAÇÃO VOLTADA EXCLUSIVAMENTE PARA O MERCADO DE TRABALHO? COMO LIDAR COM A DUALIDADE DA EDUCAÇÃO NA CRISE ATUAL?

Devido à crescente introdução de máquinas e equipamentos informatizados nos processos desenvolvidos nos laboratórios, que levam a uma redução da demanda por técnicos, devido aos impactos da automação, as técnicas ensinadas ao técnico de Análises Clínicas na EPSJV vão além da área de diagnóstico, o que inclui a diversificação da formação e o estímulo à área da pesquisa, tornando os estudantes egressos aptos a interagirem com as análises, com condições de avaliarem o diagnóstico e opinarem sobre a situação apresentada. (LEA, 2010, p. 22).

Sobre a educação formal voltada para o mercado, MEHEDFF, na palestra “A Avaliação da Educação e a Inserção dos Egressos do Ensino Médio no Mercado de Trabalho”, afirmou:

Formar cidadãos aptos a exercerem atividades produtivas ainda é um desafio em muitos países como o Brasil, mas é preciso mais que isso. É preciso formar cidadãos capazes para desempenhar atividades que sequer existem atualmente. Isso significa ensinar conteúdos e habilidades úteis no presente, mas também ensinar a aprender no futuro, fora da escola convencional. (MEHEDFF, 1999, p. 5).

Para o autor, o desenvolvimento de informações irá contribuir para a qualidade do ensino e que a instituição possa avaliar seus cursos e acompanhar as demandas e transformações, proporcionando aos egressos, além da colocação profissional, a possibilidade de continuar seus estudos.

A formação na Escola Politécnica, se baseia no currículo integrado e leva em consideração os princípios político-pedagógicos de uma formação ampla, abrangendo os aspectos sociais, econômicos e culturais que vai além do tecnicismo.

No entanto, o estudante é capaz de aliar a técnica ao seu conhecimento intelectual, articulando essas duas áreas, não seja só o trabalho manual, mas também desenvolver sua capacidade crítica. É fundamental que ele tenha a compreensão dos fundamentos técnicos e científicos do mundo do trabalho e das bases da organização do seu trabalho. A ciência é fundamental nesse processo e vai proporcionar um saber e um fazer dinâmico e que está em constante construção e de extrema importância na inserção dentro dos currículos como área de conhecimento. Portanto, torna-se primordial para os alunos ter como componente pedagógico a iniciação científica, através do Projeto, Trabalho, Ciência e Cultura que vai prepará-los para o projeto monográfico. (Prof^a e atual coordenadora do Curso de Análises Mônica Mendes Caminha Murito)⁴.

⁴ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

Ainda sobre a limitação e dualidade da educação, deve-se atentar ao trecho do livro *Teoria do Capital Humano*, no qual Schultz enumera um conjunto de fatores para mensurar e compreender o processo de formação de capital humano, considerando as cinco categorias mais importantes:

O autor utiliza um conjunto de fatores para mensurar e compreender o processo de formação de capital humano, considerando cinco categorias de maior importância: recursos relativos à saúde e serviços; treinamento realizado no local do emprego; educação formalmente organizada nos níveis elementar, secundário e de maior elevação; programas de estudos para os adultos; migração de indivíduos e de famílias. Para medir o estoque de educação (capital humano), o autor leva em conta três aspectos: 1) Anos de escola completados, porém tal medida deixa de considerar o aspecto qualitativo da educação; 2) anos escolares completados constantes em um período de tempo, que leva em conta períodos de estudo das populações, em diferentes momentos do tempo; 3) os custos de educação como medida, que leva em consideração as diferentes proporções de investimento em cada categoria de estudo, além de apresentar a diferente proporção de investimento per capita em cada região (SCHULTZ, 1973, p. 42-43).

Procurando trazer neste trabalho a visão da educação politécnica da EPSJV, o trabalho omnilateral que a Escola sempre proporcionou com o objetivo de que seja possível disseminar as ideias de uma educação construída para permitir que os indivíduos sejam sociais e livres, criando condições para a concretização da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas dimensões, em que liberdade e necessidade ocorram simultaneamente.

O trabalho unilateral está associado ao capitalismo e ao trabalho assalariado e abstrato, que destrutura o ser social, sem qualquer possibilidade de emancipação humana e social. O trabalho assalariado que serve ao capital cria uma ligação não autêntica, alienada e estranhada ao próprio ato de trabalho. Conforme cita Antunes:

Um conjunto de formulações que unilateraliza o trabalho, associando-o diretamente ao capitalismo e seu trabalho assalariado e abstrato, de tal modo que qualquer esforço de emancipação humana e social somente poderia ser vivenciada a partir da negação do trabalho (ANTUNES, 2010, p. 11).

Nesta condição de omnilateralidade buscada, visa-se a estruturação do trabalho vivo para o capital, com o seu sentido inteiro e não sua unilateralidade através dessa educação diferenciada. Não se prepara o indivíduo para o mercado capitalista, onde irá perder a sua identidade e o seu trabalho não refletirá a sua essência. (ANTUNES, 2010, p. 9-15).

Por esta razão, na EPSJV, o técnico de Análises Clínicas é estimulado a saber de forma integral e inserido no vasto campo da pesquisa, de forma que o prepare para se apropriar não somente das técnicas necessárias à execução das tarefas, mas às pesquisas inerentes ao conhecimento e importância de seu trabalho.

Um cuidado a ser tomado na inclusão de disciplinas que agreguem valor ao estudante que possa torná-lo apto a desenvolver suas atividades de forma plena e satisfatória, e que tenha prazer e conhecimento em sua profissão e ou condições de continuar em sua trajetória acadêmica.

Outro autor que se ressalta a importância da formação humana, conforme aponta na *Teoria do Capital Humano*, o economista Theodore Schultz expressa que “ao investirem em si mesmas, as pessoas podem ampliar o raio de escolha posto à disposição. Esta é uma das maneiras porque os homens livres podem aumentar o seu bem-estar (SCHULTZ, 1973, p. 33). Com o desafio de desmistificar o que afirma o autor, este estudo com alunos egressos visa, exatamente, mostrar a importância de uma educação politécnica à luz de uma formação humana integrada, na qual os egressos terão a possibilidade, a partir de um complexo de informações e saberes recebidos, criarem suas próprias trajetórias, com suas especificidades e particularidades, relacionados aos saberes aprendidos no contexto das políticas existentes e das oportunidades de mercado.

Levando em conta a integração dos saberes com o trabalho, esta integração precisa ocorrer a partir da relação entre trabalho, ciência e cultura. É importante que as atividades profissionais realizadas pelo estudante venham a ser percebidas como princípio educativo e que o mesmo produza sua realidade, apropriando-se dela e conseguindo transformá-la.

Para FRIGOTTO “a escola é uma instituição social que mediante suas práticas no campo do conhecimento, valores, atitudes, e mesmo, por sua desqualificação, articulam determinados interesses e desarticula outros.” (FRIGOTTO, 1993, p. 44).

É importante perceber o papel da Escola, com o intuito de propiciar aos profissionais formados por ela, conhecimentos, habilidades e atitudes para exercerem atividades e funções em uma ampla variação de interesses, que os capacite a resolver problemas inerentes à sua área de formação e superar situações contingenciais de maneira segura.

Outro aspecto importante que se destaca na Escola Politécnica é o entrosamento da coordenação e dos docentes com o aluno, em especial nas áreas de pesquisa e o encorajamento para que tomem conhecimento e participem dos programas de iniciação científica, que muito trará de benefício em sua vida futura.

Os estudos “A trajetória acadêmica e profissional dos alunos da USP”, nos mostra aspectos peculiares sobre a situação dos egressos em sua trajetória profissional:

O estudo de egressos recupera, de fato, várias questões do estudo de alunos, particularmente as ligadas à qualidade do ensino e adequação dos currículos, à situação profissional, à origem dos projetos profissionais e a sua consistência em

relação à situação profissional de fato”. (SCHWARTZMAN; CASTRO, 1991, p. 15).

Apesar da importância do estudo sobre os egressos para as Instituições de ensino, existem muito poucos estudos neste sentido atualmente. Desta forma, se vislumbrou como uma boa alternativa a promoção deste trabalho como um estímulo de reaproximação entre os EGRESSOS do curso técnico de análises clínicas e a EPSJV.

TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS NA CONJUNTURA ECONÔMICA ATUAL

A questão a ser verificada foi como está a atuação dos técnicos de análises clínicas formados pela EPSJV na atual conjuntura econômica e política do Brasil, proveniente da crise econômica mundial de 2008, e impactos nas análises da situação estudada. Para isso, considera-se o advento da Lei nº 5.026, de 19 de maio de 2009, do município do Rio de Janeiro, que dispõe sobre a qualificação de entidades como as Organizações Sociais, teve impacto na contratação de pessoal do quadro da saúde.

No Art. 1º da mencionada lei e seus parágrafos 1º, 2 e 3 são citados: O Poder Executivo poderá qualificar como Organizações Sociais as pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura, à saúde e ao esporte, atendidos aos requisitos previstos nesta Lei. §1º As Organizações Sociais cujas atividades sejam dirigidas ao ensino poderão atuar exclusivamente em creches e no reforço escolar. §2º As Organizações Sociais cujas atividades sejam dirigidas à saúde poderão atuar exclusivamente em unidades de saúde criadas a partir da entrada em vigor desta Lei, no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla e nos equipamentos destinados ao Programa de Saúde da Família. § 3º Os contratos de gestão de que trata esta Lei serão submetidos ao controle externo da Câmara dos Vereadores, que o exercerá com o auxílio do Tribunal de Contas, ficando o controle interno a cargo do Poder Executivo. (RIO DE JANEIRO, RJ, 2009).

Percebeu-se, desta forma, o grande impacto que aconteceu no mercado de trabalho dos técnicos formados no Brasil, onde se afunila e limita a atuação de muitos profissionais, pois o mercado se torna cada vez mais recessivo e com menores oportunidades de trabalho.

O maior diferencial e desafio na EPSJV é o seu projeto político pedagógico se estruturar na integração entre o ensino médio e o técnico, contribuindo para o desenvolvimento e aprimoramento do egresso e estimulando o desenvolvimento e a inclusão de novos desafios em suas atividades. É, pois, imprescindível saber o que os egressos pensam a respeito da formação recebida e como estão se inserindo em sua trajetória escolar no ensino superior e no contexto profissional para se proceder a ajustes em todas as partes do sistema de ensino ofertado.

O conhecimento do que fazem esses profissionais e suas adequações aos setores em que atuam possibilita uma reflexão crítica sobre a formação e sua relação com as reais necessidades da sua área de atuação profissional.

Conhecer a trajetória profissional e acadêmica do técnico egresso, ou seja, em quanto tempo o egresso se estabiliza profissionalmente, qual o seu poder decisório, competências, autonomia e perspectivas, bem como o trajeto percorrido através de cursos após a sua formação politécnica, fazer um percurso na contramão da Teoria das Competências, não deixando subordinar a educação escolar aos interesses da classe dominante, ao transformar a escola em um aparelho estratégico com função de adaptar os estudantes, futuros trabalhadores, aos padrões de produção, preparando-os, conforme Ramos, “para a mobilidade permanente entre diferentes ocupações numa mesma empresa, entre diferentes empresas, para o subemprego, para o trabalho autônomo ou para o não trabalho” (RAMOS, 2013, p. 537).

Existem amplas possibilidades de acesso em áreas de atuação do técnico de análises clínicas, conforme citados no projeto político pedagógico da EPSJV:

Os diferentes campos de atuação do técnico de laboratório em saúde encontrado nos setores público e privado: • Setor Industrial: Técnico de produção - Atua em produção de imunobiológicos, tais como vacinas e kits de diagnósticos e na indústria farmacêutica, na produção de fármacos. Nesta área, alguns conceitos são fundamentais para o entendimento das técnicas de produção, além do conhecimento das boas normas de produção (GMP), • Setor de Serviços – Atua em Centros de Saúde, Hospitais e Laboratórios de Análises Médicas, abrange tanto o técnico de Patologia Clínica, quanto o técnico de Histologia. Executa atividades padronizadas no auxílio ao diagnóstico médico, englobando principalmente a área de conhecimentos biomédicos. • Setor de Pesquisa – Atua em Centros de Pesquisas, trabalhando com pesquisa básica e aplicada. As atividades nesta área não estão totalmente padronizadas e rotinizadas e sua execução exige o domínio amplo de conhecimentos em diversas áreas. Setor de Controle de Qualidade - Atua em laboratórios de controle de qualidade em saúde. Executa atividades mais rotinizadas, cuja tecnologia está totalmente padronizada, necessitando de conhecimentos nas áreas de química, física e biologia. Ressaltamos que os conhecimentos de Biossegurança e de Boas Práticas de Laboratórios perpassam todas as áreas de atuação do técnico de laboratório em biodiagnóstico em saúde, sendo de fundamental importância a sua inclusão na formação do Técnico de Laboratório, minimizando os riscos referentes às atividades desenvolvidas por estes e aumentando a qualidade do trabalho executado. (ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO, 2005, p. 124).

A área de atuação do técnico de Análises Clínicas é extensa e, além de exercer sua profissão em laboratórios, o técnico poderá se dedicar também ou exclusivamente a pesquisas, que é um campo rico e vasto do mercado no campo da pesquisa científica em saúde. Segundo o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, instituído pelo Ministério da Educação em 2008, “o técnico em análises clínicas auxilia e executa atividades padronizadas de laboratório necessárias ao diagnóstico, nas áreas de parasitologia, microbiologia médica, imunologia, hematologia, bioquímica, biologia molecular e urinálise. Colabora na

investigação e implantação de novas tecnologias biomédicas relacionadas às análises clínicas. Em sua atuação é requerida a supervisão profissional pertinente, bem como a observância à impossibilidade de divulgação direta de resultados”

CAPÍTULO 5 - CURRÍCULO FORMATIVO

Como foi pensado e elaborado o currículo do Curso Técnico integrado à educação básica nas habilitações técnicas de Histologia e Patologia Clínica?

A formação na Escola Politécnica sempre se fundamentou no currículo integrado dentro dos princípios políticos pedagógicos que a formação implica na compreensão da totalidade e dos fundamentos técnicos e científicos do mundo do trabalho, articulando o trabalho manual e o intelectual, compreendendo as bases da organização do trabalho em que a ciência é apresentada como um saber dinâmico e em constante construção e de extrema importância na inserção dos currículos como área de conhecimento.

No final de 1987, a escola promoveu o seminário ‘choque teórico’, que teve como eixo principal de discussão a concepção de politécnica desenvolvida por Dermeval Saviani, que participou do evento, juntamente com Frigotto e outros intelectuais da educação.

A partir do acúmulo do seminário ‘choque teórico’, diz Julio Lima, a escola começou a organizar cursos técnicos aliando a formação profissional com a formação geral: “nossa preocupação central era a formação de novos quadros para a área de saúde, tendo como base esse conceito de politécnica, pensando em uma perspectiva de formação humana e, dentro disso, a própria formação para o trabalho”, afirma. (ANTUNES, et al, 2020, p.9).

Foi na esteira desses debates que a EPSJV implantou, em 1988, os cursos técnicos de patologia clínica, histologia – que mais tarde seriam fundidos no atual curso de análises clínicas – e administração hospitalar – que se tornaria o curso de gerência em saúde, e também o ensino médio regular, com a integração dos currículos, um eixo central da concepção politécnica de educação que a escola procurou colocar em prática. “foram os primeiros cursos integrados que deram o formato completo de escola à instituição”, afirma, André Malhão (ANTUNES, et al, 2020, p.8).

Em sua tese de doutorado, ‘política de saúde e formação profissional dos trabalhadores técnicos de enfermagem’, Júlio Lima escreve que é a partir daí que a proposta de educação politécnica capitaneada pela EPSJV no âmbito da FIOCRUZ, “com atuação voltada para a formação de novos quadros para o campo de ciência e tecnologia em saúde e para o nascente sistema único de saúde”, organiza-se como uma das duas matrizes que passariam a disputar a formação profissional em saúde no interior do sistema público. A segunda matriz, escreve Julio, organiza-se em torno da estratégia de integração ensino-serviço, que deu origem ao

Se trouxe neste trabalho algumas participações dos coordenadores e ex-coordenador do Curso de Análises Clínicas, que trouxeram maiores esclarecimentos acerca da formação deste currículo.

Naquela época, o curso não era integrado. O estudante formava-se com dois diplomas, porque a nossa certificação naquele momento, era realizada com duas escolas, a Escola Estadual Clóvis Monteiro e o Colégio Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila. Eram duas escolas do Estado com as quais a Escola tinha parceria. Duas escolas do município faziam uma seleção, e a EPSJV aplicava o Ensino Médio e a Educação Profissional. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci). Os professores do Ensino Médio eram quase todos cedidos do Estado para a escola e a Educação Profissional, praticamente, não tinha professores lotados na escola, e o Curso se intitulava de Patologia Clínica e Histologia. A Patologia Clínica era dada por vários professores de Laboratórios da Fiocruz e a Histologia, praticamente por dois professores de outros Laboratórios da Fiocruz e na escola, só existiam professores da área técnica que ensinava a parte bem básica da formação. Naquele momento, não tinha uma integração, a escola praticamente contava com a parceria com os Laboratórios da Fiocruz, que não possuíam vínculo com a EPSJV. O curso se tornou Curso Técnico em Biotecnologia em Saúde, no ano de 2001 e as habilitações de Histologia e Patologia Clínica se uniram em um único curso. Naquela época, a Escola não tinha uma autonomia total, em termos até de certificação, porque existia uma parceria com o Estado. Então, os professores da parte técnica eram professores de outras unidades, quase todos, praticamente 90%. Ficava complicado ter essa integração, eles não participavam de nenhuma reunião. Tinha na escola reuniões do Ensino Médio e os professores da área técnica, simplesmente não participavam de qualquer reunião. Então, não existia essa integração, nem um processo maior de integração, nem uma discussão entre o currículo que tinha do Ensino Médio com o currículo que tinha na Educação Profissional. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci)⁵.

Outro ponto que se levou em consideração também foi a divisão do trabalho do técnico de laboratório em tipos básicos de formação, os diferentes conhecimentos e habilidades. (Prof^ª Mônica Mendes Caminha Murito)

O módulo básico, coordenado na época, era um módulo que tinha várias disciplinas, que era para dar essa formação mais ampla e abrangente para o profissional, que não fosse só um profissional técnico, porque se sabe que já havia uma mudança na formação técnica, com a incorporação da automação. Então, era necessário se pensar em um currículo mais amplo em que o técnico não fosse apenas um apertador de botão. É importante ressaltar, que o módulo básico foi reestruturado e passou a ser denominado iniciação à educação Politécnica (IEP), atravessando o currículo da escola através dos eixos política, saúde, ciência e trabalho, que tem o objetivo que o técnico tenha o domínio totalizante do seu processo de trabalho, tendo uma visão crítica e ampliando o acesso ao conhecimento e a importância do SUS também. (Prof^ª Mônica Mendes Caminha Murito).

O Sistema é amplo, abrangendo a vigilância sanitária, epidemiológica e toda a área alimentar. Então, se não tivesse um sistema sólido como existe, não se conseguiria dar conta dessa pandemia, do problema que estamos enfrentando agora.

Esta é a razão da escola adotar a politecnia como princípio político pedagógico de formação, onde o trabalhador vai compreender os fundamentos científicos do seu trabalho, através de uma formação crítica e reflexiva. Um exemplo que Murito traz para esse estudo é que em seu Mestrado, estudou a formação do técnico que atuava no Laboratório Central Noel Nutels (LACEN), um laboratório de Referência em Saúde Pública no Rio de Janeiro. (Prof^ª Mônica Mendes Caminha Murito).

⁵ Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Mauricio Baldacci.

Quando fez a sua pesquisa sobre a formação técnica na área de análises clínicas, levava a legislação para verificar se os técnicos entrevistados tinham conhecimento além da técnica que executavam, sendo que a maioria relatava que não conhecia a legislação pertinente ao seu trabalho. Então, ressaltamos a importância do componente curricular, em que o profissional passa a entender o seu papel na construção do SUS e também os seus direitos. Somente poderá ter uma posição crítica, lutar pelos seus direitos, quando se entende qual é a legislação pertinente ao seu trabalho. Isso é fundamental, porque se sabe que hoje em dia o trabalho de saúde é muito fragmentado.

Almejava-se constituir uma única habilitação para o nível médio em saúde, que compartilhasse de conhecimentos técnicos comuns. Geralmente, os cursos técnicos só fornecem conhecimentos na área de Patologia Clínica, mas não abrangiam a área de Histologia, então nosso curso de análises clínicas tem esse diferencial, tanto aborda a patologia quanto a Histologia.

Outro ponto a ressaltar é que a organização do laboratório era setorizada, baseada no paradigma taylorista-fordista, da representação do caráter parcelar e fragmentado do trabalho em que o técnico possuía especialidade só em uma técnica. No entanto, com a introdução da automação, o processo de trabalho passou por uma reestruturação onde o trabalho se tornou mais cooperativo, flexível e menos fragmentado.

A arquitetura laboratorial é outro fator importante na organização do trabalho em saúde. Os únicos setores na área de análises clínicas que não dialogam, que não podem devido ao material patogênico, é a bacteriologia, urinálise e parasitologia. A maioria dos setores são automatizados e se organizam em uma grande sala. O setor de parasitologia é totalmente manual enquanto a histologia também praticamente não existe automação.

Esta pesquisa apontou que havia uma modernização tecnológica, implantação de uma automação. Onde se começou a constatar que os procedimentos estavam mudando, aquele técnico de bancada, que fazia a parte de bioquímica, tudo estava começando a ceder ao informatizado. Então, houve necessidade de se trabalhar isso, a questão da automação e onde esse técnico vai se inserir a partir daí.

Então surge uma preocupação ainda maior de que essa formação acontecesse de forma que o técnico não apertasse só botões e que ele fosse um técnico que entendesse porque ele estava apertando botões, sabendo os princípios da técnica. Na verdade, sobre a automação é importante o conhecimento do técnico sobre os princípios básicos da bioquímica, os princípios da física, da química porque é lá dentro do equipamento que estão colocados esses princípios. Quando ele estuda a espectrofotometria, ele tem que saber a refração da luz, tem que saber os princípios da física, da química, entender que dentro do equipamento vão estar todos os princípios básicos que aprendeu durante o curso. Então, um pouquinho dessa capacidade crítica do técnico e vamos dizer, por exemplo, mesmo com a automação, que todos os exames estão dando o colesterol alto, todos os exames dão açúcar alto, o técnico precisará intervir nisso, precisará ter capacidade de entender que, não é possível que todos os exames estão dando alto e parar, e de repente, calibrar novamente o equipamento, então, ele também tem que ter o conhecimento do funcionamento do equipamento. ((Prof^a Mônica Mendes Caminha Murito))⁶.

A partir de então ocorreu a elaboração do currículo do Curso Técnico integrado à educação básica na habilitação técnica de Análises Clínicas

Quando era dividido em Patologia Clínica e Histologia, se percebeu que os estudantes de Patologia tinham uma formação mais abrangente, que tinham a possibilidade de trabalhar em diversos campos da área de saúde, mas os estudantes de Histologia ficavam muito restritos a área de Histologia, que acabava sendo uma

⁶ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

área com pouco campo de trabalho. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).

Então, se resolveu juntar os dois, a Histologia e a Patologia Clínica onde o estudante tinha todas as disciplinas e na hora do estágio, era como se fizesse um aprofundamento de estudos, ele escolhia o estágio mas voltado para a Análises Clínicas ou escolhia fazer o estágio na área de Histologia.

O estudante tinha todos os conteúdos que o possibilitassem trabalhar em outros campos, na área de pesquisa, na área de controle de qualidade ou na área de assistência de laboratório.

Antes do módulo básico, houve um formato chamado de microdisciplinar e também eram oferecidos por professores de Ensino Médio, Educação Profissional e que os alunos tinham a possibilidade de se inscrever em uma ou outra. Eram todas eletivas, os alunos escolhiam as disciplinas que iam fazer, os conteúdos que iam ver. Então, tinha tudo, tinha mapa de risco, questão mais variadas possíveis. Os alunos participavam. Naquele momento, se poderia ter algum momento de integração muito superficial, porque poderia ter a participação de mais de um professor dando essa microdisciplina e então poderia ter professor do ensino médio junto com a educação profissional.

Existe um diálogo entre algumas disciplinas da parte técnica com a profissional, mas são diálogos muito específicos, geralmente para aquelas disciplinas que dialogam mais.

Em análises clínicas principalmente, eles fazem um diálogo muito grande com a Biologia, com a Química. Mas, ainda há uma dificuldade porque sempre tem uma discussão que a disciplina do Ensino Médio tem que alimentar a disciplina da Educação Profissional. Então, é um diálogo que muitas vezes não é de integração e sim um diálogo para que as disciplinas do Ensino Médio, deem suporte para as disciplinas da Educação Profissional.

Aconteceria uma integração maior se as aulas pudessem ser conjuntas, por exemplo, ter uma aula da Educação Profissional junto com a de Biologia, que abordassem temas comuns, para que essa integração pudesse ser mais efetiva. Em termos da integração entre disciplinas, entre conteúdos ele acredita que a escola ainda está muito no início.

Na época em que teve início o Curso de Análises Clínicas, as coordenações do ensino de formação geral e do ensino técnico nunca se juntaram para pensar os currículos. Na verdade, isso acontecia no currículo de todas as habilitações técnicas. Os laboratórios responsáveis pelas habilitações discutiam o seu currículo, faziam as modificações, sem dialogar com o ensino médio. Existem várias razões para isso, uma delas é a própria complexidade da escola. Se for pensar, nós temos 13 disciplinas de Ensino Médio. Somando com as disciplinas da Educação Profissional, são muitas disciplinas por ano, então, acaba dificultando muito esse diálogo. Não é impossível, acho que a escola precisa trabalhar nessa perspectiva, mas até o momento não se conseguiu ter isso mais orgânico dentro da escola.. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci)⁷.

O currículo da EPSJV abrange componentes curriculares que ajudam a promover a integração como a Iniciação à Educação Politécnica que é composta dos eixos saúde, trabalho, política e ciência e são desenvolvidos através do Trabalhos integradores no segundo ano através da Iniciação à Educação Politécnica em Saúde (IEP); assim como o Projeto Trabalho, Ciência e Cultura (PTCC) e os projetos de pesquisa que a escola desenvolve como o semeando, feira de ciências etc. Além disso, ocorre integração entre os conteúdos do ensino médio e algumas práticas integradoras entre o ensino médio e a parte técnica.

⁷ Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Mauricio Baldacci.

O IEP foi importante porque quando foi formado, por conta das temáticas que ele trazia, nos eixos Saúde, Trabalho e Política, eram mais questões relacionadas às outras áreas da escola que não o ensino médio. Então esse diálogo foi importante para começar a aproximar os professores do ensino médio e possibilitar que alguns professores começassem a se inserir em discussões do IEP. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci)

A proposta curricular da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio fundamenta-se dentro dos princípios político-pedagógicos de uma concepção politécnica, na qual a formação profissional implica na compreensão da totalidade e dos fundamentos técnicos e científicos do mundo do trabalho, onde os profissionais estarão aptos a intervir na realidade sociológica e técnica.

Existem quatro pontos importantes sobre currículo:

Primeiro: o estudo do currículo deve servir para oferecer uma visão da cultura que se dá nas escolas, em sua dimensão oculta e manifesta, levando em conta as condições em que se desenvolve.

Segundo: trata-se de um projeto que só pode ser entendido como um processo historicamente condicionado, pertencente a uma sociedade, selecionado de acordo com as forças dominantes nela, mas não apenas com capacidade de reproduzir, mas também incidir nessa mesma sociedade.

Terceiro: o currículo é um campo no qual interagem ideias e práticas reciprocamente.

Quarto: como projeto cultural elaborado, condiciona a profissionalização do docente e é preciso vê-lo como uma pauta com diferente grau de flexibilidade para que os professores/as intervenham nele. (SACRISTÀN; GÓMEZ, 1998, p. 148).

Para analisar as características curriculares do curso e percepções de egressos do Curso Profissional Técnico em Análises Clínicas, oferecido pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) no período de 2012 a 2015, foi feito um levantamento dos elementos do currículo, como disciplinas oferecidas, carga horária, conteúdos, relações com o mercado de trabalho, entre outros, no sentido de permitir uma análise crítica que possibilite a reformulação e aprimoramento do seu currículo.

Avaliar os cursos, através das percepções dos egressos possibilita analisar as transformações que ocorreram nestes alunos, em consequência principalmente, da influência exercida pelos currículos destes cursos. (MENDONÇA *et al*, p. 70, 2014).

Ao longo do tempo, os currículos evoluem e muitos fatores podem ser retirados ou incorporados, como por exemplo, novos conteúdos podem ser inseridos, por conta de evoluções da ciência acadêmica ou por necessidade de reformular os métodos de ensino.

PARASKEVA trouxe um estudo sobre APPLE, mostrando a importância da obra deste autor para a área de currículo em particular e para a educação em geral. Para Apple, a distribuição de cultura e conhecimento se dá a partir do poder que o grupo social possui, ou seja: (PARASKEVA, 2002, p. 113 apud APPLE, 1991).

[...] pode pensar-se no conhecimento como sendo algo distribuído desigualmente entre classes sociais e económicas e grupos ocupacionais, diferentes grupos etários e com grupos com poder diferenciado. Assim, alguns grupos têm acesso ao conhecimento que lhes é distribuído e não é distribuído a outros [...]. O défice de determinados tipos de conhecimento [de um determinado grupo social] relaciona-se, sem dúvida, com a ausência de poder político e económico que esse mesmo grupo revela na sociedade. Tal relação entre a distribuição cultural e a distribuição e controlo da capacidade económica e política – ou, mais claramente, a relação entre conhecimento e poder – é notoriamente de compreensão muito difícil. No entanto, a compreensão sobre a forma como o controlo das instituições culturais permite o aumento do poder que determinadas classes para controlar outras, providencia a capacidade de uma profunda penetração intelectual sobre a forma como a distribuição da cultura se encontra relacionada com a presença ou ausência de poder em grupos sociais”. (PARASKEVA, 2002, p.113 apud APPLE, 1991).

Os estudos de Apple foram decisivos para as questões de política educativa e curricular, ainda mais em uma época em que se acredita que a tecnologia, por si só, contribuirá para nivelar as desigualdades. Como Apple afirma:

A nova tecnologia não é apenas um aparato de máquinas e o seu conseqüente software. Representa uma forma de pensamento que orienta a pessoa a abordar o mundo de uma forma particular. Os computadores envolvem formas de pensamento que ao abrigo das atuais condições educacionais são essencialmente técnicas. Quanto mais a nova tecnologia transforma e modela a sala de aulas à sua própria imagem, mais a lógica técnica se substituirá a compreensão política crítica e ética. O discurso na sala de aulas centrar-se-á mais na técnica e menos na substância (PARASKEVA, 2002, p. 117 apud APPLE, 1991).

Apple chama atenção para a necessidade de se analisar as políticas educativas e curriculares que possibilitarão compreender a relação entre o fenómeno educativo e as políticas sociais, culturais, económicas, religiosas e ideológicas mais amplas, e também os movimentos de direita espalhados procurando legitimar o conhecimento pela escolarização, um conhecimento que deve ser visto como parte de uma seleção histórica, tradução de conflitos, no plano teórico e prático e que silenciada as vozes dos desfavorecidos. (PARASKEVA, 2002, p. 117 apud APPLE, 1991).

Silva é outro autor que vê a importância das diferenças das teorias tradicionais, críticas e pós-críticas do currículo. Para ele, “as teorias críticas do currículo efetuam uma completa inversão nos fundamentos das teorias tradicionais” (SILVA, 1999, p. 29). Em seus estudos, Silva menciona o pensamento de Althusser, cuja teoria diz que “a escola contribui para a reprodução da sociedade capitalista ao transmitir, através das matérias escolares, as crenças que nos fazem vê-la como boa e desejável” (ALTHUSSER apud SILVA, p. 32, 1999).

Para o autor, as teorias críticas de currículo, ao deslocar a ênfase dos conceitos pedagógicos do ensino e aprendizagem para os conceitos de ideologia e poder, mostra a educação sob nova perspectiva. (SILVA, 1999, p. 17).

Outra afirmação do autor é sobre as teorias pós-críticas, as quais, ao enfatizarem o conceito de discurso, passaram a mudar a maneira de conceber o currículo. Por isto, é importante distinguir os diferentes conceitos das teorias para que se possa organizar e estruturar nossa forma de ver a “realidade”. (SILVA, 1999, p. 17).

É imprescindível compreendermos a evolução do pensamento pedagógico e a influência do currículo na prática docente. Por isso foi necessário recorrer à história e a origem do currículo e suas questões atuais.

Sendo assim para Silva:

O currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais (SILVA, p. 23, 1996).

O currículo é atravessado pela ideologia, cultura e relações de poder. Por ideologia segundo Moreira e Silva, se pode afirmar que “é a veiculação de ideias que transmitem uma visão do mundo social vinculada aos interesses dos grupos situados em uma posição de vantagem na organização social”. Ou seja, a linguagem produz o mundo social, e, portanto, é importante considerar o aspecto ideológico nas discussões sobre currículo. (MOREIRA; SILVA, p. 23, 1997).

Para Santos, a justificativa da prática científica se estabelece pelas consequências que é capaz de produzir na sociedade e na comunidade científica. É uma concepção exteriorizante da ciência, em que a verdade é “o efeito de convencimento dos vários discursos de verdade em presença e em conflito”. Nela, o saber científico associa-se a outros saberes, propiciando a ruptura entre ciência e senso comum. (SANTOS, 1998, p.149 apud MOREIRA, 1997).

A concepção de ciência defendida por Santos, em contraposição ao paradigma positivista, repousa sobre a ideia de que a separação entre verdade epistemológica e verdade sociológica é insustentável. Assim, na medida em que a pós-modernidade assumiu um conceito pragmático de ciência, cada disciplina científica passa a buscar compreender e transformar o mundo, assim como dissolver as fronteiras entre o saber científico e o senso comum. A disciplinarização deixaria de ser, então, um empecilho ao compromisso da ciência com o mundo cotidiano. (SANTOS, 1998, p. 815 apud MOREIRA, 1997).

O currículo escolar expressa o comprometimento da escola com a transformação social. É um importante instrumento para a projeção do ensino, as formas de avaliação e a íntima relação com a didática.

Importante levar em conta a relevância das diferenças entre o currículo prescrito, que é o conjunto de decisões normativas estabelecido pelos sistemas de ensino, como as diretrizes curriculares, que não considera as diferenças e não é construído pelos que vivenciam a escola e o currículo em ação, que é realizado em sala, ou seja, é o planejamento de aula que o professor faz e vai praticar em sala. Muitas modificações nesse processo podem ocorrer. É o planejamento e ação, conforme discorre Rolkouski e Feliciano:

As convergências e divergências entre os níveis de relevância dados aos conteúdos, entre documentos oficiais e prática dos professores são constituídas por dois polos do currículo: o oficial, representado, entre outros, pelas Diretrizes Curriculares para a Educação (currículo prescrito), e o currículo de sala de aula (currículo em ação), representado pelo discurso dos professores do ensino técnico e profissionalizante de análises clínicas, levantados pela análise de materiais dos alunos. (ROLKOUSKI; FELICIANO, 2017, p. 872).

Observa-se um razoável distanciamento entre o currículo prescrito, que é o documento oficial nas diversas esferas administrativas de um país, como, por exemplo, Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Estaduais ou Municipais e o currículo em ação que se trata do que efetivamente ocorre na sala de aula.

A perspectiva crítica de multiculturalismo está dividida, por sua vez, entre uma concepção pós-estruturalista e uma concepção que se poderia chamar de “materialista”. Para a concepção pós-estruturalista, a diferença é essencialmente um processo linguístico e discursivo. A diferença não pode ser concebida fora dos processos linguísticos de significação. A diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida. (SILVA, 1999, p.87)

A 1ª turma de Laboratório em Bodiagnóstico em Saúde foi em 2001. Era lecionada em 3 anos, porque se configurou dentro do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), dentro das ementas e currículos que foram traçados, além também de todos os equipamentos necessários que foram colocados. Na escola, existia um pequeno laboratório. A escola era muito pequena, um espaço bem exíguo, com uma sala de aula que se improvisava como laboratório, mas não tinha sistema de exaustão, era adaptada ao que era possível se fazer, implementando essa parte de continuidade da prática do trabalho. (Profª Mônica Mendes Caminha Murito).

O PADCT foi realmente uma inflexão na formação em análise, nem era análise, além de criar o curso foi pensada a infraestrutura e também no aporte de professores mais ligados ao curso. Importante também mencionar que a escola possuía a maioria dos seus profissionais através do vínculo do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino Técnico (PAETEC/FIOCRUZ). Os coordenadores entravam em contato com as unidades da Fiocruz que tinham também cooperado com as pesquisas para poderem cooperar com as aulas. Por exemplo, Hematologia e Protozoologia. Hematologia e Micologia eram lecionadas por professores do IPEC, atualmente Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/FIOCRUZ). Também existia um convênio com o Instituto de Ciência e

Tecnologia em Biomodelos (ICTB), que era o antigo CECAL, onde se contava muito com a colaboração de todos os profissionais da Fiocruz. Isso ao longo do tempo foi mudando. Após iniciar os concursos públicos já se contava menos com essas colaborações.

Atualmente existem poucas colaborações na Unidade. Até existem alguns pontuais, por exemplo, a professora que é responsável pela disciplina de animais de laboratório que convida pesquisadores que são especialistas em determinada área e que contribuem com ela, mas existe o profissional lá no Laboratório de Educação Profissional em Técnicas Laboratoriais em Saúde (LATEC/FIOCRUZ).

Atualmente, só se conta com a participação da professora Joseli, de Micologia com cuja colaboração o LATEC conta e a Hematologia que nós temos um professor contratado. Atualmente no restante do curso, ele é ministrado por pessoas que já estão dentro do LATEC. Então, já se conta menos com esse perfil de colaboração ((Prof^ª Mônica Mendes Caminha Murito)⁸.

Para um melhor entendimento do estudo que aqui foi feito, foi realizada a discussão do Currículo, e de modo específico, o currículo do Curso Técnico de Análises Clínicas, de forma que foi essencial evidenciar este passo-a-passo das atividades do ensino da EPSJV.

TÉCNICAS LABORATORIAS EM SAÚDE

A discussão sobre a formação técnico-profissional foi intensa e controversa, principalmente após a aprovação da nova LDB. Para Ignácio (1999), o “núcleo duro” da reforma é a criação de um sistema de formação profissional independente e paralelo ao sistema regular de educação. E isto nada mais é que o retorno da dualidade de sistemas.

Para nos contrapormos à ideia de dicotomizar o ensino médio em formação propedêutica e profissional, resgatamos o ideário de uma escola unitária que não separa a teoria e a prática, conhecimentos gerais e técnicos, e conhecimentos técnicos e políticos. Por isso, propomos um currículo integrado e não complementar ou paralelo.

Por ter o foco no mercado, a educação profissional fica extremamente vulnerável às mudanças políticas e aos modelos de produção. Segundo o parecer CNE/CEB 16/99, a finalidade da educação profissional é propiciar o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. Quando nos referimos à educação, nós educadores estamos falando de uma formação omnilateral, do indivíduo reflexivo, questionador, que busca soluções conscientes do seu papel como sujeito capaz de produzir transformações na sociedade.

É necessário entender a verdadeira dimensão do ensino profissional, para não se cometer os mesmos erros do passado. É preciso estar atento para que a formação profissional

⁸ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

não seja encarada apenas como uma resposta linear ao mercado, na tentativa de qualificar e requalificar trabalhadores precariamente escolarizados ou a título de ajudar os pobres ou de retirar os menores das ruas. Nesse sentido, a reformulação do currículo do curso técnico de laboratório em biodiagnóstico em saúde, da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, não se coaduna totalmente com as reformas educacionais atualmente em curso.

Estudando as nuances da reforma, é possível redefini-las de maneira que se possa organizar um currículo que atenda aos interesses dos trabalhadores e aponte princípios orientadores para uma proposta de educação profissional ampliada. A definição da matriz teórico-conceitual do modelo de competências que iremos utilizar é de suma importância e como operacionalizar essa nova pedagogia é um desafio para todos que trabalham com educação profissional.

DIAGNÓSTICO DA ÁREA

A proposta original do curso técnico de Laboratório em Biodiagnóstico em Saúde teve como um de seus objetivos dar continuidade à reformulação da Educação Profissional em Laboratórios de Saúde, iniciado em 1997 pelo projeto PADCT/CNPq (Projeto de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento em Ciência e Tecnologia) por professores da EPSJV / FIOCRUZ.

Na época, o cenário do Setor Saúde já apresentava maior exigência do técnico de laboratório, apontando para uma formação geral mais sólida, desenvolvimento de aptidões mais complexas e diversificadas, integração de funções e valorização do trabalho em equipe.

Conforme informações fornecidas pela coordenação do curso, estas mudanças curriculares tiveram a intenção de impactar a formação profissional do estudante com vistas a possibilitar aprendizagens significativas em sala de aula e, assim, atender às reais necessidades dos alunos em consonância com as exigências sociais e educacionais contemporâneas. ((Prof^a *Mônica Mendes Caminha Murito*)⁹.

As mudanças curriculares exigidas invocam que as ações dos estudantes se deem a partir de e sobre a realidade. Tanto como experiência cotidiana e também em relação ao futuro exercício profissional, caracterizando a indissociabilidade entre ensino e investigação como princípio didático mais adequado para que se ponha em prática o dispositivo legal vigente. O qual sinaliza as competências e habilidades que os profissionais devem possuir

⁹ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

para o exercício de suas atividades. Aprender com pesquisa é um processo dialógico e desafiador que envolve a problematização do conhecimento, a construção de argumentos e sua respectiva validação. Desta forma, o ensino pautado pela pesquisa busca a excelência e a inovação no ensino de formação geral e formação profissional/técnica tendo a apropriação e produção do conhecimento científico como condição para viver na sociedade com objetivos de enfrentar os desafios da modernidade.

Este novo modelo de organização do trabalho, baseado na informatização e orientado por novos conceitos, tais como, flexibilidade e polivalência, sinaliza consequências na formação do técnico, abrangendo desde os conteúdos a serem trabalhados, até os requisitos necessários à qualificação deste trabalhador. A investigação do processo de trabalho nos setores visitados pelo projeto PADCT/ CNPq confirmou a possibilidade de se constituir uma única habilitação para o nível médio em saúde, que compartilhasse uma base de conhecimentos técnicos comuns.

Assim, tal possibilidade de uma única habilitação na área de laboratório em saúde serviu de fundamento à construção de proposta do Curso Técnico de Laboratório em Bodiagnóstico em Saúde.

À Escola coube a tarefa de buscar formas de superação das tensões geradas pelos diversos interesses em jogo, seja estabelecendo gradualmente a equivalência entre o Ensino Médio e a Educação Profissional, de modo a permitir o acesso do trabalhador ao curso superior (Reforma Capanema, 1942), seja estabelecendo a profissionalização compulsória no Ensino Médio, conforme Lei 5.692/71, que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), buscou-se uma nova conformação entre as duas modalidades de educação tendo em vista a adaptação da formação profissional às mudanças do mundo do trabalho e às novas exigências do capital.

Considerando-se a diversidade das motivações históricas que fundaram cada legislação educacional, cabe destacar que nenhuma delas promoveu a democratização desejada nem superou a fragmentação do ensino.

A partir do ano 2000, a EPSJV deixou de oferecer a habilitação de Histologia e, em 2002, os cursos foram renomeados, então, como Laboratório de Bodiagnóstico em Saúde, Gestão em Serviços de Saúde e Registros em Informações em Saúde.

Como os cursos de técnico em Patologia e técnico em Histologia clínica na EPSJV eram muito embrionários, ocorreu uma iniciativa de se fazer o mapeamento de todas as atividades dos técnicos nas unidades da FIOCRUZ através de entrevistas,

para saber quais eram os conhecimentos necessários do técnico para uma formação mais abrangente congregando as duas habilitações. Terminada esta pesquisa foi criada uma nova estrutura curricular, na qual o técnico passou a se chamar Bodiagnóstico em Saúde, abrangendo também a formação da Histologia e da Patologia. ((*Prof^a Mônica Mendes Caminha Murito*)¹⁰.

O V Congresso da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (1997) permitiu concluir sobre a possibilidade e necessidade de se construir uma única habilitação técnica voltada para o trabalho em laboratório. Tal habilitação congregaria conhecimentos científicos e tecnológicos que estruturam o processo de trabalho em laboratórios de saúde, associados aos setores de produção, de análise, de pesquisa e de serviço em saúde. Propôs-se, assim, a habilitação de “Técnico em Laboratório de Saúde”.

O advento da Reforma da Educação Profissional no Brasil, após a promulgação da Lei no 9.394/96, mediante a publicação do Decreto no 2.208/97, entretanto, levou a EPSJV/FIOCRUZ a efetuar determinadas mudanças na organização de seus cursos que limitaram o aproveitamento pleno dos resultados do estudo no sentido de uma formação abrangente, tal como descrita no parágrafo anterior. Um perfil profissional com aquelas características exigiria que a formação técnica se articulasse estreitamente e organicamente com a formação básica realizada ao longo de todo o curso, além de demandar um tempo de formação significativamente superior aos mínimos apregoados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico.

Sendo assim, a formação desenhada a partir do Decreto no 2.208/97 centrou-se nos processos de bodiagnóstico, próprios do setor de análise em saúde caracterizando-se, desta forma, a Habilitação em Laboratório em Bodiagnóstico.

Um dos princípios do Curso Técnico de Laboratório em Bodiagnóstico (CTLBS) em Saúde consistia na perspectiva de articular o ensino profissional com os diferentes processos de trabalho em saúde desenvolvidos na FIOCRUZ – serviço, produção e pesquisa.

A proposta original do CTLBS teve como um dos seus objetivos dar continuidade à reformulação da Educação Profissional em Laboratório de Saúde, iniciada em 1997, pelo Projeto PADCT/CNPq (Projeto de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento em Ciência e Tecnologia). O trabalho apresentou como propostas uma formação ampla para o técnico em saúde, com a fusão das duas habilitações oferecidas (Patologia Clínica e Técnico em Histologia) e a modularização do currículo por duas razões básicas. A primeira foi a de

¹⁰ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

compactar o trabalho dos docentes pertencentes a outras unidades da FIOCRUZ e a segunda pela incorporação de novas disciplinas e aprofundamento das já oferecidas.

Sendo assim, o plano de curso do Técnico de Laboratório em BIODIAGNÓSTICO em Saúde teve que logo de início de dar conta de duas propostas contraditórias: a primeira, a de somar as disciplinas das duas habilitações, até então oferecidas separadamente, e a segunda reduzir a duração do curso de quatro anos para três anos.

No início dos anos 90, com a reforma educacional no Brasil, surgiu da necessidade de articular e subordinar a educação às necessidades estabelecidas pelo mercado de trabalho. Os analistas de economia e políticas sociais ligados aos organismos internacionais como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Banco Mundial (BIRD) e Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), apontaram o débito educacional como fundamental fator de estrangulamento do crescimento econômico (MACHADO, 1998).

O ajuste macroeconômico exigia um conjunto de reformas estruturais administrativas, previdenciárias e fiscais, consideradas condicionantes, às quais os países da América Latina tiveram de se submeter ao longo dos anos 90, para voltar a ter crédito internacional e a possibilidade de renegociar a dívida externa. A reforma educacional fez parte deste pacote, cujo objetivo era liberar as forças e acabar com a cultura de direitos universais.

A LDB, em seus artigos 39 a 42, define que a Educação Profissional tem por finalidade propiciar o permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. Torna-se, portanto impossível estudar o modelo de competências sem fazer alusão, ao objetivo intrínseco de valorização do capital. Na realidade, a reforma educacional está perpassada de ideologia. Por trás do discurso de elevação do poder de competitividade do país, das empresas, e dos próprios trabalhadores, implanta-se a pedagogia das competências, que segundo Bourdieu (1998) leva a individualização do profissional a níveis cada vez mais pessoais (cognitivos) na tentativa de assegurar seu emprego. Segundo Ramos (2001), o deslocamento do enfoque de qualificação para competência, na reforma educacional, deve-se principalmente ao enfraquecimento da dimensão social, uma vez que essa pedagogia valoriza os atributos cognitivos individuais, mais de cunho psicológico que social (Ferretti, 1999 apud Ramos, 2001).

Segundo Machado (1998), o modelo das competências é a apologia do poder individual, no qual os produtos da atividade humana aparecem como mágicas, pois se apresentam independentes das relações sociais. A autora aponta que a visão pragmática e utilitarista de competência causa sérios danos aos objetivos educacionais, uma vez que

pressupõe a implementação da pedagogia da adaptação e do ajuste à lógica do mercado, onde o trabalhador é visto como simples valor de troca.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9394/96) traz como “núcleo duro” da reforma um sistema dualista com a formação geral (ensino médio) desvinculada da formação profissional. Mais uma vez, a separação dos “saberes intelectuais e técnicos”, enraizados no Brasil, desde a época da colônia, reaparece de maneira sistemática. (BRASIL, 1996).

A INFRAESTRUTURA PARA O FUNCIONAMENTO DO CURSO TÉCNICO

A partir do momento que se pensou como seria realizada a infraestrutura necessária para a realização do curso técnico na EPSJV, de forma que possibilitasse todas as práticas necessárias para a aprendizagem do aluno. Então o setor laboratorial passou por um período de adaptação à tendência de flexibilização da organização de seus processos produtivos e de trabalho; como fomentador de tecnologia; e sua força de trabalho técnica, mesmo que de forma ainda heterogênea, caminhando para um crescimento profissional e uma organização polivalente do trabalho.

Quando a escola era no prédio antigo, existia praticamente somente um laboratório que comportava todos os alunos e um outro laboratório menor onde se conseguia dar aula prática para um grupo pequeno. Não existiam condições, nem equipamentos para dar todas as práticas. Naquele início, a maioria dos professores era de fora da escola, então, muitas vezes, faziam aulas práticas nos Laboratórios da Fiocruz, os laboratórios de pesquisa. Isso foi mudando a partir do momento em que se começou a ter professores lotados na escola e que se teve a possibilidade de construir esse novo prédio. Com a construção do prédio novo, se pens na infraestrutura com a montagem, construção de três laboratórios, cada um mais voltado para uma determinada área e também trabalhando na compra de equipamentos para os laboratórios.

Hoje, a escola tem condições de dar as aulas práticas em seus próprios laboratórios. Às vezes, alguns professores trazem alguns insumos de fora, mas a infraestrutura da Escola é capaz de dar praticamente tudo o que é necessário. (*Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci*)¹¹.

Habilidades e competências necessárias para que o egresso do Curso Técnico desenvolver sua prática profissional

¹¹ Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Mauricio Baldacci.

A ideia de politecnia, que marca a criação da EPSJV, pressupõe uma ampliação da concepção de educação, acrescentando a formação para o trabalho à educação básica, incluindo a formação geral à formação para o trabalho.(GUIMARÃES, 2020, p.29).

Diante das constatações anteriores, e de maneira resumida, há que se afirmar o papel transformador e crítico, na formação técnica em saúde, da proposta do curso técnico de laboratório em análises clínicas, ao recusar a formação polivalente em defesa de uma formação politécnica que tem a perspectiva crítica e a reflexão para tratar temas como a Biossegurança e a inserção de “novas” tecnologias, apontando sempre para a necessidade de integrar cada vez mais com práticas e conteúdos da área de educação em ciências. Isto porque, como afirmam Pereira e Ramos (2006, p. 13): “Pode-se afirmar que a educação de trabalhadores da saúde é composta por projetos contraditórios, interessados, conflitantes em luta por uma visão de mundo. Uma boa análise crítica, dentro e fora das instituições escolares, poderá indicar os sentidos desses projetos interessados”.

A Escola Politécnica traz a centralidade do trabalhador técnico e a formação mais ampla, e não de cunho apenas técnico, mas emancipatório. Por ser politécnica, pensando na politecnia de uma forma ampla e, ao mesmo tempo, trazendo o aspecto do pensamento emancipador, de uma visão crítica. Uma nova visão para a formação técnica. É uma escola para formação de jovens, mas também colaboradora do Sistema Único de Saúde. Atua em colaboração com várias escolas técnicas em nível federal, e contribui para formar professores para essas escolas com outro olhar. É uma escola no sentido dos alunos que abriga, mas é também um centro de referência para a formação mais ampla no país. (TAVARES, 2020, p. 30).

Neste contexto, incluímos as falas do Prof. Flávio Paixão, contribuindo com a junção desta formação para a prática profissional.

O Prof. e Coordenador Flávio Paixão afirma que veio de uma escola técnica muito semelhante à Escola Politécnica, que oferecia uma caminhada de formação totalmente diferente da qual se oferece aos nossos estudantes. Era uma escola que preparava um ambiente laboratorial como um todo, como técnico de biotecnologia da Escola Técnica Federal de Química que hoje é CEFETEC, ao mesmo tempo que tinha acesso e conhecimento e para além da qualificação, uma competência reportada em fazer uso de diferentes técnicas, em diferentes equipamentos, mas ele não tinha o senso crítico do contexto da Saúde ao qual o nosso estudante é apresentado. Uma das primeiras aulas que o nosso estudante tem é o IEP, com os eixos Trabalho e Saúde. Como profissional entrou em laboratório sem ter uma menor ideia sobre o conceito de precarização do trabalho, além de que o nosso estudante tem uma capacidade de entender o SUS de uma maneira que profissionais já formados não têm, porque nunca tiveram essa contextualização, o que é uma vantagem benéfica que a nossa formação consegue proporcionar a esses estudantes. Para o Prof. Flávio, os nossos estudantes saem não só como bons técnicos. (Prof. e Coordenador Flávio Paixão).

Nossos estudantes saem tendo total senso de que a nossa saúde está, de alguma forma, em frangalhos, por conta dessas processos que têm um objetivo único de sucateamento, de não permissão de avanços, coberturas. Nosso estudante, na prática, seria um estudante técnico tão bom quanto um técnico pleno, porque no fim das contas um técnico chega ao laboratório sendo qualificado a fazer as técnicas básicas, para preparar uma solução, realizar uma pesagem, ter a confiança daquele profissional que o está tutorando, que é o profissional superior, tendo uma boa capacidade de aprendizado.

Na caminhada de técnico, isso é o fundamental e o nosso estudante tem essa capacidade. O nosso estudante sai com o entendimento, com uma capacidade de senso crítico ímpar e uma autonomia intelectual ainda maior.

Então, essa formação omnilateral tem um êxito e se tem muito orgulho da formação deles. O mais interessante é que essa criticidade desenvolvida por eles deixa uma contradição interna em suas cabeças, exatamente por aprenderem a serem críticos.

Muitas vezes, agora, por exemplo, na pandemia, não estão se achando capazes de enfrentar um ambiente de trabalho, e eles não sabem, mas nós sabemos bem, como o currículo deles é colocado como prioridade, caso haja uma possibilidade de emprego e os profissionais que querem contratar os nossos estudantes.

Os laboratórios estão bem menos preocupados com o fato de eles saberem ou não utilizar um aparelho como exemplo, o High performance liquid chromatography (HPLC), que é um método de separação de compostos químicos em solução, onde é utilizada a química analítica para identificar e quantificar cada componente em uma mistura, que é um aparelho muito importante dentro de um laboratório.

Um técnico nosso de Análises Clínicas e Biotecnologia tem uma formação humana, um entendimento não só do que é o trabalho em saúde, mas, dos nossos processos, a produção de conhecimento. Os nossos estudantes fazem uma monografia muitas vezes maiores e de mais qualidade do que uma monografia de graduação.

Que nosso técnico se torna imbatível, porque, quando você compara com o estudante de graduação. No laboratório, o nosso estudante sabe fazer tudo e sabe pensar a respeito das técnicas, então é o nosso princípio básico, não há divisão de trabalho manual e intelectual. Ele destrincha todos os caminhos operacionais de um laboratório, o que o torna extremamente valioso para o ambiente de trabalho e gera para eles também problemas, porque eles entram muitas vezes novos e às vezes existe algum profissional ali que tem uma certa inveja deles, faz perguntas jocosas: “ué, você não sabe? Você não é da Escola Politécnica de Saúde?” Então eles sentem também uma certa pressão, mas é por conta do peso, qualidade, que são exatamente maravilhosos nos seus ambientes e eles, pelo caminho que vão, muitos deles seguem o caminho da graduação, mestrado, doutorado e já se observam profissionais maravilhosos. Existe um aluno de 2010 que já está entrando no doutorado. ((Prof. e Coordenador Flávio Paixão)¹².

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico selecionam três princípios gerais: a ética da identidade, a política da igualdade e a estética da sensibilidade (p. 90 a 94) Essas noções quando confrontadas com a realidade evidenciam seu caráter utópico e revelam um alto grau de cinismo, uma vez que a educação profissional não

¹² Trechos da entrevista com o Professor e Coordenador Flavio Henrique Marcolino da Paixão.

tem a capacidade de mudar as relações de trabalho, nem o contexto sócio – econômico vigente.

É notório que o texto aborda este problema, jogando para o âmbito educacional questões que não são específicas desta área. No item relevante à política da igualdade, os relatores constataam que “a educação profissional está assim convocada a contribuir na universalização do mais importante: aquele cujo exercício permite às pessoas ganharem sua própria subsistência e com isso alcançarem dignidade, auto respeito e reconhecimento social como seres produtivos” (BRASIL, 1999, p. 92).

Parece-nos que no mínimo estas palavras tentam mascarar a desigualdade social e a exclusão que a política neoliberal promove. Elas determinam que os profissionais devem trabalhar para comer, mostrando sua utilidade para o interesse das classes dominantes, ou seja, serem produtivos.

A educação profissional tem de ter em mente o ser humano e as suas necessidades, e trabalho é apenas uma delas. O que nos parece evidente é que todo esse discurso visa atender a demanda do mercado, na tentativa de dar conta da transformação produtiva do taylorismo-fordismo para o paradigma da especialização flexível.

Teoricamente, os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação para o Profissional de Nível Técnico – Resolução CNE/CEB N^o04/99 coloca de tal maneira que o profissional formado deve ser polivalente, com disciplinas que contenham conteúdos mais amplos e contextualizados, porém a operacionalização deste modelo se restringe ao saber fazer ou uma lista de tarefas, o que denuncia seu caráter mecanicista. Os Referenciais Curriculares Nacionais (RCN) apontam uma matriz curricular, tendo o módulo como unidade pedagógica autônoma e completa, composta de conteúdo, estabelecidas de acordo com o perfil profissional.

A análise da matriz teórico-conceitual do MEC, no capítulo III, apresenta uma forte tendência funcionalista. Segundo o documento foi feito um estudo do processo de produção de cada área profissional de tal forma que permitisse a identificação de grandes áreas que se configuram em um núcleo comum de competências, traçados com a colaboração de empresários e trabalhadores das diversas áreas.

É necessário ter consciência de todas essas questões e conhecimento dos nuances da reforma, para transformá-las de tal maneira, que possamos organizar um currículo que atenda aos interesses dos trabalhadores e aponte princípios orientadores para uma proposta de educação profissional ampliada.

O Decreto nº 5.154, de 23/07/2004, regulamentou o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional sobre o ensino integrado ou com concomitância interna ou externa. (BRASIL, 1996)

Art. 1º A educação profissional, prevista no art. 39 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), observadas as diretrizes curriculares nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação, será desenvolvida por meio de cursos e programas, entre outros, de educação profissional técnica de nível médio; e

§ 2º Para os fins do disposto neste Decreto, consideram-se itinerários formativos ou trajetórias de formação as unidades curriculares de cursos e programas da educação profissional, em uma determinada área, que possibilitem o aproveitamento contínuo e articulado dos estudos. (Incluído pelo Decreto nº 8.268, de 2014)

Art. 2º A educação profissional observará as seguintes premissas:

I - organização, por áreas profissionais, em função da estrutura sócio-ocupacional e tecnológica;

II - articulação de esforços das áreas da educação, do trabalho e emprego, e da ciência e tecnologia; (Redação dada pelo Decreto nº 8.268, de 2014)

III - a centralidade do trabalho como princípio educativo; e (Incluído pelo Decreto nº 8.268, de 2014)

IV - a indissociabilidade entre teoria e prática. (Incluído pelo Decreto nº 8.268, de 2014)

E, ainda na Lei 9394, no Art. 36, da Seção IV, cita alterações sobre o Ensino Médio:

Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino. (BRASIL, 1996).

O Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

V - formação técnica e profissional. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

Art. 36-A. Sem prejuízo do disposto na Seção IV deste Capítulo, o ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Parágrafo único. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional poderá ser desenvolvida nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Em dois de dezembro de 1997, foi apresentada a proposta de reestruturação curricular no relatório de pesquisa pela equipe do PCDT (Seminário de avaliação da proposta de reformulação curricular da parte técnica do CTSG). A proposta de reestruturação do CTSG (curso técnico de segundo grau) estava no bojo de um novo projeto de escola, que buscava expandir e reforçar seus horizontes politécnicos. A partir de então, o curso de Biodiagnóstico passou a ser reestruturado como Curso de Análises Clínicas, que era ministrado em 3 anos.

Conforme esclareceu no site da escola o Prof. e ex-coordenador do curso técnico de Análises Clínicas integrado ao ensino médio da EPSJV Marcos Antônio Marques, até 2008, o curso de análises clínicas da Escola se chamava Curso Técnico de Laboratório em Biodiagnóstico. “Quando a Escola foi criada, existiam os cursos de técnico em patologia clínica e histologia. Se resolveu fazer uma junção dessas duas áreas e criar um curso para formação de técnicos mais qualificados, voltados para a pesquisa clínica e, a partir daí, adotamos a formação em Biodiagnóstico”. (Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio /Fiocruz).

Dessa forma, a pesquisadora preferiu buscar através desta pesquisa de egressos, todas as etapas que antecederam a criação do curso Técnico de Análises Clínicas, avaliando os conteúdos propostos e os projetos que sempre são inseridos na Escola, com a finalidade de melhor influenciar e aproximar os estudantes no âmbito da ciência.

COMO AS MUDANÇAS CURRICULARES IMPACTARAM A FORMAÇÃO

Sendo referência nacional no campo da Educação Profissional em Saúde, a EPSJV é Centro Colaborador da Organização Mundial de Saúde (OMS) para a Educação de Técnicos em Saúde. “Um diferencial entre o ensino oferecido pela EPSJV e a grande maioria das instituições de educação profissional é a proposta de uma educação politécnica que integra a formação geral e a formação técnica, entendidas como indissociáveis. Tal integração impõe

um trabalho educativo de horário integral como condição necessária à construção do conhecimento através do estudo, da pesquisa e da experiência de estágios e de trabalhos de campo”, destaca Marco Antônio. “Mais do que ferramentas e técnicas para o trabalho, que também estão presentes na formação oferecida pela EPSJV, buscamos oferecer a possibilidade de pensar o mundo e a forma como o trabalho está inserido nele”, complementa Paulo César de Castro Ribeiro que se formou na habilitação de Administração Hospitalar. Em 2005, foi para a EPSJV, onde era coordenador do Laboratório de Educação Profissional em Gestão em Saúde (LABGESTÃO). (Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, p.11,2014).

Justamente por tratar-se de uma formação mais ampla, a adoção do nome Análises Clínicas para a padronização dos cursos alimentou debates na EPSJV. Como a catalogação não previa a formação em Biodiagnóstico, a Escola precisou optar entre definir o curso como Análises Clínicas ou Biotecnologia: “Foi um impacto para nós. O curso de Biodiagnóstico pressupunha uma formação um pouco mais ampla que em Análises Clínicas, que historicamente era reduzida a procedimentos de repetição em análises de amostras de sangue, fezes e urina”, conforme comenta Leandro Medrado, também professor à época na EPSJV. E complementa: “Algumas pessoas tenderam a puxar o curso para a Biotecnologia, num esforço para incluir a biologia molecular. Mas essa definição enfraqueceria o perfil de formação do aluno, deixando de lado toda a parte de análises clínicas”. (LEAL, p. 22, 2010).

A infraestrutura da Escola foi pensada a partir do projeto apresentado acima (PADCT/CNPQ) e dos conhecimentos teóricos práticos traçados a partir dessa pesquisa, dentre eles os conhecimentos da biologia molecular, bioestatística, etc. O laboratório foi equipado com recursos do Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Enfermagem (PROFAE). (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).¹³.

PERFIL ESPERADO DOS DOCENTES E EGRESSOS DO CURSO

A ideia é que se consiga auxiliar na formação de profissionais do SUS essencialmente, sejam em postos de trabalho dentro de um contexto mais de atendimento, mas também, para a pesquisa e também para controle de qualidade, para as diferentes áreas, porque se envolve Análises Clínicas, por mais que reporte para a formação de profissionais que vão trabalhar diretamente na ponta do SUS, ou em postos de saúde de alguma maneira. A formação da EPSJV sustenta muito bem o momento em construção do profissional para também trabalhar nas áreas de pesquisa, o que acontece com frequência. (Prof. e Coordenador Flávio Paixão)¹⁴.

¹³ Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Mauricio Baldacci.

¹⁴ Trechos da entrevista com o Professor e Coordenador Flavio Henrique Marcolino da Paixão.

O perfil de docente, sempre foi um complicador na área de laboratório de Análises Clínicas, porque muitos professores são especializados em uma determinada área. Isso acaba sendo ruim. Seria preciso ter um professor com a formação de técnico de laboratório, formado em Biologia e que tenha trabalhado durante um bom tempo na área de Análises Clínicas. Então, este professor teria uma visão bem geral de análises clínicas. Seria um professor bem completo. Ele conseguiria dar aulas de várias matérias do currículo de análises. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).

Não só essa possibilidade de dar aulas de várias disciplinas, mas, de poder estar dialogando entre as disciplinas. Então, tendo um conhecimento muito amplo se consegue fazer esse diálogo maior entre os conteúdos. Essa não é uma realidade que existe no curso. Geralmente os docentes se especializam e têm uma maior facilidade em dar aula em uma disciplina, no máximo duas e isso é um complicador na escola. Por exemplo, se contrata um professor que leciona disciplina de Hematologia. Existem vários professores que são biólogos, tiveram essa matéria, estudaram hematologia, mas quando precisam dar aula, eles argumentam que precisa ser alguém especialista na área. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).

Essa é uma discussão que tem que ser levada, porque muitas vezes, como no curso da EPSJV, é dado um básico da Hematologia, não se aprofunda a Hematologia, não precisa ser um mestre ou doutor na área, mas as pessoas não se sentem à vontade de dar esse conteúdo, até porque, consideram que não estão atualizados. Essa é uma dificuldade que se tem. Isso tem a ver também, não só com a formação deles mas com a especialização deles. Já se trabalhou isso, levando essa discussão em alguns momentos. Existem os Congressos da área de Análises Clínicas, onde são apresentadas as novas técnicas de trabalho laboratoriais, mas os professores da EPSJV por não fazerem pesquisa nessa área, acabam não tendo condições de mandar trabalhos para o Congresso. Então, em alguns momentos, se conseguiu fazer com que os professores mesmo sem trabalho, participassem desses Congressos, como uma forma de estarem se formando, trabalhando na formação profissional deles, para que pudessem estar entrando em contato com essas novas técnicas, ir alimentando o currículo da escola e, melhorando as disciplinas que são dadas. Essa é uma dificuldade que a escola tem. Então, o perfil dos professores hoje, é de professores que, muitas vezes também vêm da história de bancada, de pesquisa, não existem ali professores da área de Análises Clínicas. O ideal seria que eles tivessem prática em análises clínicas, porque, poderiam ter uma visão mais global da área.

Nesse momento, não tem nenhum professor que vem de Análises Clínicas. O próprio profissional de análises clínicas muitas vezes, nessas discussões da saúde, discussões do SUS, acabam ficando muito apartado, porque o profissional de laboratório fica trancado no laboratório. Ele chega lá, se tranca, poucos deles tem contato com o paciente, porque é só na hora da coleta ou de recebimento de amostras. Na maioria das vezes, ele está ali, mexendo com equipamento, nas técnicas. Então, a visão dele é muito tecnicista, diferente por exemplo, do pessoal de gestão, que como acaba trabalhando mais com a questão da política, na parte da administração dos órgãos de saúde, eles acabam tendo uma visão um pouco mais crítica. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).

Sobre os discentes da EPSJV, onde a formação foi pautada para que os nossos alunos pudessem trabalhar não só no serviço, que seria a área principal da Análises Clínica, que é trabalhar em laboratório de análises clínicas, mas sempre pensou-se em permitir que o estudante tivesse uma formação mais abrangente, podendo trabalhar tanto na área de pesquisa, como na área de produção, e mesmo na área de controle de qualidade.

Isso a Escola está conseguindo, a inserção desses alunos, principalmente, dentro da Fiocruz. Agora, pensando sobre o campo de Análises Clínicas, propriamente dito, é um campo que já está muito saturado para técnico de laboratório. Primeiro, tem umas questões trabalhistas, que são delicadas, que prevê que o técnico de laboratório tenha carga horária máxima de 6 horas de trabalho diário. E aí, o que acontece? Muitos Laboratórios preferem contratar profissional de nível superior

que não tem essa restrição de horário para trabalhar o dia inteiro no laboratório. Isso é uma vantagem para os laboratórios? Estou falando de vantagem em termos do capital. É vantagens para os laboratórios porque o profissional de nível superior, além de ter um forte conhecimento, ele pode assinar laudo. Então, se acaba tendo hoje nos Laboratórios um número de profissionais de nível superior maior do que os técnicos.

Os técnicos acabam ficando com o trabalho teoricamente menos valorizado, eles vão trabalhar na coleta de sangue e no preparo do material, que é centrifugar o material. Quando ele entrega o material para análise, geralmente quem está analisando é o profissional de nível superior. Isso acontece muito, principalmente nos laboratórios privados. Nos laboratórios públicos, teve uma mudança também que ocorreu no decorrer dos anos que foi a terceirização do serviço. Quando os laboratórios eram laboratórios totalmente públicos, quando os hospitais e as clínicas faziam os seus exames, quando havia concurso público, o concurso era para técnico, então, se contratava técnico. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).

Mas, a partir do momento que as redes de saúde começaram a terceirizar essa área laboratorial culmina direcionando para a rede privada onde passa a não ter muito tipo de emprego para o técnico de laboratório.

Hoje o técnico de laboratório tem pouca capacidade de se inserir no mercado de trabalho e existem exemplos, tem alunos nossos que, quando saíram, depois de anos, vieram argumentar: “pô, professor, como é que a gente se forma em Análise Clínica se não tem emprego? Eu sou motorista de Uber.” Então, a gente acaba dando pouca possibilidade de inserção para esses jovens.

Atualmente a Escola está com um diferencial, que é essa questão da pandemia, é uma coisa muito específica, que junto com a própria Fiocruz traz a possibilidade de alunos estarem ingressando, por conta da necessidade de mão de obra e pela formação de excelência, que pode se falar que os alunos da Poli têm, de estarem tendo essa possibilidade de seguirem os trabalhos por Manguinhos, na área de diagnóstico da Covid. Mas, é uma coisa muito específica e de momento. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).¹⁵.

AVALIAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO DO PROFISSIONAL TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Embora muito atual, essa polêmica sobre as relações público-privadas já estava presente desde a origem do Sistema S. Em 1934, portanto quase dez anos antes da criação do Senai, o ministro da Educação e Saúde Pública do governo Vargas, Gustavo Capanema, montou uma comissão para pensar a reestruturação da educação profissional no país, pensando já no incremento do ensino industrial.

Eram duas as divergências principais: sobre a “institucionalidade” do sistema a ser criado e sobre o financiamento. “Vargas dizia o seguinte: ‘vamos criar um Sistema Nacional de Educação Profissional, então isso significa uma despesa diferenciada e, portanto, temos que criar uma receita diferenciada’. Os empresários, liderados pelo Simonsen, diziam o seguinte: ‘se tem que criar uma despesa, então a gente quer fazer a gestão do sistema’.

¹⁵ Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Mauricio Baldacci.

Há mais de 75 anos a inovação trazida por esse modelo alimenta o debate pedagógico e financeiro. Lucília Machado resume: “A criação do Sistema S pelo governo federal abriu polêmicas. A primeira com a reação dos empresários à proposta de lhes transferir a responsabilidade pela qualificação da força de trabalho necessária à expansão da industrialização. A segunda derivou do modelo de financiamento adotado para esse sistema, a gestão privada de recursos públicos. A terceira polêmica decorre do questionamento da decisão de colocar a formação dos trabalhadores submetida à lógica dos interesses empresariais. Tais questões vêm atravessando, até hoje, a história da educação profissional no Brasil”.(PEDROSA, 2020, p.19).

Neste panorama, vemos descortinar todo este interesse galopante das indústrias com suas garras para absorver os técnicos em suas redes, de forma desigual, arbitrária e insatisfatória, causando uma desigualdade cada vez maior dentro de um país periférico como o nosso. Desta forma, os técnicos formados acabam por se sujeitar, na maioria das vezes, com contratos abusivos e baixa remuneração.

No mínimo, agora nesse contexto da pandemia, se abrirão novos postos de trabalho para os técnicos, pela questão de Biomanguinhos, e pela questão do surgimento de testes que a população está precisando fazer nesse momento. Desta forma existirão postos de trabalho para eles, mas, quando se compara há 10 anos atrás, não houve muita melhora. (Prof. e Coordenador Flávio Paixão)

Certamente, com relação há 10 anos atrás, a quantidade de possibilidades de entrada nas graduações talvez hoje esteja em número relativamente menor porque algumas instituições não estão oferecendo a quantidade de cursos que abriam antigamente. De 2012 para cá, houve a lei de reserva de vagas, que coloca a EPSJV com metade dos nossos estudantes oriundos de escolas públicas, o que torna a nossa escola, a escola técnica de excelência, a mais periférica e preta disparado.

A nossa escola está num território periférico e é de estudantes periféricos. E de estudantes pretos e pretas, numa quantidade muito maior do que as outras escolas, talvez não a FAETEC, que é uma escola da rede estadual, mas a cor dos nossos alunos não é a mesma coisa da Federal de Química, nem do CEFET, apesar de também serem escolas que abriram reserva de vagas, mas o processo seletivo não é tão inclusivo quanto as oportunidades de adolescente da EPSJV (Prof. e Coordenador Flávio Paixão).

Este cenário diferente da EPSJV comparada a outras, coloca a Escola com mais estudantes querendo trabalhar como técnico e se percebe isso, nesses últimos tempos. Mais estudantes comparados há 10 anos atrás procurando a possibilidade de emprego.

Lógico que é uma preocupação, é importante que aqueles que possam fazer a faculdade, tendo ali uma boa estruturação. Nos próximos anos o mercado abrirá novas oportunidades de empregos, por conta dessa ampliação por necessidade da contratação de profissionais de saúde.

Preocupa o contexto dessas contratações com vínculos precários para que eles fiquem vinculados ali, mas, como o contexto de sobrevivência é importante, muitas vezes os estudantes assumem determinados empregos, mesmo com uma remuneração não adequada, mesmo com o contexto de trabalho não adequado, mas para conseguirem se segurar até que consigam almejar algo maior.

Por conta da pandemia, pela necessidade da produção de vacinas ou pela existência de mais laboratórios particulares com uma alta demanda de testes, talvez esses profissionais consigam melhores empregos. Outra questão também, dentro de um cenário escasso de empregos, os empregadores acabam sendo mais seletivos nas suas contratações, o estudante da EPSJV tem as melhores disciplinas disponíveis para obter um sorriso do empregador na hora da entrevista. O estudante da EPSJV é bom, ele tem esta fama, ele atesta e abre espaço para novas contratações, na maioria das vezes, quando ele adentra a um ambiente de trabalho. (Prof. e Coordenador Flávio Paixão).

Mesmo vivendo um tempo de estreitamento urbano tão grande e o estudante talvez entenda isso, essa geração tem uma visão ligeiramente diferente da geração passada. Eles são mais potentes que a gente, podem chegar a lugares mais avançados, mas exatamente por terem consciência do quão difícil é a vida.

Não tem outra forma de se olhar o quanto que a escola se integra. Isso é muito bom por um certo aspecto e isso é ruim por outro aspecto. Começa-se a perceber que as pessoas adoecem nessa escola e aquela fala “o ensino médio é sofrimento”, não esqueço, Isto é uma coisa que não pode sair da nossa cabeça porque é louco o processo. (Prof. e Coordenador Flávio Paixão)¹⁶.

A ORGANIZAÇÃO E A INTEGRAÇÃO ENTRE A PARTE TÉCNICA E A FORMAÇÃO GERAL. ESTRATÉGIAS E AÇÕES REALIZADAS PARA A CONCRETIZAÇÃO DA FORMAÇÃO POLITÉCNICA NOS CURSOS TÉCNICOS EM ANÁLISES CLÍNICAS

A formação na Escola Politécnica sempre se fundamentou no currículo integrado dentro dos princípios “político-pedagógicos” que a formação implica na compreensão da totalidade e dos fundamentos técnicos e científicos do mundo do trabalho, articulando o que a trabalho manual e o intelectual, compreendendo as bases da organização do trabalho em que a ciência é apresentada como um saber dinâmico e em constante construção e de extrema importância na inserção dos currículos como área de conhecimento.

O IEP, criado em 2012, foi um projeto muito importante, de reorganização curricular, do currículo passar de três para quatro anos. Onde se passou a ter um olhar um pouco mais capilarizado sobre o local, o momento quando a disciplina se apresenta, com quais outras disciplinas. O estudante tem aula de Biologia, e na parte técnica, por exemplo, se procura interagir com os professores de Biologia qual o melhor caminho possível para apresentação daqueles conhecimentos e de interação de acordo com a caminhada das dificuldades técnicas também ao qual esses estudantes estão passando. Sem dúvida alguma, a escola precisa realizar planejamentos com mais detalhes, com a proximidade maior entre os professores. Neste ano, 2021, conseguiu-se fazer algo inédito, que foi uma grande grade onde todos os professores daquele ano conseguem observar qual parte da matéria o estudante estuda, qual parte das disciplinas o estudante está vendo naquele momento. Então, foi uma ideia executada em 2020. Conseguiu-se, nessa última formação de professores criar essas grades. É importante que o estudante entenda que enquanto se fala de células, que está começando a ter uma noção de história da Química, conceitos básico de energia em Física, a disciplina de Biossegurança, estar com uma plena ciência de que as matérias estão caminhando nesses níveis e a partir daí, os docentes conseguem também planejar o caminho dos conhecimentos para

¹⁶ Trechos da entrevista com o Professor e Coordenador Flavio Henrique Marcolino da Paixão.

que fiquem mais fluidos para os estudantes, de mais fácil absorção e metabolização desse conhecimento. Então, a escola está caminhando. Hoje se tem uma noção maior de todo o grupo escolar do que os professores tinham talvez há 10 anos atrás. Esses movimentos também são difíceis de serem feitos, porque todos são assoberbados de trabalho de uma maneira geral, mas especialmente quando se está muito em sala de aula. (Prof. e Coordenador Flávio Paixão).

Enquanto Coordenação, uma das novas tarefas que se apresentaram, foi a de conseguiu se operacionalizar a entrada de outros professores que não tinham tanta intimidade com essa nova forma de ensino e essas plataformas que possibilitam ter um ensino remoto.

Quando se chega ao início do ano letivo, já se começa o planejamento do ano. Então acho que se consegue avançar em algumas discussões e que hoje de alguma maneira a escola tem um planejamento um pouco mais coeso do que tínhamos há 10 anos atrás.

A ideia do profissional que atua é ter uma especialização em determinada área, entender os processos pedagógicos básicos no qual a escola se inspira e tentar fazer parte desse currículo integrado, digamos assim, não só conversado sobre a disciplina em si, mas, tentando também conectá-la dentro dessa ideia maior da escola. É importante que o estudante tenha conhecimentos básicos sobre o contexto educacional no qual a escola está inserida, é muito menos romântico na vida real, quando se tenta conseguir profissionais para darem conta do que está sendo exigido. (Prof. e Coordenador Flávio Paixão)¹⁷.

Essa pergunta é fundamental, porque sempre foi um desafio para a Escola Politécnica tentar integrar seus currículos, seus cursos até hoje. Talvez seja a forma de organização da escola através do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino Técnico (PAETEC), desenvolvido pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ), se baseava em um modelo de pesquisa mais individualizado, os diferentes vínculos e a estrutura pedagógica da escola. Atualmente, teve um grande avanço na escola em relação as práticas de integração entre o ensino médio e a parte técnica. (Prof^ª Mônica Mendes Caminha Murito).

O modelo de monografia da escola poderia ser rediscutido, porque é uma pesquisa muito individual. O tempo é muito curto para monografia, então poucos alunos conseguem desenvolver um trabalho de campo.

O que mais desperta para a pesquisa é o trabalho de campo, que acaba por incentivar o estudante a desenvolver atividades práticas, o quanto são boas estas descobertas, não desmerecendo um bom trabalho de levantamento bibliográfico.

Os estudantes não têm muito essa oportunidade. Então, às vezes a monografia acaba sendo o objeto obrigatório para eles e nem todos conseguem despertar este interesse.

Existe um distanciamento entre o ensino médio e as habilitações. Poderia existir um grupo, não só com as reuniões de quarta-feira, onde só se reúne o Laboratório de Formação Geral e Educação Profissional em Saúde da EPSJV (LABFORM) e sim com reuniões pelo menos quinzenais, onde as partes, a parte técnica se reunisse junto com a formação geral. De uns anos para cá, com a vinda do EJA, com o curso de Biotecnologia, a escola está conseguindo articular melhor essas formas de integração. Porque o que se conseguia perceber, era a integração dentro dos eixos, então, se consegue fazer uma integração dentro do eixo Saúde, com eixo Político e eixo Trabalho. É possível fazer uma integração dentro com profissionais do LABFORM, mas não se consegue fazer uma integração com a parte técnica, que é o fundamental.

A questão do horário não favorece muitas vezes, porque se, por exemplo, colocasse a disciplina de Química, em pouco tempo se conseguisse desenvolver uma parte técnica, então, a professora de Química entraria com uma parte teórica e a outra entraria junto dando continuidade de 8 às 9, vamos dizer, uma entraria com a parte de química teórica e a outra entraria de 9 até meio-dia com a parte técnica e muitas

¹⁷ Trechos da entrevista com o Professor e Coordenador Flavio Henrique Marcolino da Paixão.

vezes se conseguiria também fazer uma avaliação conjunta, o que iria minimizar essa carga para os alunos. Então isso é só um exemplo, mas que não acontece na escola.

Primeiro, porque para estabelecer no caso, essa parte experimental, seria uma parte também trabalhosa. Para trabalhar no laboratório, é necessário testar a prática um dia antes. É necessário determinar um protocolo, existe também a questão de segurança e existe um projeto de qualidade dentro dos laboratórios de ensino com um livro, que eles precisam preencher.

Então, tem toda uma formação dos professores também para atuar dentro das áreas que é necessária. Porque se consegue fazer esse diálogo agora? Porque a gente traz profissionais da Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde tem outra lógica de trabalhar o currículo, outra lógica político-pedagógica, que não existia, onde se poderia, por exemplo, trabalhar com conteúdos teóricos. (Prof^a Mônica Mendes Caminha Murito).

Pode-se usar a temática do agrotóxico para trabalhar com geografia, história, química, biologia, um exemplo que é um pouco da filosofia do EJA. Então, existe essa dificuldade muito alógica de falar Integração no papel, teórica, mas como colocar esse currículo na prática que é fundamental. É a visão da Mônica, como coordenadora e professora também, vivenciando ali as técnicas e o uso do laboratório, que é tudo dentro escola.

É impressionante, quando se participa do conselho de classe, quando se fala dos alunos, se fala de técnicas básicas que eles estudam, como Química, de Química Analítica. Quase não existem problemas com os alunos em relação à presença. Eles participam ativamente, eles chegam dez minutos antes para ter aula no laboratório. E então, você tem o outro mundo que é a química, onde eles não querem muitas vezes ir na aula de química e faltam muito, têm notas baixas. Então é assim, dois mundos na mesma escola, é a química, que eles odeiam, a matemática e a física e a parte do laboratório que eles muitas vezes amam, chegam dez minutos antes e ficam aguardando na porta do laboratório e participam entusiasmadamente.

O foco era ter uma formação mais abrangente, ter essa preocupação com a tecnologia, como podia formar um técnico que não atuasse só ali na técnica, mas que pudesse também atuar tanto na área de qualidade quanto pesquisa, porque a gente já tinha essa preocupação com automação. Onde é que o técnico ia atuar já que o setor estava sendo tão automatizado? Você vê como uma máquina, num laboratório, uma máquina quantos exames ela faz por minuto? Você vai lá ao laboratório nem que seja para ver o resultado, já tem o resultado para você.

Inclusive muita reclamação sobre isso desses professores não serem fixo, estão vindo e os alunos reclamaram muito, não gostaram, acabou ficando muito espesso, parece que não estão bem preparados para darem essas aulas práticas. Então, realmente tem muita reclamação nessa parte. Então, a gente faz essas reuniões por conta da pesquisa de egresso. Por estar sempre acompanhando os egressos é que a gente vem sempre buscando esse processo de integração. ((Prof^a Mônica Mendes Caminha Murito)¹⁸.

Habilidades e competências consideradas necessárias para que o egresso do Curso Técnico em Análises Clínicas possa desenvolver sua prática profissional

Um ponto de partida para o Politécnico iniciar o seu processo de avaliação foi acrescentar aos objetivos do próprio seminário “Choque Teórico”, o de repensar e começar a construir diretrizes dessa Escola Politécnica que estava sendo inventada. Mas aproveitar

¹⁸ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

também este momento para fazer o “gancho” a fim de repensar a Fundação Oswaldo Cruz como um todo dentro desse processo que começou a ser deflagrado. Foi necessário assumir a ousadia de pensar não só o projeto do Politécnico, mas pensar o Politécnico se integrando com a Escola de Saúde Pública, no que diz respeito a se integrar com o Instituto Oswaldo Cruz, com o Hospital Evandro Chagas, enfim, com a totalidade da Fundação Oswaldo Cruz.

A Escola não trabalha muito com a questão de competências, mas, a competência para um aluno da área de Análises Clínicas, são aquelas competências básicas, a questão da ética, a questão de ser atento, organizado, porque o trabalho de laboratório, que é um trabalho de muita responsabilidade, se a pessoa não for organizada, e muito atento ao que está fazendo, está colocando em risco a vida de alguém. Trocar um frasco, fazer uma diluição errada, anotar a questão do paciente errado, trocar uma lâmina, tudo isso pode gerar erros que serão cruciais. Mas é isso, o aluno ser organizado. A gente preza muito isso nas práticas laboratoriais, quando tem aula prática com os alunos. ((Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci)¹⁹.

COMO ESTÁ O MERCADO DE TRABALHO DO PROFISSIONAL TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS HOJE E NO FUTURO.

Os desafios diante da automação fazem avançar a incorporação do estudo de técnicas mais modernas na área de diagnóstico ao currículo de formação dos profissionais de análises clínicas como um dos reflexos da crescente introdução de máquinas e equipamentos informatizados nos processos desenvolvidos nos laboratórios. Muitos dos procedimentos anteriormente executados pelos técnicos em análises clínicas hoje são integralmente operados por máquinas. Além de reduzir a demanda imediata por técnicos, a automação tem seus impactos sobre funções tradicionalmente desempenhadas por eles, que passam a ser assumidas por profissionais de nível superior. Afinal, pela lógica do mercado, é mais barato contratar um só profissional que possa realizar os exames e, também, assinar os laudos conclusivos, função da alçada dos profissionais de nível superior responsáveis por laboratórios. A diversificação da formação e a aproximação da área da pesquisa aparecem, como alternativas ao cenário de automação dos laboratórios. Leandro Medrado, avaliando os limites dos cursos que apenas ensinam o técnico a manusear equipamentos, frisa: “nosso currículo aborda a biologia molecular, que trata das técnicas que são o futuro da área de diagnóstico, e a histotecnologia. A participação na pesquisa também tem a ver com o tipo de

¹⁹ Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Mauricio Baldacci.

formação que é dado: se o técnico tiver apenas a visão instrumental, vai ter até condição de atuar num trabalho de pesquisa realizando técnicas mecanicamente, mas não vai ter condições de interagir com a pesquisa, gerando problematizações”, avalia. (LEAL, 9, 2010, p.23).

Sobre os estudantes, quando retornam à escola percebe-se que estão trabalhando no Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos BIOMANGUINHOS/FIOCRUZ), trabalhando em pesquisa em laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/FIOCRUZ) e isso é muito fabuloso, porque, é necessário, principalmente nesses tempos em que se vive e se acredita que essa amplitude seja benéfica para todos, tanto para o SUS, quanto para estudantes, em diferentes locais, não só reportados dentro daquilo se imagina que seja o técnico de análises clínicas. (Prof. Flávio Paixão)²⁰.

O campo está muito restrito para esse técnico de laboratório que acabam conseguindo se inserir no mercado, principalmente no privado que é o que está sobrando, porque o público está cada vez diminuindo mais. Eles ficam trabalhando em serviços menos complexos, coleta e preparo de materiais. Outra inserção importante, que foi mudando muito o processo do trabalho de imagem de laboratório, é a automatização. Existe a entrada de grandes equipamentos nos laboratórios que fazem todos os processos analíticos, então isso, vai tirando vaga de muitos técnicos. Um aparelho que você coloca a amostra de vários pacientes e ele processa tudo e já dá o resultado. Já tem isso no Brasil inteiro, são poucos os laboratórios que ainda fazem técnicas manuais e a escola trabalha com os nossos alunos, para que eles entendam os princípios dessas técnicas. Então, os nossos alunos, se a máquina quebrar, sabem fazer aquilo ali na mão, mas praticamente hoje pouquíssimos lugares fazem esse trabalho manualmente. Eu vejo hoje um mercado de trabalho saturado, com poucas possibilidades dos alunos ingressarem na área propriamente dita de Análises Clínicas. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).

A tendência no futuro será piorar, não só pelas questões trabalhistas, das questões da automatização, e a questão das técnicas mais complexas. Os laboratórios dão preferência para profissionais de nível, então a tendência, segundo ele, é o mercado de trabalho ficar cada vez mais estrangulado para técnico de laboratório.

Pela lógica do mercado, os laboratórios particulares possuem uma organização de sistema de cartel em que preferem o profissional de nível superior que além de atuar no diagnóstico, podem assinar os laudos conclusivos (função da alçada dos profissionais de nível superior). O técnico em Análises Clínicas fica limitado à coleta de sangue. Na rede pública, eles têm um campo de atuação mais amplo além de terem possibilidade de estarem concorrendo aos concursos públicos. (Prof. Luiz Maurício Baldacci)²¹.

A automação causou um grande impacto sobre as funções desempenhadas pelo técnico por isso a importância da diversificação na formação com a ampliação do seu campo de atuação e a aproximação com a área de pesquisa.

²⁰ Trechos da entrevista com o Professor e Coordenador Flávio Henrique Marcolino da Paixão.

²¹ Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Maurício Baldacci.

Como manter uma formação na escola, no campo de Análises Clínicas que visualizasse um outro processo de inserção desses jovens na produção científica, na condição do desenvolvimento tecnológico.

Qual será o destino do curso de Análises Clínicas dentro desse contexto, dialogando com o atual mercado de trabalho?

Primeiramente, nosso maior problema é mais estrutural do país. Há uma diferença hoje, sempre teve, historicamente até na educação, a formação técnica era para a classe pobre, para os menos favorecidos e o nível superior para os mais favorecidos.

Se for pensar no mercado de trabalho, na composição do trabalho na sociedade, tem também uma diferença salarial de desvalorização muito grande entre o trabalho técnico e o trabalho físico. Não é à toa que no Brasil, todo mundo quer fazer graduação e a gente sabe que vários países desenvolvidos valoriza o trabalho técnico, não só financeiramente, mas também socialmente, você tem um trabalho maior e uma inserção maior desses profissionais no mercado de trabalho. Aqui infelizmente a gente não tem isso, o nosso jovem que se forma técnico, ele quer uma graduação para tentar almejar um salário maior.

Muitas vezes, como existem muitos profissionais com graduação, os salários, por exemplo, de Análises Clínicas para quem tem graduação, mas trabalha como técnico, não recebem um salário alto. É porque existe um número muito grande de mão-de-obra para o número de vagas. Então, eles oferecem um salário mais baixo e o pessoal entra por necessidade.

Então, muito precisa ser mudado em nossa sociedade. A formação que se dá ao nosso aluno está no caminho certo, sempre esteve, por dar mais possibilidade dele ingressar em outras áreas que não sejam propriamente do serviço de Análises Clínicas. Mas isso, também, é um pouco restrito, porque se observa o profissional se inserindo mais nessas áreas de pesquisa ou na área de controle de qualidade, ou produção, mas no interior da própria instituição. (Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).

Às vezes alguns conseguem ir para universidades, mas também, é um número muito pequeno. Quanto à formação profissional, vejo com muita dificuldade a formação técnica nessa área para o futuro, por tudo que se colocou, até porque, está se muito bem esse profissional e o mercado não o absorve. A gente hoje tem a possibilidade de estar formando em técnicas, hoje, a PCR, que é a técnica do diagnóstico da Covid. Os alunos têm a capacidade de efetuar esse teste, mas mesmo assim ele tem dificuldade nessa inserção, então no futuro, para que se possa ainda brigar pela inserção desses alunos é inserindo as técnicas mais modernas possíveis e esse trabalho tem que ser feito através de revisão curricular a todo momento, para que se continue a formar o melhor técnico possível, para que ele possa ter pelo menos a possibilidade de tentar brigar por uma vaga no mercado de trabalho, mas, nada garante, porque infelizmente, a nossa sociedade é essa que a gente tem.

Sempre que se alia essa discussão da formação com o mercado de trabalho, sempre vão existir problemas por conta até da estrutura do nosso país, então, seria mais interessante se focar mais na perspectiva de uma formação omnilateral, que é fundamental para os estudantes, formar indivíduos nas suas diferentes concepções, e isso a escola faz muito bem, se dá condições aos estudantes de seguirem seus estudos, terem uma formação crítica, assegurando a possibilidade de outros caminhos, assim, a escola frisa muito isso para não se ficar tão desanimado quando se forma estudantes para o mercado de trabalho existente atualmente. Além dessa formação crítica omnilateral, se aborda temas e técnicas atuais com os estudantes, dando a possibilidade do profissional ingressar, tendo essa oportunidade, em diversas áreas da saúde, não só no serviço.

A nossa sociedade, a sociedade não, o Brasil mudou muito de uns tempos para cá, tem alunos mais antigos que vão ao Facebook aparecendo assim: “fui vacinado”. Todos eles, profissionais de Saúde, trabalhando em hospitais e apareciam lá sendo vacinados. Alguns conseguiram ingressar nesse mercado de trabalho. Esse mercado de trabalho mudou de uns tempos para cá. Poderia se pensar nessa mudança que voltasse um pouco ao que era antes para os alunos terem mais chances.

Em termos de nova formação, tem as amarras do Catálogo Nacional de Cursos. Existe um fetiche com Biotecnologia e sempre que se fala de Biotecnologia, parece que se está falando de uma técnica mais avançada, uma coisa mais moderna, então tem essa fetichização da área de Biotecnologia e Análises Clínicas, por ser uma área antiga, muitas vezes é vista só como aquele curso que faz exame de sangue, de fezes e de urina e a pessoa não consegue ter a visão da complexidade que existe ali dentro. Isso para os leigos, pensando assim, claro. Sobre a complexidade dentro de um laboratório de Análises Clínicas, ocorreram muitas mudanças de técnica, houve muita apropriação técnica que com essa apropriação, os estudantes conseguem manter um alto nível. Então, o caminho que se faz é o caminho correto, de dar condições para eles brigarem por uma vaga no mercado de trabalho. Agora não depende só da escola essa inserção. ((Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci).

O Prof. Luiz Mauricio Baldacci entrou na escola em agosto de 1991. “Entrei como professor de Habilitação Técnica. Na verdade, meu contrato na época, era uma bolsa de programa de aperfeiçoamento profissional, eu entrei dando aula na parte básica de laboratório, os alunos de Histologia como os de Análises Clínicas, na época, Patologia Clínica, então as partes de Introdução de Laboratório, Técnicas Laboratoriais, eu participava das aulas E depois, quando ficamos sem coordenador, acabei assumindo, para não deixar os alunos sem aula, porque houve uma saída muito grande de professores da própria Fiocruz, houve necessidade de dialogar novamente para eles se reinserirem no curso, e acabei dando aula de muitas coisas, dei aula de Bioquímica, dei aula de Segurança, e outras disciplinas.” ((Professor e ex-coordenador Luiz Maurício Baldacci)²².

ESTÁGIO

As diretrizes de organização e realização do estágio da Educação Profissional Técnica de Nível Médio seguem a Resolução CNE/CEB nº1/04, em seu Artigo 23, concebe o estágio como atividade curricular e ato educativo intencional da escola.

A EPSJV constrói a sua proposta da educação profissional politécnica, na área da saúde, a partir de reflexões que não ignoram as contradições encontradas na materialidade do trabalho em saúde Trata-se de fundamentar essas reflexões em concepções teóricas sobre a saúde, o trabalho e a educação, e de observar no processo de trabalho em saúde a necessidade de formação para os trabalhadores desta área. Acrescenta-se a isto a viabilização de propostas de modo a atenderem a atual legislação de ensino, porém, vislumbrando os espaços gerados

²² Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Mauricio Baldacci.

pelas contradições nela existentes, como possibilidade de afirmar a formação da força de trabalho como um constructo engendrado pelas relações sociais.

Quebrando o tradicionalismo pedagógico, onde os professores eram meros reprodutores de conteúdo, aqui os docentes passaram a construir o conhecimento com os estudantes. A Base Comum Curricular restringia o currículo, antiquado e ultraconservador, com a omissão, por exemplo, das questões de gênero e sexualidade. O documento passou a ser um mero instrumento de controle do trabalho dos educadores. Mas profissionais da EPSJV superaram esta Base, incluindo, respeitando e promovendo os valores previstos na Constituição Federal.

O Ministério de Educação e Cultura (MEC) alterou a carga horária para reduzir a evasão escolar e melhorar a qualidade da educação que chega aos alunos. A medida é parte do Compromisso Nacional pela Educação Básica que pretende tornar Brasil referência em educação básica na América Latina até 2030. (BRASIL, 2016).

Em relação ao estágio, a escola trabalha com 3 instrumentos de avaliação do trabalho de campo do aluno, que é avaliação pelo supervisor, a autoavaliação e o seminário. São os instrumentos utilizados para avaliar e fazer as modificações necessárias a fim de promover melhorias nos vários campos do estágio.

A escola entrega um questionário, onde o supervisor avalia o desempenho dos estudantes. A partir desse questionário, e de uns anos para cá, se acrescentou a parte de pesquisa fazendo um rodízio conjunto com a coleta de sangue. Então os estudantes passam dois dias na coleta de sangue e dois dias na pesquisa. Isso é muito importante para eles.

Os estudantes do 4º ano apresentam um seminário para os estudantes da sua série e para os estudantes do 3º ano para que eles tenham uma visão dos campos de estágio e também serve como um aporte pedagógico para avaliar as modificações que precisam ser feitas no ano seguinte. Existe um rodízio de coleta e pesquisa ou uma complementação do estágio.

No Instituto de Ciência e Tecnologia em Biomodelos (ICTB/Fiocruz), antigo Centro de Criação de Animais de Laboratório (Cecal), na parte de animais de laboratório, é complementado o estágio de coleta de sangue. (Profª Mônica Murito).

Formar para a pesquisa, para uma análise comprometida, ética, de qualidade, mas, principalmente na coleta, é necessário que se tenha qualidade, além de ética sobretudo. E o mercado de trabalho hoje, infelizmente, acaba colhendo muito, felizmente ou infelizmente, mas a escola gostaria que existisse mais protagonismo, mas o que o mercado de trabalho vê é esse emprego na coleta, no sentido de mais possibilidade de empregabilidade na coleta. (Profª Mônica Murito)²³.

As disciplinas de Iniciação à Educação Politécnica em Saúde (IEP) e o Projeto Trabalho, Ciência e Cultura (PTCC) tiveram sua carga horária modificadas devido aos estudantes acumularem anteriormente a monografia, estágio, mais as disciplinas do técnico e as disciplinas do ensino médio.

²³ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

A Iniciação à Educação Politécnica em Saúde (IEP) é um dos instrumentos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) que une pesquisa e ensino e contribui para a iniciação científica dos alunos dos Cursos Técnicos de Nível Médio em Saúde. Na IEP, os alunos discutem as questões comuns a todas as habilitações, situando-se no campo da saúde e construindo uma visão geral de como sua área se relaciona com as outras. A IEP abrange os três anos de formação dos estudantes e integra-se também ao Projeto Trabalho, Ciência e Cultura (PTCC). O objetivo do PTCC é promover a educação pela pesquisa e tornar os jovens produtores de conhecimento, desenvolvido com alunos dos Cursos Técnicos de Nível Médio em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. O programa é integrado à Iniciação à Educação Politécnica em Saúde (IEP) e começa a ser desenvolvido com os alunos a partir do segundo ano, quando os estudantes começam a definir o tema da monografia.

A IEP inclui os quatro eixos considerados estruturantes para a formação politécnica em Saúde - Política, Trabalho, Saúde e Ciência e Cultura. No primeiro ano, são trabalhados os eixos Política, Trabalho e Saúde. Além dos conteúdos de sala de aula, uma das ferramentas de ensino utilizadas pela IEP é o Trabalho de Integração (TI), que tem o objetivo de diversificar os cenários de aprendizagem e promover a iniciação à pesquisa.

A partir do segundo ano, é trabalhado o eixo Ciência e Cultura e aumenta a integração com o PTCC, já que no final desse período, os alunos devem apresentar seus pré-projetos de monografia. Para fortalecer a escrita e promover a inclusão dos estudantes no meio dos textos científicos, também são realizadas as oficinas de leitura e produção de textos científicos, articuladas com a discussão sobre os processos de produção e difusão do conhecimento. No terceiro ano, os alunos têm horários reservados para orientação, seminários de apresentação do desenvolvimento da monografia e para defesa da monografia, que acontece no final do curso.

CONSELHOS PROFISSIONAIS

A progressiva extinção das práticas de laboratório e, ao mesmo tempo, o surgimento de trabalhadores técnicos em saúde, segundo Pronko (2011, p. 65), ocorreram também por conta da “criação de conselhos profissionais responsáveis pela fiscalização do exercício profissional – organizados, na sua maioria, pelos profissionais de nível superior”.

Com a criação do CFF em 1960, fica instituída a subordinação do técnico em análises clínicas aos Conselhos Regionais de Farmácia (CRF's). Com isso, torna-se compulsória a sua inscrição para que este técnico possa exercer suas atividades profissionais (Brasil, 1960).

Segundo Pronko (2011), a criação dos conselhos profissionais responsáveis pela fiscalização do exercício profissional acarretou a progressiva subordinação legal dos trabalhadores técnicos.

No Brasil, as atividades de análises clínicas estão ligadas a distintos conselhos, como o CFF, o Conselho Federal de Biologia (CFBio), o Conselho Federal de Química (CFQ) e o Conselho Federal de Biomedicina (CFBM).

A lei n.3.820 de 1960, que criou o CFF, em seu artigo 14, instituiu que o profissional de farmácia deveria se inscrever nos CRF's para exercer sua atividade profissional, assim como profissionais técnicos em análises clínicas.

Em 1997, o CFF, através da resolução n. 311, complementou as normas sobre a inscrição e averbação dos profissionais no conselho e especificou as atividades realizadas no âmbito do laboratório de análises clínicas. Além disso, definiu três terminologias utilizadas na resolução: inscrição, averbação e âmbito profissional:

I. Inscrição: É a transcrição de dados dos auxiliares técnicos de laboratórios de análises clínicas, em cadastro ou livro próprio dos Conselhos Regionais de Farmácia;

II. Averbação: É a transcrição de novos dados na inscrição dos auxiliares técnicos de laboratório de análises clínicas em cadastro ou livro próprio dos Conselhos Regionais de Farmácia para controle, fiscalização e concessão de atribuições profissionais específicas; Processo de Qualificação dos Técnicos em Análises Clínicas no Brasil

III. Âmbito Profissional: É a descrição da ocupação e tarefas típicas a serem realizadas pelos auxiliares técnicos de laboratórios de análises clínicas. (CFF, 1997).

Essa resolução (CFF, 1997) também trouxe um detalhamento acerca do técnico em análises clínicas, do seu quadro profissional no CFF e de suas atividades profissionais:

Art. 2º - os auxiliares técnicos de laboratórios de análises clínicas estão sujeitos à inscrição nos Conselho Regionais de Farmácia no quadro de não farmacêuticos, preenchidos os requisitos dos regimentos internos destes Conselhos.

Parágrafo único. São auxiliares técnicos, devidamente reconhecidos por curso técnico de 2º grau, conforme regulamentação do Conselho Nacional de Educação.

Essa resolução trouxe elementos de reconhecimento da habilitação (a partir de curso profissionalizante de 2º grau – atualmente o técnico de nível médio), de certificação (sendo obrigatória a obtenção de diploma de técnico de laboratório de análises ou de patologia clínica) e de âmbito profissional.

CAPÍTULO 6 - SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO REALIZADA COM OS EGRESSOS

Respostas ao Questionário Perfil dos egressos de Análises Clínicas

1. A pesquisa de campo foi realizada em dois momentos: o primeiro, com a aplicação do questionário e realização de entrevistas com egressos do Curso; e o segundo com a realização de entrevistas com coordenadores e ex-coordenador do curso. Aqui serão apresentados os resultados com discussões sobre as questões levantadas.

A pesquisa de campo realizada com os egressos aconteceu entre os meses de maio e julho de 2020, período esse coincidente com o primeiro pico de casos e mortes no Brasil relacionados à pandemia do Sars-Cov2. Diante desse contexto, todo o trabalho de campo foi realizado de forma remota, por meio de plataformas virtuais.

Em um total de 104 egressos formados apenas 56 egressos das turmas de 2012, 2013, 2014 e 2015 do Curso Técnico integrado ao Ensino Médio na habilitação de Análise Clínicas responderam aos questionários. Desses 16, sendo 4 de cada turma foram selecionados para entrevistas, como critério de seleção foram selecionados estudantes que se encontravam no campo de trabalho de acordo com a formação ofertada no curso.

Essa amostra está contida num total de 104 egressos concluintes das turmas de 2012, 2013, 2014 e 2015, conforme metodologia do trabalho.

Tabela 1 - Número de respondentes ao questionário por turma e percentual por turma na composição da amostra

	Total de concluintes/Quantidade de respondentes	Percentual de respondentes por turma em relação ao conjunto total de respondentes
Turma 2012	24 concluintes / 12 respondentes	21%
Turma 2013	28 concluintes / 15 respondentes	27%
Turma 2014	24 concluintes / 15 respondentes	21%
Turma 2015	28 concluintes / 14 respondentes	27%
Total Geral	104 concluintes/56 respondentes	100%

Conforme indicado no Quadro 1, em um total de 104 estudantes concluintes, 56 egressos responderam ao questionário, perfazendo um percentual de 53,84% de participação.

Considerando a participação por turma, em todas elas se teve a participação igual ou superior a 50% de respondentes.

Observa-se que, na constituição total da amostra de respondentes ao questionário, há uma boa distribuição dos mesmos entre as turmas. Essa distribuição equitativa auxiliou na análise dos dados diminuindo a possibilidade de ocorrência de fatos e/ou ocorrências isoladas.

Durante a análise dos dados, além da análise individual das repostas por questão, também foram realizadas análises entre questões. Ou seja, análises transversais.

Apresentação e análise dos dados coletados nos questionários:

Entre os 56 egressos que responderam ao questionário, 16 deles indicaram que estavam trabalhando em sua área de formação técnica e 19 estavam trabalhando fora da área de sua formação técnica; totalizando 35 egressos trabalhando naquele momento.

Necessário destacar que, quando da aplicação do questionário, cerca de um quarto dos egressos havia concluído a formação técnica há menos de dois anos. Outro um quarto havia concluído há menos de três anos, sendo o um quarto que mais longe tinha concluído sua formação técnica, isso tinha ocorrido há menos de 5 anos quando da participação nessa pesquisa. Destaca-se que essa pesquisa buscou entender a inserção profissional dos egressos na área da formação técnica, não tendo realizado estudos de inserção e/ou mobilidade acadêmica. No entanto, se faz necessário considerar que, por serem egressos de um curso técnico integrado ao Ensino Médio, ou seja, um curso técnico integrado à Educação Básica, etapa anterior aos estudos universitários, parte dos egressos relataram que não estavam trabalhando ou estavam dando continuidade aos estudos.

Tabela 2 - Situação Profissional ou Acadêmica atual dos egressos.

	Quant.	Percentual considerando toda a amostra
Egressos que estavam trabalhando em sua área de formação	16	18 %
Egressos que estavam trabalhando, mas não na área de formação	19	24 %
Total de Egressos que estavam trabalhando	35	32 %
Egressos que não indicaram estar desenvolvendo atividades laborais	21	26 %
Total da amostra	56	100%

Os dados acima indicam que cerca de 42% dos jovens egressos estavam realizando atividades profissionais na data do preenchimento dos questionários, indicando que estavam

profissionalmente inseridos ou possuíam empregos formais, número muito próximo dos encontrados na pesquisa sobre Empregabilidade e Perfil da Inserção de Egressos do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) no Mercado de Trabalho (SAMPAIO, 2013, p. 6), onde se verifica que os estudantes estão sendo preparados com a máxima qualidade dentro de um contexto possível atual do país.

Dentre os 16 egressos que estavam trabalhando na área, três eram da turma de 2012, quatro da turma de 2013, quatro da turma de 2014 e cinco da turma de 2015. Nota-se que os egressos da turma de 2015, que concluíram o curso já no final de 2019, sendo certificados em início de 2020 são os que apresentaram maior percentual de trabalho na área técnica.

Os dados extraídos acima também se coadunam com os dados do Sumário executivo de avaliação dos egressos dos cursos do PRONATEC/bolsa-formação ofertados pelo SENAR ano 2015/2016, que apresenta ponderações sobre os seus cursos e as mudanças na vida dos estudantes, reforçando que, ao final do curso, o mesmo pode até estar bem preparado e com os recursos necessários para enfrentar o mercado de trabalho, porém somente a capacitação adequada não é o suficiente para inserção no mercado de trabalho. Os estudantes precisam estar capacitados na área relacionada à vocação do município/localidade e enfrentar obstáculos como, por exemplo, a falta de experiência profissional e de oportunidades no município/localidade.

Outra pesquisa realizada pelo SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) de 2012, foi encontrado que 80% dos alunos gostariam de continuar os estudos após o Ensino Médio.

Tabela 3 - Motivo pelo qual os egressos não estão realizando atividades profissionais na área técnica.

	Número de respostas por motivo	Percentual de respostas por motivo considerando o total de motivos apresentados
Mercado de trabalho saturado	04	10%
Melhor oportunidade em outra área	10	25%
Motivos particulares	26	65%
Não responderam	03	
Estavam empregados na área	16	----
Número total de respondentes	37 de 56	----
Total de motivos apresentados	40	100%

Obs. 1) 37 egressos responderam à questão; 2) Como a questão possibilitava mais de uma resposta, 3 deles indicaram dois motivos totalizando 40 motivos; 3) 19 egressos não responderam sendo que 16 estavam empregados na área.

Como a questão 3 do questionário aplicado possibilitava a marcação de mais de uma opção, mesmo não considerando os 16 egressos que estavam trabalhando na área e outros 3 que não responderam à questão, 40 motivos foram indicados. Destes, 65%, ou seja, a maioria, justificou a sua não atuação na área por motivos particulares. Apenas 10% consideraram o mercado saturado como motivo de não ingresso na área, e 25% indicaram que não estavam trabalhando na área por terem encontrado oportunidade melhor em outra área.

Ficou evidenciado que o questionário não trouxe questões suficientes sobre a mobilidade dos egressos do curso de análises, pois não conseguimos identificar se os egressos que não responderam a algumas questões se estavam ou não trabalhando, e se não estão trabalhando, estão estudando ou desenvolvendo atividades informais. Não se obteve informações sobre quais motivos particulares levaram os egressos a não desenvolverem atividades na área da formação técnica.

Uma das inquietações que se desenvolveu sobre este assunto é a questão da própria formação politécnica defendida e desenvolvida pela EPSJV já que, conforme mostrado no decorrer dessa análise (ver tabela 12), 89% dos egressos atribuíram o conceito ótimo ao curso de Análises Clínicas da EPSJV, e 73% consideravam que estavam muito, ou razoavelmente preparados para o ingresso no mercado de trabalho, pós conclusão do curso (ver tabela 8). Nesse sentido ampliamos o número de questões no instrumento de avaliação permanente dos cursos técnicos proposto neste estudo, para se obter maiores informações sobre a mobilidade dos egressos.

A tabela 4 apresenta o tempo decorrido entre a conclusão do curso e o início de atividade profissional. Entre os 56 respondentes, 39 assinalaram uma das possibilidades, indicando que ao menos 69,64% dos egressos respondentes iniciaram atividades profissionais após a formatura.

Tabela 4 - Tempo decorrido entre a conclusão do curso e o início da atividade profissional

	Quant.	Percentual de respostas por período decorrido entre a formatura e o início da atividade profissional
Iniciaram atividades profissionais em menos de 1 ano	20	36 %
Iniciaram atividades profissionais de 02 a 03 anos	13	23%
Iniciaram atividades profissionais de 03 a 04 anos	02	3 %
Iniciaram atividades profissionais após 4 anos	03	5 %
Não responderam	18	32%
	56	100%

É importante destacar que 59% dos egressos conseguiram ingressar no mercado de trabalho em até 3 anos. Sendo que, deste, 36% ingressaram ainda no primeiro ano.

Mais uma vez esses resultados se aproximam dos resultados dos estudos de Sampaio, com recém egressos do IFRN. Os autores constataram que 55% estavam profissionalmente inseridos ou possuíam empregos formais em julho de 2013, número muito próximo dos encontrados nessa pesquisa. (SAMPAIO, 2013, p.11)

A tabela 5 indica em que tipo de instituição de saúde os egressos exerciam sua atividade profissional. Dos 56 respondentes, 12 indicaram que estavam empregados em empresas privadas e 9 em empresas públicas, totalizando 21 respostas. Esse número é superior aos 16 que declararam que estavam realizando atividades no campo da formação técnica. Uma das hipóteses é que, mesmo aqueles que não estão realizando atividades no campo da formação técnica, desenvolvem atividades no campo da saúde. Não se conseguiu verificar, por exemplo, quantos egressos deram continuidade à formação acadêmica dentro da área da saúde, o que estaria possibilitando a inserção no mercado de trabalho na saúde a partir de outras habilitações. Sobre isso, na segunda fase da etapa de campo, quando as entrevistas com os egressos foram realizadas, um dos participantes esclareceu que, após uma conclusão do curso técnico na Escola, ele ingressou em um novo curso, também na área da saúde, que desencadeou sua inserção profissional atual. Destaque a ser dado que o egresso indica que a inserção nesse novo curso só foi possível devido a conclusão do curso de técnico em Análises Clínicas anteriormente.

Tabela 5 – Em que tipo de Instituição os egressos que estão trabalhando exercem sua atividade profissional?

	Quant.	%
Empresa privada	12	34%
Empresa pública	9	26%
Número de egressos que responderam que estavam realizando atividades laborais no momento que responderam ao questionário	35	100%

Apesar de não refletir a inserção no mercado de trabalho somente em atividades relacionadas à formação técnica, a tabela 5 possibilita uma análise sobre a inserção de egressos da EPSJV entre empresas públicas e privadas. Prevalendo a inserção em empresas privadas.

Analisando ainda os dados coletados, dando destaque somente aos egressos que realizam atividades relacionadas à habilitação técnica (tabela 6), pode-se afirmar que destes 16 egressos, 10 estavam realizando atividades somente em empresas privadas, 4 somente em empresas públicas, 1 em empresa pública e privada e um indicou que a pergunta não se aplicava a sua situação atual.

Tabela 6 – Inserção no mercado de trabalho dos egressos que desenvolviam atividades na área da formação técnica de acordo com o tipo de empresa: pública ou privada

	Quant.	Percentual de respostas por atuação no mercado de trabalho considerando o tipo de instituição
Somente em empresa privada	10	63%
Somente em empresa pública	4	25%
Em empresa pública e privada concomitantemente	1	6%
A pergunta não se aplicava a sua situação atual	1	6%
Número de egressos que responderam que estavam realizando atividades laborais no momento que responderam ao questionário	16	100%

Mais uma vez se sobressai a inserção em empresas privadas sobre as públicas. Nesse caso com um maior distanciamento entre os percentuais quando 63% dos egressos estavam trabalhando em empresas privadas e somente 25% em empresas públicas.

Essa tendência tem sido bastante estudada como no artigo Privatização da saúde no Brasil: da ditadura do grande capital aos governos do PT. Segundo a pesquisadora, o setor da saúde no Brasil sempre foi, ainda antes da Constituição de 1988, majoritariamente privado, com subsídios do fundo público (CISLAGHI, 2019).

Com a Constituição e a construção do Sistema Único de Saúde (SUS), vivemos uma ampliação do sistema público, porém a conservação do setor privado como complementar ao público manteve as contradições na relação entre esses dois setores, bem como a disputa aberta, e mais acirrada, pelo fundo público. (CISLAGHI, 2019).

Pesquisas também apontam que o desemprego é menor entre os jovens com mais estudo, mas existem dificuldades ao procurar vaga. Mesmo os números sendo mais favoráveis em comparação com aqueles que não tem alguma formação – a última amostragem da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Pnad Contínua do IBGE) aponta entre a população desocupada, os trabalhadores de nível superior representam 9,2%, muito abaixo dos 38% apresentados por aqueles com ensino médio completo. Dentre aqueles que ainda estão em curso de formação, a taxa de desemprego é de 6,4% entre os estudantes de nível superior contra 11,7% do nível médio (GRETA, 2016).

Igualmente, tendo em vista superar determinados gargalos estruturais da economia, a de se convir a necessidade de uma maior convergência da política de educação profissional e tecnológica com outras políticas estruturantes, especialmente, àquelas direcionadas à geração de oportunidades de trabalho, tais como às voltadas ao empreendedorismo e cooperativismo – simultaneamente, que incluam o fomento a programas de incubação de empresas nascentes e/ou o desenvolvimento de atividades produtivas (SAMPAIO, LOPES, THOMAZ; APOLINÁRIO, 2013, p. 9).

A tabela 7 apresenta a forma de obtenção do emprego atual considerando os que trabalham na área da formação técnica. Aqui destaca-se que a maior parte dos egressos foram selecionados por meio do currículo (56%), seguido pela indicação por colegas (19%).

Tabela 7 – Forma de obtenção do emprego atual dos egressos que trabalham na área da formação técnica

	Quant.	Percentual de respostas por forma de ingresso no emprego atual
Através de concurso público	01	6%
Efetivação de estágio	01	6%
Seleção de currículo	09	56%
Indicação de colegas	03	19%
A pergunta não se aplica a situação atual	02	13%
	16	100%

Merece destaque que somente um dos egressos obteve o emprego atual por efetivação de estágio. Parte dessa informação decorre que os estudantes da habilitação de Análises Clínicas realizam seus estágios em instituições públicas, o que não permite a efetivação do estudante após a finalização do estágio. Outro dado importante a ser destacado é a baixa efetivação de entrada por concurso público. Tal fato pode ser analisado pela perspectiva que, a partir de 2016, ano que coincide com a possível entrada dos egressos da turma de 2012 no mercado de trabalho, poucos concursos aconteceram, assim como o tema da privatização dos serviços de saúde, tema já abordado anteriormente.

Chama atenção também o percentual de 56% dos egressos que obtiveram o emprego atual na área da formação técnica por seleção do currículo já que muitos deles eram recém formados. O que pode indicar que a formação técnica oferecida na EPSJV tem sido, por vezes, suficiente para o ingresso no campo de formação.

Interessante sobre a resposta dos questionários onde ficou bem nítida a situação dos 16 estudantes que estão trabalhando na área, onde se verifica que os selecionados por currículo são 3 da turma de 2013, 3, são da turma de 2014 e 4 são da turma de 2015, onde também se constatou que conseguiram o seu primeiro emprego entre o período de 1 a 3 anos.

Até aqui, as tabelas mostradas trataram sobre a relação do egresso e sua inserção no mercado de trabalho. Foram analisados dados que faziam parte do primeiro bloco do questionário aplicado. A seguir serão apresentadas análises relativas à avaliação, por parte dos egressos, do curso e da instituição.

A tabela 8 apresenta os resultados de como os egressos se sentiam ao concluir ao curso, considerando sua preparação para o ingresso no mercado de trabalho.

Tabela 8 - Avaliação sobre a preparação do egresso para o mercado de trabalho, pós conclusão do curso

	Número de respostas por opção	Percentual de respostas por opção
Estavam muito preparados	18	35%
Estavam razoavelmente preparados	20	38%
Estavam pouco preparados	02	4%
Responderam que não estão trabalhando	12	23%
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	04	0%
Total de respostas	56	100%

Dos 56 participantes, 4 não responderam à questão. Sendo assim considerou-se, para elaboração dos percentuais, uma amostra total de 52 respostas. Destes, 18 respondentes indicaram que estavam muito preparados para o mercado de trabalho e 20 razoavelmente preparados. Apenas dois egressos consideraram que estavam pouco preparados. Como já tratado anteriormente, somando os percentuais dos que consideravam que estavam muito preparados e os que estavam razoavelmente preparados chega-se o percentual de 73% egressos. Valor importante considerando que outros 23% não responderam por não estarem trabalhando.

Vinte e três egressos (43%) consideram que as disciplinas técnicas contribuíram para o seu desempenho profissional, mesmo que, no momento da aplicação do questionário, apenas 16 egressos informaram que estavam desenvolvendo atividades laborais na área. Vinte seis deles (49%) declaram que a questão não se aplicava, o que pode indicar que, um número significativo de egressos seguiu ou está construindo suas carreiras em outras áreas.

Apenas um percentual de 8%, indicou que as disciplinas técnicas pouco contribuíram para o seu desempenho profissional.

Em números absolutos, o número de 26 egressos que responderam que a questão sobre a contribuição das disciplinas técnicas para o seu desempenho profissional não se aplicava é o mesmo do número de egressos que responderam que não estão trabalhando na área por motivos particulares.

Tabela 9 – Como as disciplinas técnicas contribuíram para o seu desempenho profissional.

	Quant.	Percentual de respostas por conceito atribuído
Muito	23	43%
Pouco	04	8%
Não se aplica	26	49%
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	03	—
Total de respostas (retirando os que não assinalaram nenhuma das possíveis respostas)	53	100%

Dos 16 egressos que indicaram que trabalhavam na área, 15 apontaram que os conhecimentos técnicos contribuíram muito para o desempenho profissional e somente um egresso disse que os conhecimentos técnicos contribuíram pouco.

Entre os 4 egressos que indicaram que as disciplinas técnicas contribuíram pouco, um deles, como já foi relatado, estava desenvolvendo atividades profissionais na área da formação técnica, um deles não indicou se estava trabalhando, mas relatou que o motivo em não está trabalhando na área em que se formou era o mercado saturado e os outros dois disseram que estavam trabalhando, mas em outra área, por terem melhor oportunidade.

Confrontando as duas questões, considerando a resposta individual de cada egresso, podemos afirmar que dos 26 egressos que indicaram que não se aplicava à situação atual uma avaliação da contribuição das disciplinas técnicas no desempenho profissional, 26 deles estavam exercendo atividades na área por motivos particulares. 9 (nove) declararam que tiveram melhor oportunidade em outra área, e somente 4, desses cinco indicaram também que o mercado estava saturado.

Tabela 10 – Conceito atribuído aos professores das disciplinas da formação geral

	Número de respostas por conceito atribuído	Percentual de respostas por conceito atribuído
Ótimo	40	74%
Bom	14	26%
Regular	0	0%
Ruim	0	0%
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	2	_____
	54	100%

Praticamente 100% dos egressos atribuíram conceito bom ou ótimo aos docentes da formação geral; com destaque ao conceito ótimo que ficou com 74% das indicações e nenhuma indicação de conceito regular ou ruim.

Conceitos parecidos atribuídos aos professores da formação geral também foram dados aos professores da formação técnica. Nesse caso o percentual de “ótimo” foi de 83% completando, os 100%, com os aproximados 17% que atribuíram o conceito bom. Mais uma vez nenhum estudante atribuiu conceito regular ou ruim aos docentes.

Tabela 11 – Conceito atribuído aos professores das disciplinas técnicas

	Número de respostas por conceito atribuído	Percentual de respostas por conceito atribuído
Ótimo	45	83%
Bom	9	17%
Regular	0	0%
Ruim	0	0%
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	2	_____
Total de respostas	54	100%

Os educandos são os maiores beneficiados quando um professor está bem preparado. Neste contexto Moran (2004, p. 13) pergunta e responde: “O que deve ter uma sala de aula para uma educação de qualidade? Precisa fundamentalmente de professores bem preparados, motivados e bem remunerados e com formação pedagógica atualizada. Isto é incontestável”.

Como na maioria das escolas, os contratos dos docentes da EPSJV, em sua maioria, têm um número mínimo de 40 horas por semana que devem se dedicar às aulas, onde estão incluídas horas para pesquisa e desenvolvimento profissional.

A maioria dos docentes da Politécnica são servidores públicos na carreira de C&T e mesmo os terceirizados participam das atividades de pesquisa e qualificação profissional. Esta é uma situação importante e, em muitos casos, os professores estão tão atribulados em salas de aula que pouco conseguem desenvolver sobre pesquisa ou outros aprendizados, conforme destacaram os Profs. Flávio Paixão e Baldacci:

“Esses movimentos também são difíceis de serem feitos, porque todos são assoberbados de trabalho de uma maneira geral, mas especialmente quando se está muito em sala de aula, segundo o Prof. Flávio Paixão. “ (Informação verbal).

Os laboratórios responsáveis pelas habilitações discutem o seu currículo, fazem as modificações, sem dialogar com o ensino médio. Existem várias razões para isso, uma delas é a própria complexidade da escola. Se for pensar, existem ao menos 13 disciplinas de Ensino Médio, se somando com as disciplinas da Educação Profissional, são muitas disciplinas por ano, então, acaba dificultando muito esse diálogo. Não é impossível, a escola tinha que trabalhar nessa perspectiva, mas nunca se conseguiu ter isso mais orgânico dentro da mesma, segundo Baldacci.

Baldacci lembra sobre os Congressos da área de análises clínicas, onde são apresentadas as novas técnicas de trabalho laboratoriais, mas os professores, por não fazerem pesquisa nessa área, acabam não tendo condições de mandar trabalho para o Congresso. Então, em alguns momentos, se conseguiu fazer com que os professores mesmo sem trabalho, pudessem participar desses Congressos, como uma forma de estarem trabalhando na formação profissional deles, para que eles pudessem estar entrando em contato com essas novas técnicas, poderiam ir alimentando o currículo da escola e, melhorando as disciplinas que eles dão. Essa é uma dificuldade que a escola tem. Então, o perfil dos professores hoje, são professores, muitas vezes também que vêm da história de bancada, de pesquisa, não tem professores da área de Análises Clínicas. O ideal seria que eles tivessem fossem de análises clínicas, porque poderiam ter uma visão mais global da área.

O próprio profissional de Análises Clínicas muitas vezes, nessas discussões da saúde, discussões do SUS, acaba ficando muito apartado, porque o profissional de laboratório fica trancado no laboratório. Ele chega lá, se tranca, poucos tem contato com o paciente, porque, é só na hora da coleta ou de recebimento de amostras. Na maioria das vezes, ele está ali, mexendo com equipamento, nas técnicas. Então, a visão dele é muito tecnicista, conforme menciona Baldacci. (Informação verbal)²⁴.

²⁴ Trechos da entrevista com o Professor e Ex-Coordenador Luiz Mauricio Baldacci.

Tabela 12 – Conceito atribuído ao curso de Análises Clínicas da EPSJV

	Número de respostas por conceito atribuído	Percentual de resposta por conceito atribuído
Ótimo	47	89%
Bom	04	7%
Regular	02	4%
Ruim	0	0%
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	03	_____
	53	100%

Neste item o Curso Técnico de Análises Clínicas oferecido pela EPSJV foi extremamente muito bem avaliado com atribuição de conceito ótimo dos 89% dos egressos e 7% com conceito bom. 4% atribuíram conceito regular e nenhum considerou o curso ruim. Três egressos participantes não responderam a este quesito. Desta forma fica bastante evidente a qualidade do curso atribuída pelos egressos. Se resgata a essa questão o percentual de participantes por turma da pesquisa igual ou superior a 50% possibilitando assim uma análise que as avaliações sobre o curso se referem, com bastante aproximação de curvas aproximadas de avaliação nas turmas de 2012 e 2015, sem episódios significativos de pontos de exceção.

Para auxiliar as análises desse estudo, alia-se a possibilidade das avaliações transversais, entre elas a possibilidade de compararmos, a partir de diferentes pontos de vista, as respostas dadas às questões apresentadas. Nesse caso, realizando uma análise transversal entre as tabelas 9, 10 e 11, que atribuem os conceitos ótimo, bom, regular ou ruim aos docentes e ao curso em número absolutos, onde mais egressos, no total de 47 (quarenta e sete) avaliaram o curso com conceito ótimo, comparando com o número de 40 egressos que atribuíram o conceito ótimo aos docentes da formação geral e 45 aos da formação técnica.

Esses resultados podem suscitar novas pesquisas que avaliem o quanto outros aspectos presentes na EPSJV, incluindo aí todo o seu corpo de trabalhadores, impactam positivamente na qualidade dos cursos oferecidos pela Escola.

Em pesquisa realizada em especialização da ENSP em parceria com o IFF, por Martins, sobre avaliação dos serviços prestados pela Secretaria Escolar da Escola Politécnica

de Saúde Joaquim Venâncio sob a Perspectiva dos Estudantes, fica bem nítida a impressão positiva e prestativa da EPSJV, em relação ao trabalho de seus colaboradores, conforme verificado em questionário com os estudantes:

A análise dos dados quantitativos proporcionou uma avaliação positiva segundo o grau de satisfação indicado nos questionários e entrevistas com os egressos e se observou que a indicação do grau de satisfeitos e o grau de muito satisfeitos foi muito superior em relação ao ensino politécnico e à qualidade do corpo docente de formação geral e formação técnica.

Isso reflete a qualidade do curso e anda em linha com a teoria do capital humano apresentada no referencial teórico. (SILVA, 2015, p. 18).

Tabela 13 – Motivo da escolha da EPSJV para estudar

	Número de respostas por motivo	Percentual de respostas por motivo
Qualidade de ensino	46	84%
Tradição	05	9%
Localização	02	4%
Gratuidade	05	9%
Não conseguiu vaga em outra instituição	02	4%
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	02	_____
Total de respostas dadas	60	_____
Número de egressos que responderam à questão	54	_____

Obs. 1) 54 egressos responderam à questão. No entanto, como poderia ser assinalada mais de uma questão, foram assinaladas 60 opções. Para o cálculo dos percentuais foram considerados os números de respostas dadas por opção, sobre o número de respondentes o que, somando os percentuais por opção, chega-se a um percentual maior que 100% como esperado.

Na análise deste quesito, pode-se verificar que 84% dos egressos escolheram estudar na EPSJV pela qualidade de seu ensino o que pode trazer uma compreensão que, mesmo externamente, a Escola tem mantido uma boa avaliação.

O trabalho de Eduardo Cristello sobre o perfil do aluno egresso se mostrou compatível com esta dissertação que a autora traz, para observar aspectos mensuráveis que interferem na percepção de qualidade do aluno e impactam diretamente na Instituição de Ensino a qual pertencem em função da qualidade e na prestação de seus serviços, por isso torna-se interessante o uso das informações deste estudo para reorganização curricular e inclusões de

discussões que possam também servir de matéria para outros pesquisadores que desejarem complementar este trabalho. (CRISTELLO, p. 13,2018)

Também foram apontados como motivos de escolha da escola a tradição da instituição e gratuidade ambas com 9% de indicações e a localização e por não ter tido oportunidade em outra escola indicado por 4% dos respondentes. Sobre o último motivo faz-se necessário destacar que, apesar de ser uma Escola Federal que tem o como forma de acesso a mesma a prestação de concurso, entende-se que o modelo de concurso realizado pela EPSJV tende a garantir um pouco mais de acesso aos estudantes que não tiveram uma trajetória acadêmica suficiente para garantir seu ingresso num concurso onde sobressaem aqueles que alcançaram os melhores resultados nas provas. Diferente de outras escolas federais existentes na cidade do Rio de Janeiro, na EPSJV, todos os alunos estão aptos a participar da segunda fase do concurso, que é realizada por meio de sorteio, os candidatos que obtiveram 50% de acertos nas provas de matemática e português, levando assim, para a segunda fase do concurso um número maior de jovens que participam da segunda fase em condições de igualdade.

Casarin comenta sobre a importância do momento da escolha de qual área e curso seguir é difícil, mas esta decisão deve-se levar em conta os aspectos do histórico educacional, condição social e econômica do jovem. Já para outros jovens não existe o processo de escolha detalhado, mas sim uma nova realidade de adaptação com o trabalho e os estudos ao mesmo tempo. Esta adaptação é encontrada em inúmeras famílias que não tem condições financeiras para ajudar seus filhos em sua formação. (CASARIM, 2007, p. 189)

Ainda segundo Casarim, vivemos em um modelo de sociedade no qual os saberes são discutidos e, de certa forma, possibilitam a reconstrução de saberes anteriores. Essa troca de informações proporciona às pessoas conclusões sobre saberes em construção. A aprendizagem se dá em um contexto social, no qual as possibilidades de troca de informações são exercidas proporcionando o crescimento do grupo. Para que o sujeito participe, exponha seus saberes e incertezas, ele precisa pertencer a um grupo e sentir-se aceito nele. Essa aceitação permitirá que assuma a autoria de ideias, forme convicções, estabeleça diálogos com o outro e com aprendizagem formal. Cada um possui uma forma diferente de organizar-se, seja social ou mentalmente. Cada sujeito, inserido em um meio, deve compreender o seu modo de organização, suas possibilidades e modalidades de aprendizagem. Todos podem discernir entre o que é certo ou errado e, frente às escolhas, tornarem-se responsáveis por seus atos. (CASARIN, 2007, p. 189).

Auto avaliação:

Tabela 14 - Quanto à sua dedicação aos estudos durante o curso, você pode afirmar que foi:

	Número de respostas por opção	Percentuais de respostas por opção
Boa	37	68%
Regular	16	30%
Ruim	01	2%
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	02	—
Total de respostas	54	100%

Na análise deste quesito, podemos considerar a coerência entre as respostas anteriores sobre a qualidade do ensino e a qualidade dos professores, pois a expressiva porcentagem de 68% avaliou que tiveram boa dedicação aos estudos e 30% afirmaram que a dedicação foi regular. Um percentual de 2%, bem pouco expressivo, afirmou que sua dedicação foi ruim.

No Estudo da tese de (GRIBOSKI, 2014) o conceito de qualidade precisa ser problematizado à luz da relação estabelecida entre os processos de avaliação e regulação. Para Enguita (1995), a qualidade pode ser entendida sob diferentes lógicas: I) associada à ideia de “bem-estar”; II) vinculada à eficácia dos processos; III) ligada à competição de mercado. Com essa compreensão, a qualidade pode ser mais ou menos valorizada, a depender do contexto social, político, econômico e educacional. Com o predomínio das ações de regulação e suas intervenções, as concepções de qualidade e de emancipação não podem ficar reduzidas a um modelo ideal, pois na dinâmica da realidade são gerados espaços de participação para a construção de processos de mudança dessa realidade. Esse é um significado que atribui à gestão, de forma contextualizada, a responsabilidade pela alteração do conceito de qualidade. Para Dourado, Oliveira e Santos (2007), a qualidade da educação é um conceito polissêmico e representa:

[...]um fenômeno complexo, abrangente, e que envolve múltiplas dimensões, não podendo ser apreendido apenas por um reconhecimento de variedade e das quantidades mínimas de insumos considerados indispensáveis ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e muito menos sem tais insumos (GRIBOSKI, 2014, p. 9).

Para Mendonça, existem barreiras que estão diretamente ligadas às barreiras atitudinais, pois inclui metodologia para a adequação das aulas ministradas pelo professor, como a adequação de técnicas, teorias e métodos para o sucesso da aprendizagem de todos os alunos. (MENDONÇA, 2013, p. 12).

Tabela 15 – Quanto à assiduidade e pontualidade às aulas:

	Número de respostas por opção	Percentual de respondentes por opção
Boa	39	72%
Regular	12	22%
Ruim	03	6%
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	02	_____
Total de respostas	54	100%

Quanto a este quesito, conforme o anterior, as respostas apresentaram bastante coerência com as respostas anteriores, pois 72% dos egressos tiveram boa assiduidade e pontualidade e 22% afirmaram que a assiduidade e pontualidade foi regular. Apenas 6% afirmaram uma assiduidade e pontualidade ruim às aulas.

No livro *Os 7 Níveis Evolutivos da Teoria do Processo*, a falta de assiduidade e pontualidade podem ser prejudiciais para o estudante que não os pratica. Os principais problemas associados à falta desses hábitos fazem gerar perda de credibilidade, estagnação, e o mesmo pode ter a imagem prejudicada pela falta de compromisso, o que influencia esse comportamento negativo podendo culminar como referência para que outros façam o mesmo.

A produtividade também é muito observada. Pois, atrasos e faltas são os inimigos de um estudo proveitoso. A qualidade reside na dedicação e concentração, características que não podem ser alcançadas se o estudante não estiver na Escola. A falta de assiduidade e pontualidade podem ter forte atuação na perda de eficiência do estudante, na queda da produtividade, e queda de resultados. Os benefícios de cumprir com as obrigações tornam a pessoa assídua e pontual e o estudante passa uma boa impressão ao docente. Será lembrado por ser pontual, entregar trabalhos de qualidade e na data solicitada, ser planejado e organizado e por ter uma boa gestão do tempo. Além de trazer maior respeito pelos docentes e colegas, além da boa imagem, é importante pontuar que cumprir com o combinado é uma forma de demonstrar respeito próprio, com o colega e com o docente (MARQUES, 2018).

A queda de produtividade e ausência do estudante acaba por acarretar na diminuição do desempenho do estudante. Essas atitudes podem se tornar mais sérias a medida que o tempo passa, podendo trazer prejuízo e comprometimento de seus resultados nos estudos e pesquisas.

Para Fernandes, as considerações de enquadramento sobre a falta de assiduidade às aulas, constituem informação crítica para o desenho da pesquisa e para a interpretação dos principais aspectos que confluem para práticas de ausência às aulas, quer resultantes de quadros de organização social da vida acadêmica, das formas de estruturação e lecionação das unidades curriculares, das metodologias de ensino ou dos níveis de conhecimento detidos (perfis formativos) que estruturam distintas capacidades de compreensão dos conteúdos e de interesse à sua frequência (FERNANDES, 2016, p. 5).

Tabela 16 – Autoavaliação sobre o envolvimento nas atividades sugeridas durante o curso

	Número de respostas por opção	Percentual de respondentes por opção
Bom	46	85%
Regular	08	15%
Ruim	0	0
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	02	—
Total de respostas	54	100

Na avaliação deste quesito podemos verificar o empenho dos estudantes, que alcançou 85% com o conceito bom no desenvolvimento das atividades propostas, 15% afirmaram ter tido um desempenho regular e nenhum estudante afirmou ter desempenho ruim neste item, o que comprova a excelente aceitação e comprometimento por parte dos estudantes envolvidos no Curso Técnico de Análises Clínicas da EPSJV.

Os professores precisam interagir em todo esse processo, tendo em vista que se trata de um processo que vem se perpetuando há muitos anos, e é necessário a mudança com a interação e participação dos educandos nestes movimentos. Pois, os docentes são obrigados a cumprir com o conteúdo, e conta com uma rígida cobrança da coordenação e muitos são mal pagos, recebendo pouco pela sua grande responsabilidade que é a de ser facilitador do conhecimento.

Porém, segundo Ruiz e Gebran, é importante que as instituições com seus docentes desencadeiem a cultura colaborativa, descortinando a possibilidade de construir um

processo de formação continuada, que vise o desenvolvimento da ação pedagógica colaborativa, repensando a forma de convivência que propicia aos educadores a possibilidade de criar situações favoráveis de desenvolvimento de futuros profissionais com conhecimentos e habilidades em área específica (RUIZ e GEBRAN, 2014, p. 6).

Sob a ótica de Mizukami a avaliação crítica é vista como:

A verdadeira avaliação do processo consiste na auto-avaliação ou avaliação mútua e permanente da prática educativa por professor e alunos, qualquer processo formal de notas e exames, deixa de ter sentido em tal concepção. No processo de avaliação proposto, tanto os alunos como os professores saberão quais suas dificuldades, quais seus progressos. (MIZUKAMI, 1986, p. 102).

Diante das perspectivas apontadas pela autora, evidencia-se que o papel da avaliação crítica se pauta nos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, observando-se que a mesma tem finalidade diagnóstica, engajada num processo contínuo e processual de ensino aprendizagem, oportunizando a auto-avaliação. Para Behrens:

Avaliação no ensino com pesquisa apresenta-se contínua, processual e participativa. O acompanhamento dos alunos em projetos e pesquisas tem como norteador a proposição de critérios discutidos e construídos com os alunos antes de começar o processo[...] o aluno é avaliado pelo desempenho geral e globalizado, com acompanhamento do seu ritmo participativo e produtivo, todo dia e não por momentos de grande esforço de memorização e cópia no final do bimestre. (BEHRENS, 2005, p. 102).

Estas análises revelam que a avaliação é voltada para o aprendizado, participação e para o progresso do aluno no decorrer da caminhada educativa.

Complementarmente com o artigo de ALVES, sobre Ação Interdisciplinar, vemos que o ensino requer principalmente muito interesse por parte dos professores em se unirem em busca do conhecimento, promover debates para melhoria das aulas e fazer com que cada matéria tenha uma ligação (nem que seja mínima) com a outra. A partir do momento em que o estudante assimilar esta ligação ele irá se sentir mais contextualizado no assunto.

Tabela 17 – Você ainda mantém algum vínculo junto à EPSJV

	Quant.	Percentual por respostas
Participam de eventos	04	7%
Realizam curso de atualização	0	0%
Solicitam informação em geral	28	53%
Busca por serviços prestados pela EPSJV	01	2%
Não tem mantido contato	20	38%
Número de egressos que não assinalaram nenhuma das opções	03	—
Número total de respostas	53	100%

Dos 53 egressos que responderam à questão, trinta e oito (38%) indicaram que não têm mantido contato com a Escola e uma parte importante desses (53%) procuram a EPSJV para solicitarem informações em geral. Apenas 7% participam de eventos na Escola, índice bem baixo considerando o número e a diversidade de eventos que a Escola oferece anualmente.

Importantes ferramentas a serem exploradas no relacionamento com os egressos são os sistemas informatizados, que se fazem presentes em praticamente todas as instituições e estão sintonizados com as imposições da vida moderna. Os autores Silva e Bezerra (2015, p. 4) se reportam ao sistema informatizado de acompanhamento de egressos como “uma forma de buscar a avaliação da comunidade externa e o fortalecimento da integração entre a instituição e a sociedade, através da permanente comunicação com seus egressos”.

Para os autores Teixeira e Maccari, existem uma série de serviços e benefícios comumente ofertados para os ex-alunos por meio das associações de alunos egressos, tais como: acesso à biblioteca, acesso ao perfil dos outros egressos, cursos gratuitos, divulgação de vagas, eventos exclusivos para egressos, eventos sobre seu curso, periódicos da Instituição (acesso gratuito), e possibilidade de pós-graduação (TEIXEIRA; MACCARI, 2014, p. 218).

Ao comparar a presença desses benefícios no cenário nacional e internacional, os autores observaram que as experiências internacionais são mais exitosas, oferecendo uma gama maior de opções para o seu público, enquanto as nacionais apresentam resultados mais tímidos, o que pode ser um dos motivos que dificultam a efetividade dos resultados das ações dessas associações.

Existe a necessidade de se criar uma cultura de avaliação, no que se relaciona aos egressos. A adesão à avaliação por parte de toda a comunidade acadêmica - professores, alunos e funcionários técnico-administrativos - é extremamente importante para o sucesso da organização.

Essa cultura deve começar a ser formada nos primeiros anos em que os alunos ingressam no curso. A prática sistemática do acompanhamento de egressos nas escolas requer mudança de mentalidade, uma nova cultura voltada para a eficiência, para a qualidade e para a relevância social dos resultados. Só, assim, se poderá aprender com os erros cometidos, corrigir as falhas, melhorar o desempenho Institucional. (LOUSADA; MARTINS, 2005, p. 73).

ANÁLISE DOS CONTEÚDOS

Para realizar o tratamento dos dados, o método qualitativo de análise de conteúdo foi aplicado ao material coletado, buscando identificar as percepções dos egressos de Análises Clínicas quanto à sua prática profissional, considerando a qualidade do processo formativo vivenciado por eles na EPSJV.

Neste capítulo foi utilizada uma abordagem qualitativa de investigação dos elementos e exploração do material utilizando a técnica, análise de conteúdo segundo Bardin (2011) e reconhecida por Minayo (2001).

Para Minayo (2001, p. 74), a análise de conteúdo é “compreendida muito mais como um conjunto de técnicas”. Na visão da autora, constitui-se na análise de informações sobre o comportamento humano, possibilitando uma aplicação bastante variada, e tem duas funções: verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos. Tais funções podem ser complementares, com aplicação tanto em pesquisas qualitativas como quantitativas.

Nesta seção pretende-se discorrer sobre os resultados encontrados durante o estudo referente as duas etapas: a primeira baseada nas entrevistas realizadas e questionários respondidos pelos egressos do curso e a segunda baseada nas entrevistas desenvolvidas com quatro coordenadores e ex-coordenador que atuam ou atuaram no curso.

Estas análises foram centradas no processo de formação dos discentes do curso Técnico de Análises Clínicas ofertado pela EPSJV/FIOCRUZ.

Para realizar o tratamento dos dados, o método qualitativo de análise de conteúdo foi aplicado ao material coletado, buscando conhecer as percepções dos egressos de Análises Clínicas quanto à sua prática profissional, tanto quanto à qualidade que atribuem à formação recebida.

Bardin (2011) explica que o método da análise de conteúdo se organiza em três fases (ver figura 1): a primeira que compreende a pré-análise, a segunda que abrange a exploração do material (a codificação, a classificação e a categorização que são básicas nesta fase) e, por fim, o tratamento dos resultados com condensação e as respostas das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica.

Figura 1 Fases da análise de conteúdo



Estes procedimentos sistematizados e objetivos conferirão maior segurança e clareza ao pesquisador, com a posse de todo o material textual coletado, se consegue definir o tratamento mais adequado ao mesmo, para o desenvolvimento de explicações para os fenômenos observados.

Bardin (2011, p. 15) afirma que “a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade [...]”. A autora complementa que “O método dá suporte ao investigador atraído pelo escondido, pelo latente, pelo não aparente, pelo potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem” (BARDIN, 2011, p. 15).

A interpretação dos resultados foi obtida através da inferência, que é um tipo de interpretação controlada. Para Bardin (2011, p. 133), a inferência poderá “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor”.

Desta forma, a análise começará a ser realizada por categoria, conforme apontadas pelos egressos e pelos conteúdos trazidos das entrevistas dos coordenadores e ex-coordenadores.

As questões mais diretamente identificadas nos questionários aplicados e entrevistas realizadas com os estudantes técnicos da saúde, foram: (1) a necessidade de maior diversidade e tempo no campo do estágio praticado, sendo que alguns comentaram haver pouco tempo para o estágio e outros gostariam de um maior rodízio entre as bancadas e a área de pesquisa, o que faria muita diferença para um conhecimento mais aprofundado; (2) a necessidade da discussão durante o processo formativo da exigência do Registro no Conselho de Farmácia para o início do exercício profissional em laboratórios de análises clínicas; e (3) a ausência de experiência de prática profissional, para além do estágio, para a efetiva contratação. Outro importante ponto mencionado pelos egressos foi (4) a falta de prática da docência dos professores, com a alegação de que tinham formação como pesquisadores, mas sem

metodologia para práticas em sala de aula. No entanto, se confrontarmos essa análise qualitativa com a quantitativa, percebemos que, ocorriam problemas com a substituição dos professores ou quando acontecia das disciplinas serem ministradas por docentes convidados. Ou seja, externos ao quadro de trabalhadores da EPSJV.

Após observadas as questões elencadas neste trabalho, contando-se com a vivência e o processo de ensino e aprendizagem dos docentes e discentes em sala de aula, foram realizadas as coletas de dados utilizando os métodos já descritos no caminhar metodológico e foram elencadas algumas categorias de análises.

Vale ressaltar que, dentre as categorias elencadas, algumas partiram das perguntas utilizadas nas entrevistas e questionários com os egressos e outras por parte dos coordenadores e ex-coordenadores no decorrer da entrevista.

A princípio, as categorias de análise surgiram a partir dos objetivos do estudo e da formulação das questões/problemas elencadas para entrevistas e para os questionários. Durante este trabalho, com a realização das entrevistas e respostas dos questionários, foram feitas as leituras e releituras das transcrições de todo o material, onde surgiram novas categorias. Aglutinando-se algumas semelhanças que surgiram nos discursos por parte dos pesquisados, formando, com isso, duas grandes categorias finais para análise e discussão.

Nas categorias de análise, tivemos como base as perguntas utilizadas nas entrevistas e questionários. O objetivo foi identificar a relação entre o processo formativo na EPSJV desses egressos e a influência do mesmo sobre a trajetória profissional dos mesmos.

Para realizar o tratamento dos dados, o método qualitativo de análise de conteúdo foi aplicado ao material coletado, buscando identificar as percepções dos egressos de Análises Clínicas quanto à sua prática profissional, considerando a qualidade do processo formativo vivenciado por eles na EPSJV.

Para se categorizar este trabalho foi utilizado um programa de computador DeCS/MeSH Finder, da OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) para identificar termos a partir de palavras do texto de entrada, sobre as proposições apresentadas. É um programa acrônimo de Descritores em Ciências da Saúde, com o vocabulário controlado que usa descritores para a indexação de artigos científicos e outros documentos da área biomédica. Fazendo-se uma analogia, a indexação consiste na atribuição de “etiquetas” a documentos, o que permite sua recuperação em banco de dados

Os vocabulários encontrados no programa foram utilizados no texto abaixo para indicar as categorias conforme sua pertinência que foram: docentes, substituição de docentes,

docentes-pesquisadores, formação politécnica, análise de currículo, trabalho, mercado de trabalho, laboratórios, atuação profissional e horas trabalhadas, prática profissional, oferta de vagas para profissionais técnicos, motivação e organização.

Estas categorias apresentam-se como primordiais para entendermos, desde o início da formação na EPSJV sobre as dificuldades apontadas pelos estudantes egressos durante esse período. Serão inseridas nas análises os dados extraídos das entrevistas e dos questionários, pois merecem destaque para o entendimento de como acontece todo o processo de formação desses profissionais.

Destacando-se, então, os pontos positivos e as dificuldades apresentadas pelos alunos.

01. CATEGORIA DOCENTES

Um ponto que mereceu maior destaque neste estudo, e chamou mais a atenção nas perguntas abertas, foi a valorização da qualidade do corpo docente.

Muitos estudantes fizeram muitos elogios e destacaram a qualidade, atenção e contribuição em seus ensinamentos. Foram unânimes os elogios pela qualificação dos professores, inclusive com citações de nomes de alguns dos docentes, aos quais os egressos indicaram que mais se empenharam em sua formação. Foram transcritas partes das respostas mais expressivas para destacar este item.

O egresso Q.5 respondeu que os professores são muito bem qualificados, e ela é muito grata à professora Mônica Murito que indicou o currículo dela a empresa na qual trabalha atualmente.

O egresso Q.6 elogiou todo o corpo docente, seja da Formação Geral, seja do Técnico, que contribuíram para a sua formação. Não existiu um só profissional que não fosse brilhantemente capacitado.

O egresso Q.19 afirmou e quis destacar que as profissionais Mônica Murito, Virginia e Flávia Coelho foram fantásticas no ensino de suas disciplinas e qualquer turma futura que venha a ter aula com uma delas irá ter um aprendizado satisfatório.

O egresso Q.37 afirmou que só tem a que agradecer a todos, principalmente aos professores, no qual mantendo contato até hoje.

O egresso Q.49 admitiu que grande parte do corpo dos professores da especialização técnica da época em que cursava o ensino médio técnico continua atuando e os ama de coração, tanto os professores do ensino médio como técnico contribuíram para a pessoa que se tornou a cada dia, e agradeceu a dedicação de todos.

Para o egresso Q.51, de forma geral, o curso na EPSJV possui excelência em profissionais, permitindo assim que as aulas teóricas e práticas sejam com qualidade.

- 02. CATEGORIA SUBSTITUIÇÃO DE DOCENTES

Muitos estudantes se sentiram prejudicados quando não haviam professores fixos para lecionarem determinadas matérias e se pronunciaram sobre o assunto.

Apesar dos inúmeros elogios, percebeu-se uma certa insatisfação dos alunos quando acontecia de termos algumas colaborações na ministração das disciplinas na Unidade, com convites de pesquisadores que são especialistas em determinada área para uma contribuição maior naquela disciplina. Atualmente o curso todo é ministrado por docentes da própria Escola. Então, já se conta menos com esse perfil de colaboração.

O egresso Q.26 afirmou que grande parte dos professores foram ótimos, só tem elogios. O ensino médio foi ótimo também, mas algo que atrapalhou a turma foi o fato de algumas vezes no mesmo ano, a turma ter uma troca de professor em algumas matérias, o que dificultou muito na parte didática, pois a turma tem todo um plano de ensino e com a mudança tudo mudava. Logo, minha sugestão é ter mais a parte prática na parte técnica e evitar a mudança de professores no médio.

O egresso Q.47 sugeriu ter uma maior dedicação por partes dos professores do técnico na parte prática do curso; pois é algo fundamental. Na época de escola, houve alguns problemas em disciplinas fundamentais do curso. Algumas matérias não tinham professor, e a coordenadora (que ajudou muito) teve que correr atrás de última hora, teve que convidar pessoas para dar aula, um exemplo foi a matéria de hematologia (na minha opinião, matéria fundamental do curso e praticamente a turma não teve).

03. CATEGORIA DOCENTES-PESQUISADORES

Outro importante ponto mencionado pelos alunos foi a falta de prática da docência dos professores, com a alegação de que tinham formação como pesquisadores sem metodologia.

Para o pesquisador que está se inserindo na educação de formação técnica, a situação é novidade; é uma coisa a mais, por fora da construção do itinerário da carreira (FEUERWERKER, 2011, p. 31). Acaba por acontecer um dilema quanto aos docentes ao precisar executar exercício simultâneo da função de pesquisador e da educação, principalmente para a parte técnica no ensino médio, no cotidiano de trabalho desses

profissionais; percebe-se a dualidade quando assume o compromisso com a formação dos estudantes.

Para o egresso Q.01 o único problema que lembra, tirando a falta de identificação com a área da saúde, era que na parte técnica, alguns professores eram pesquisadores sem metodologia. Alguns não entendiam que éramos alunos de ensino médio e não estávamos em uma faculdade.

Para o egresso Q.19 algumas disciplinas precisavam melhorar por conta dos profissionais da época pois não achou que esses profissionais souberam ensinar de forma clara e proveitosa para a turma.

O egresso Q.26 sugeriu um curso de formação didática obrigatório para os professores convidados lecionar nas disciplinas do técnico de Análises Clínicas, pois muitas vezes são bons pesquisadores, mas nunca tiveram contato com alunos do ensino médio.

O egresso Q.48 afirmou que em algumas disciplinas professores vinham de fora da escola e eram um pouco caóticos para uma turma de adolescentes e hoje, por estar na área da educação, entende que a postura desses professores estava mais para alunos de mestrado do que de ensino médio, o que causou muita ansiedade nos alunos (disse por ele e pela turma).

04. CATEGORIA FORMAÇÃO POLITÉCNICA

Se trouxe esta categoria com a importância da função e o objetivo da formação politécnica, onde existe o destaque de preparar o estudante não somente para atuar no ramo de técnico de análises clínicas, mas sobretudo, contribuir com a sua formação omnilateral; buscando uma formação integral que possibilite sua inserção social na vida adulta a partir de escolhas próprias tanto acadêmicas quanto profissionais após sua passagem pela EPSJV.

Para o Q.10 - Fato que percebeu foi de que muitos que estudaram nesta área, boa parte não continuou na mesma, “- Eu mesma fui fazer História”, ou foi para outras áreas dentro da saúde, como Nutrição, Odontologia e Enfermagem. Acredita que isso acontece não por alguma “culpa” do curso “não cumprir com o seu papel” ou algo do tipo, mas a EPSJV nos abriu novos horizontes e possibilidades e foi decisiva para a escolha profissional que tive.

O egresso Q. 15 considerou que “- O tempo que eu tive a honra de ficar no colégio, aprendi muito, coisas que trago comigo até hoje, principalmente a importância de defender os meus direitos, defender o SUS, vê o paciente como um todo, não só como uma numeração, buscar sempre estar estudando e evoluindo, enfim, me ajudou a me tornar quem eu sou hoje.

A única coisa que me arrependo é que eu poderia ter aproveitado muito mais”. Hoje o egresso faz faculdade de Direito na UERJ e trabalha meio período com Análises Clínicas.

Para o egresso Q.15, a EPSJV contribuiu muito para a formação tanto acadêmica, quanto pessoal. O ideal do colégio de ver o aluno como um todo, levando em conta o psicológico, o contexto familiar tento em vista isso interferir no desempenho escolar, foi muito importante para muitos alunos naquela época, em todos os sentidos.

O egresso Q.17 declarou que trabalhava na área e cursava direito.

Para o egresso Q.30, assim que se formou no ensino médio/técnico conseguiu uma vaga para cursar enfermagem na UFF, sentindo que os conhecimentos que tinha adquirido na EPSJV o colocavam sempre à frente dos alunos, principalmente relacionados a histologia, epidemiologia e sociologia. “- Não cheguei a concluir a graduação em enfermagem, mas atualmente curso medicina, da mesma forma sinto que a aproximação com conteúdos específicos me ajuda até hoje, além de toda a preparação para entender melhor o SUS, suas diretrizes e princípios, a forma como o profissional de saúde deve pensar o processo de saúde e aplicar a comunidade.” Sentiu que a sua experiência na EPSJV fez todo o diferencial para a sua formação, “todo o empenho de nos tornar indivíduos críticos, nos faz conseguir ter um olhar holístico aos usuários do sistema de saúde, menos tecnicista e mais humanista, vejo que é um diferencial entre os meus colegas que estão tendo contato com a área da saúde agora, na faculdade”. “Tenho muito orgulho da minha formação na EPSJV, por mais que a minha graduação hoje em dia não me permita trabalhar na área, acredito que a bagagem que adquiri nesses anos me tornará um médico melhor.”

O egresso Q.36 afirmou que só tem a agradecer a EPSJV, pois lá desenvolveu e construiu mente crítica, para além do excelente ensino técnico-médio que desfrutou e dos professores super qualificados. “Eu me formei, acima de tudo, como um melhor ser humano. As atividades interdisciplinares, o ensino plural (cultural, político, humanista), o ambiente da poli como um todo, lhe formam para a vida. Se hoje eu estou cursando Medicina-UFRJ foi por ter passado pela Poli e ter me apaixonado pela área da saúde. A EPSJV me ensinou muito além de disciplinas. Me fez crescer/amadurecer como ser humano. Gratidão!”

O Egresso Q.37 contou que após a formação na EPSJV e o ingresso na faculdade, percebeu o quanto o curso foi importante na sua formação profissional e pessoal. “O olhar crítico desenvolvido na politécnica faz conseguir visualizar da melhor forma nossas oportunidades e nos ajuda a alcançar nossas metas” “-Carregar o título de ex-estudante da EPSJV abriu muitas portas devido a sua qualidade de ensino, o que refletiu nas minhas

habilidades e no meu destaque. A EPSJV mudou minha vida para melhor! Hoje conquistei meus sonhos graças a formação e a bagagem que adquiri nela, coisas que nem a faculdade me proporcionaram.”

O egresso Q.40, afirmou que o curso de análises clínicas na EPSJV foi, sem dúvidas, um divisor de águas em sua vida profissional e o preparou tanto para o mercado de trabalho, quanto para o mundo acadêmico. Todas as experiências que obteve proporcionaram frutos na jornada profissional e é muito grato.

05. CATEGORIA ANÁLISE DO CURRÍCULO

Os egressos questionaram não haver ajuda quando ao aporte psicológico, muitas vezes necessária, e melhor distribuição das avaliações para não haver sobrecarga de trabalhos extenuantes.

Ponto apontado com bastante frequência foi a necessidade de um maior investimento de recursos, com destaque à assistência psicológica aos estudantes da EPSJV .

O egresso Q.23 declarou que durante esses 4 anos, apesar de todo o diálogo com os professores/coordenação, as demandas das questões psicológicas dos alunos poderiam ter recebido um pouco mais de atenção, até mesmo através de um profissional especializado. Logo, acredita ser necessário, sobretudo nesse momento, investir em questões relacionadas a assistência estudantil e apoio psicológico aos alunos, tendo em vista o contexto sociocultural e econômico que estamos vivendo.

O egresso Q.36 levantou várias sugestões quanto aos investimentos, como auxílio psicológico aos estudantes! Super necessário!! O ensino da poli é maravilhoso, porém, muitas vezes extremamente pesado, o que afeta muito o emocional/psicológico dos alunos.

Outro ponto muito importante a destacar nesta análise é a abrangência da formação considerando o currículo proposto.

Muitos estudantes mencionaram a qualidade e a importância do aprendizado que receberam, enfatizando a diferença que o aprendizado recebido na EPSJV fez em suas vidas e em seu ambiente de trabalho como em parte já relatado na Categoria Formação Politécnica.

Muito expressivo estes dados extraídos da opinião dos egressos, pois de forma geral eles avaliaram o curso de excelente qualidade, e que os auxiliou de sobremaneira em sua trajetória profissional e acadêmica. Consideram a EPSJV um lugar de crescimento, aprendizado e conhecimento, com uma constante relação amigável entre os docentes e os

discentes. Onde o levou a desenvolver e construiu mente crítica além do excelente ensino técnico-médio que obteve. Desta forma, foram transcritas algumas falas significativas.

Neste item, alguns estudantes sugeriram melhorias na distribuição das disciplinas entre o 3º e o 4º ano, outro sugeriu a revisão do curso de ensino médio pois acredita que pode ser melhorado. Sobre isso, eles acreditam que teriam maior aproveitamento das disciplinas e sugeriram melhor elaboração das atividades diversas.

O egresso Q.5 também respondeu que a experiência de escrever uma monografia é muito importante e prepara o aluno para a dissertação na faculdade.

Para o egresso Q.10 o curso é ótimo e a ajudou, não só dentro da área da saúde, mas fora dela também. “Me ajudou bastante no ENEM e ainda me ajuda no dia a dia em assuntos e vivências que envolvam a saúde.”

Para o egresso Q.15, a EPSJV contribuiu muito para a formação tanto acadêmica, quanto pessoal. O ideal do colégio de ver o aluno como um todo, levando em conta o psicológico, o contexto familiar tento em vista isso interferir no desempenho escolar, foi muito importante para muitos alunos naquela época, em todos os sentidos.

O egresso Q.17 afirmou que levando em consideração somente o ensino técnico achou de ótima qualidade e é grato à instituição por ter dado a oportunidade de ter uma profissão.

Para o Q.20 o curso em geral (matérias do médio), em sua opinião, deveria ser revisado pois atualmente ele o classifica como mediano (o que é triste) tendo em vista que possui potencial para ser um dos melhores do Brasil.

O egresso Q.22 afirmou que algo que poderia ser melhorado é o planejamento das atividades, pois muitas vezes os professores marcam trabalhos ou até provas com datas muito próximas. “Minha turma, por exemplo, já enfrentou algumas “semanas de seminário”. Fora isso, uma coisa que chamou atenção do egresso quando entrou para a faculdade, é que a escola politécnica não faz muitos eventos relacionados a temas tão diretamente ligados ao curso de análises clínicas.” “Apesar de as assembleias sobre política, saúde pública e saúde social serem importantes, fora os eventos culturais maneiros, eventos com temas mais diretamente ligados as técnicas e inovações laboratoriais, da saúde médica e as matérias do curso têm seu espaço muito reduzido, quase inexistente. No mais, é um curso muito bom.”

O egresso Q.33 acredita que poderia se utilizar melhor o tempo extra fornecido pelo quarto ano.

Para o egresso Q.34 deveria haver melhor distribuição das disciplinas do ensino técnico ao longo dos quatro anos de formação.

O egresso Q.36, acredita necessário reconsiderar principalmente porque não há semana de provas e sim um mês inteiro repleto de avaliações (seminários, provas/testes do técnico e médio coincidindo ou muito próximas). “Melhor calendário/planejamento de avaliações. Muitas vezes as provas coincidiam demais umas com as outras e isso era horrível. Além de se estenderem durante todo um mês. Era muito pesado. “

O egresso Q.41 mencionou que deveriam elaborar mais as atividades diversas.

Para o egresso Q.44, foi a melhor escolha de sua vida entrar para a EPSJV. Foi uma experiência única e ele não mudaria nenhum detalhe

O egresso Q.50 fez sugestões, por exemplo, como no 4º ano faziam algumas disciplinas do técnico até junho, acredita que boa parte das matérias do 3º também poderiam passar para o 4º. Sugeriu, também, a revisão de curso de ensino médio pois acredita que deveria ser melhorado, diante da estrutura que a Escola possui.

O egresso Q -51 avaliou que a grade curricular é extensa, porém necessária para a formação dos técnicos em saúde. (juntar esse trecho com o destacado acima sobre o currículo. Fátima, quando li o item B, logo abaixo, vi que os dois trechos que destaquei sobre currículo podem ser incorporados lá.)

Outro ponto importante que teve destaque nesta pesquisa, foi o fato de um estudante apontar a possibilidade de maior incentivo em ensinamentos sobre políticas de saúde sobre população em vulnerabilidade social, como LGBT, negros e baixa renda.

O egresso Q.12 afirmou que apesar da instituição aplicar um ensino humanizador e de caráter político e sociais, sentiu falta de um preparo em questões sobre políticas de saúde sobre população em vulnerabilidade social, como LGBT, negros e baixa renda.

Outro importante ponto apresentado por um estudante apontou que seria interessante a existência de atividades que preparassem os mesmos para lidarem com pacientes de diferentes idades (idosos e crianças), contextos e seus acompanhantes.

O egresso Q.54 sugeriu a criação de uma disciplina ou cursos extras que ensinassem os alunos a lidarem com pacientes de diferentes idades, contextos e seus acompanhantes, uma vez que ao fazer estágio em um hospital infantil essa foi uma questão que tivemos que aprender a manejar por conta própria.

Alguns estudantes indicaram que a Escola poderia investir um pouco mais no conteúdo do ensino médio, focando mais no ENEM, com vista a permitir que os egressos consigam melhores resultados ao escolherem tentar a área da universidade, e focar um pouco menos nas disciplinas técnicas.

O egresso Q.46 comentou que a escola poderia ter um ensino um pouco mais focado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para que as/os alunos não precisassem de pré-vestibular para ingressar nas universidades (especialmente para Medicina.)

Ele precisou estudar apenas um pouco mais para estar hoje em engenharia ambiental, porque o curso é bastante forte, mas se quisesse medicina ou algum curso mais difícil, provavelmente não conseguiria, especialmente pelo foco que estava dando à monografia. Ter uma forma criativa e suave de organizar melhor o curso para facilitar mais essa entrada seria muito bom, especialmente para quem quer medicina ou cursos semelhantes (e são muitos!).

O egresso Q.17 afirmou que em relação ao ensino médio crê ter deixado um pouco a desejar. A escola é bem clara, desde o início, que não prepara os alunos para o vestibular, porém achava de fundamental importância que este ponto devesse sim ser um foco, já que a maioria dos alunos vão para a universidade.

O egresso Q.21 afirmou que em relação ao ensino geral (médio) acredita que pode ser muito melhorado, pois devido a escola focar bastante no ensino técnico as matérias de ciências naturais e exatas sobressaem, já as matérias de ciências humanas foram muito insuficientes, como geografia, filosofia e matérias relacionadas.

A Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) promove diversas atividades presenciais de acolhimento para os estudantes do Curso Técnico de Nível Médio em Saúde (CTNMS), com o objetivo de construir um processo de construção de um espaço de convivência, que possa ser também um espaço de cuidado e de formação humana a partir de uma perspectiva crítica. Dessa forma, se observou a fala de um egresso sobre aumento em disciplinas.

Para o egresso Q. 06 deveria existir maior “Incentivo a mais projetos de atividade física! O aluno passa o dia inteiro estudando e só tem educação física uma vez por semana, o que pode conferir quadros de mais jovens sedentários. Fora que seria bom tanto para a saúde física quanto psicológica do alunado. Projetos com esportes às quintas a tarde.”

06. CATEGORIA TRABALHO

Outro ponto a ser considerado que foi apontado pelos estudantes egressos foi a satisfação atual com o seu trabalho

Onde absolutamente a maioria dos egressos afirmou que estão imensamente satisfeitos e amam o que fazem e afirmam também ser uma experiência maravilhosa.

O egresso E.01 afirmou estar imensamente satisfeito. Atualmente está cercado de incríveis e inspiradores pesquisadores e alunos que além de os auxiliarem em sua capacitação e especialização técnica na área de técnicas histológicas, o incentivam e possibilitam a sua evolução acadêmica e interesses de pesquisa.

O egresso E.03 também afirmou que gosta do que faz, porém às vezes acha que não é tão reconhecido, mas gosta do que faz, então diz que sua satisfação é boa.

O egresso E.04 afirmou ser uma experiência maravilhosa. Está exercendo atividades no qual teve experiência no estágio e estudo.

O egresso E.09 adora fazer o que faz, que trabalha com coleta. No momento pensa em fazer alguma graduação que o mantenha no meio.

O egresso E.11 afirmou estar completamente satisfatório trabalhar com o que gosta.

07. CATEGORIA MERCADO DE TRABALHO

Outro ponto positivo a considerar no curso foi o fato dos entrevistados responderam que conseguiram entrar no mercado de trabalho logo quando terminaram o curso, com poucos que levaram um pouco mais de tempo.

A maioria dos entrevistados respondeu que conseguiu logo a oportunidade no mercado de trabalho, apesar de alguns relatos sobre a falta de experiência em sua área profissional, e a falta do Registro do Conselho, que é obrigatório para o exercício da profissão. Conforme pôde ser extraído dos dados do questionário aplicado, 61 % conseguiu entrar no mercado de trabalho entre um e três anos após sua formação.

O egresso E.01 informou que sua formatura foi no final de 2015, porém por motivos pessoais só conseguiu entregar sua monografia no final 2016, defendendo no começo de 2017 e conseguindo o diploma após essa saga. Conseguiu se inserir no mercado de trabalho no meio do ano de 2017 no Centro e Diagnostico Alelo LTDA atual Centro Diagnostico de Pesquisa LTDA, laboratório voltado para triagem neonatal. Começou atuando como auxiliar de Laboratório e em maio do ano de 2018 recebeu uma promoção como técnico de laboratório. Porém, se desligou do laboratório em setembro de 2018 por ter conseguido uma bolsa de capacitação técnica pela FAPERJ, para atuar como bolsista técnico no Laboratório de Patologia (LABPAT)-IOC/FIOCRUZ, onde se encontra atualmente.

O egresso E.05 afirmou que na verdade, no momento, não trabalha na função de Técnica de Análises Clínicas realmente, mas em uma função correlata: atualmente é técnica de Citopatologia. Ainda durante o curso (no último ano), tomou conhecimento do curso

técnico de Citopatologia da EPSJV, em parceria com o INCA, voltado para profissionais de saúde. Seu ingresso era feito por concurso, no qual passou antes da formatura. Por isso, imediatamente após se formar, tirou um ano para cursar esse novo técnico. Considerou, na época, este segundo curso como um trabalho, pois recebia bolsa. Só teve acesso a essa segunda formação graças ao técnico de análises clínicas. Após se formar, demorou apenas um mês para conseguir um emprego, mas com seu primeiro técnico, em análises clínicas, em um laboratório particular. Pouco mais de um ano depois, foi chamada por um concurso que havia prestado anteriormente, para o cargo de técnico de Citopatologia. Exerce essa função até hoje, há dois anos. Logo: atualmente não está empregado como Técnica em Análises Clínicas, e sim de Citopatologia. Porém, como são áreas correlatas, utiliza os conhecimentos fornecidos pelos dois cursos (ambos da EPSJV).

08. CATEGORIA LABORATÓRIOS

Outro ponto que chama a atenção é o fato de que muitos dos estudantes foram empregados na própria FIOCRUZ.

É importante este ponto que ressalta um percentual de estudantes que são aproveitados na própria instituição, pois contribui para uma análise positiva quanto a formação técnica e a capacitação e qualidade do ensino e do estágio. Muitos egressos conseguiram trabalho na própria FIOCRUZ, e outros conseguiram em laboratórios particulares. Acho importante destacar o ingresso tanto em instituições públicas quanto nas privadas.

O egresso E.01 trabalha como bolsista técnico de análises clínicas voltado para as técnicas histológicas no Laboratório de Patologia-IOC/FIOCRUZ.

O egresso E.03 trabalha no Laboratório Plasma e Laboratório Riolabor.

O egresso E.04 trabalha na Central Analítica de Apoio ao COVID-19 na FIOCRUZ.

O egresso E.05 trabalhou como técnico de Análises Clínicas no Centro de Diagnósticos Alelo. Atualmente trabalha pela EBSEH, no Hospital Universitário Gaffree Guinle.

O egresso E.08 trabalha no Labs A+ Grupo Fleury.

O egresso E.09 trabalha no Hospital israelita Albert Einstein

O egresso E.11 trabalha no Instituto Nacional de Infectologia Clínica (INI)

09. CATEGORIA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL E HORAS TRABALHADAS

Considerações sobre a localização hierárquica do cargo que ocupam

Quase a totalidade ocupa cargo técnico, mas um dos entrevistados afirmou já ter atuado no nível gerencial inicialmente, mas agora ocupa um nível técnico.

O egresso E.03 afirmou já ter trabalhado no nível gerencial técnico durante um ano e atualmente está só no nível técnico (executando atividades que exigem conhecimentos técnicos, mas não gerencia recursos e/ou pessoas).

O egresso E.04 afirmou trabalhar no nível técnico (executando atividades que exigem conhecimentos técnicos, mas não gerencia recursos e/ou pessoas).

O egresso E.05 afirmou trabalhar no nível técnico (executando atividades que exigem conhecimentos técnicos, mas não gerencia recursos e/ou pessoas).

Outro ponto coerente com a formação dos técnicos são as horas que os mesmos trabalham em sua atuação profissional, que varia em torno de 8 horas diárias.

O egresso E.01 informou que trabalha 40 horas semanais.

O egresso E.02 informou que trabalha 44 horas semanais.

O egresso E.03 informou que trabalha em média 40 horas semanais.

O egresso E.04 informou que trabalha 12 horas. Plantão 12 x 36.

10. CATEGORIA PRÁTICA PROFISSIONAL

Levantou-se neste estudo as declarações dos estudantes que de alguma forma impactaram em sua atuação no mercado de trabalho.

Ingresso no Mercado de Trabalho - Interrelação entre teoria e prática

Muitos falaram sobre a necessidade do Registro no Conselho de Farmácia e outros sobre a falta de experiência sempre exigidos no primeiro emprego.

Nas entrevistas os estudantes ressaltaram considerações sobre o estágio e o Registro no Conselho essenciais para o primeiro emprego, pois pelo pouco tempo que estagiaram consideraram um fator que impactou um pouco na dificuldade de conseguir um primeiro emprego por possuírem pouca experiência ainda na época de sua formação.

Houve uma maior incidência de comentários sobre a diversidade do estágio praticado, alguns egressos comentaram haver pouco tempo para o estágio e outros gostariam de um maior rodízio entre as bancadas e a área de pesquisa, o que realmente faria muita diferença para um conhecimento mais aprofundado.

No campo da prática profissional revela-se, ao fazer a análise das entrevistas, uma certa desvalorização do trabalho do técnico, por parte do mercado de trabalho, pela exigência da experiência profissional, não reconhecendo que o egresso recém-formado precisa de uma oportunidade em um primeiro emprego.

O egresso Q.05 afirmou que na parte técnica, mais particularmente nas aulas de Hematologia, as aulas práticas na coleta de sangue deveriam ser mais frequentes, visto que essa prática é muito utilizada no mercado de trabalho, caso a ocupação seja técnico de coleta.

O egresso Q.06 afirmou que embora a base teórica recebida na EPSJV tenha sido excelente, não se sentiu tão preparada na parte prática para o mercado de trabalho quanto desejaria. Muito disso se deve ao fato de, ao chegar o momento de fazer o estágio, ter escolhido um laboratório de pesquisa de virologia do IOC. Se, por um lado, pode entrar em contato com um aporte científico incrível, que só a Fiocruz pode oferecer, e que contribuiu de forma fundamental para seu desenvolvimento acadêmico, tanto frente à monografia do fim do curso quanto aos desafios que veio a enfrentar na universidade; Por outro, saiu do técnico sem nenhuma prática nas áreas das análises clínicas “clássicas”, que mais empregam: coleta de sangue, hematologia, parasitologia, imunologia e etc. Os colegas que escolheram os laboratórios clínicos/hospitalares, por sua vez, abriram mão de aproveitar tudo o que este “mundo a parte”, que são os laboratórios de pesquisa da Fiocruz têm a oferecer.

Deixou então a sugestão de que tentem fazer, para as próximas turmas, uma espécie de rodízio de estágio, para que todos os formandos possam tirar proveito do que significa ser um aluno da Fiocruz, e possam também adquirir experiência no nicho mais procurado pelo mercado de trabalho. Ainda pensando no mercado, e tendo em vista tanto o lema da EPSJV (“formar técnicos para atuarem no SUS”), quanto ao processo extremamente competitivo que são os concursos públicos, deixou outra sugestão: haver uma espécie de projeto visando uma maior preparação para estas provas. Talvez utilizando alguns momentos das denominadas “Atividades Diversas” (se ainda existir este projeto).

O egresso Q.07 afirmou que o curso é muito bom, mas sugere maior número de aulas práticas.

O egresso Q.16 acredita que seja de extrema importância que no último ano do curso, durante o estágio, todos os alunos façam um rodízio pelos laboratórios. Dessa forma, todos conseguem explorar as possibilidades na área de análises clínicas.

O egresso Q.18 também acredita que a EPSJV deveria oferecer estágios mais variados.

O egresso Q.26 sentiu falta de algumas matérias e principalmente da parte prática (que o atrapalha até hoje para a conquista de um emprego na área; visto que não tem prática e não sabe coletar até hoje).

O egresso Q.27 acredita que o tempo de estágio é pouco e deveria passar por todas as áreas oferecidas no curso e não apenas a escolhida pelo aluno porque ao sair da escola, quem fez estágio em técnicas histológicas, por exemplo, sente mais dificuldade para conseguir um emprego na área de patologia.

O egresso Q.28 acredita que o curso seria muito mais satisfatório em relação ao ingresso no mercado de trabalho se tivessem a possibilidade de ‘engatilhar’ o aluno assim que concluir o curso em algum setor dentro da própria FIOCRUZ, um de seus amigos que se formaram um ano após sair escolheu um local do estágio obrigatório para a conclusão do curso em um dos ambientes dentro da FIOCRUZ, gostaram dele, a vaga surgiu e ele conseguiu uma vaga como terceirizado. Acredita que a EPSJV deveria ter ligação direta com as vagas de emprego ou estágios dentro dos diversos setores dentro da FIOCRUZ que é um curso de qualidade, e quem estaria mais qualificado do que os alunos do politécnico?

O egresso Q.42 especificamente ao curso de análises clínicas da EPSJV, não possui críticas ou sugestões, pelo menos, no momento, não consegue pensar em alguma sugestão de contribuição efetiva, talvez só aspectos gerais que envolvem a escola como um todo, que seriam a possibilidade de mais de um estágio, num rodízio um pouco maior, que poderia dar oportunidade de mais experiências nos diversos setores da área de análises clínicas, talvez um tempo um pouco maior para estágio e disciplinas.

O egresso Q.45 Acredita que deveriam ter mais aulas práticas, de coleta de sangue, pois infelizmente a grande maioria dos técnicos em análises clínicas só conseguem vaga na área de coleta.

Para o egresso Q.49 sua sugestão para os professores da área técnica é de visarem a parte prática sempre que possível, como coleta de sangue, pipetagem entre outras coisas.

O egresso Q.54 afirmou que os professores são excelentes, a estrutura da escola também, mas o estágio poderia durar mais tempo, ou possuir uma carga horária maior para que pudessem conhecer e vivenciar melhor as diferentes atuações possíveis para um técnico em análises clínicas.

O egresso E.01 afirmou não poder responder com precisão, visto que não se debruça na busca de um novo emprego. Porém quando buscou trabalho pela primeira vez, foi o dilema habitual, as ofertas de emprego buscam pessoas com experiência de no mínimo 1 ano na área,

com CRF ativo (documento necessário para atuação legal como técnico, que deveria ser mencionado durante o curso técnico, e nos anos em que esteve cursando, não foi mencionado).

O egresso E.02 afirmou que as exigências para entrada no mercado de trabalho são altas e a maioria pede registro ativo no Conselho.

O egresso E.03 informou que as exigências do mercado são CRF atualizado, experiência na área técnica e saber coletar.

O egresso E.04 afirmou que é um nível alto de exigência pois a maioria das vagas pede experiência na área de coleta, ou caso seja apenas laboratório, pedem experiência de 6 meses até um ano, o que dificulta a entrada de pessoas que nunca trabalharam e buscam um primeiro emprego.

O egresso E.05 afirmou que ao procurar emprego para o cargo de análises clínicas, percebeu que a maioria pede funcionários que saibam coletar sangue, o que o deixou em desvantagem, pois sua turma só teve uma aula prática de coleta de sangue, e ele fez estágio em um laboratório de pesquisa, por isso também não aprendeu ao estagiar.

Além disso, novamente devido à sua escolha de estágio, não possui experiência nas áreas convencionais das análises clínicas (hematologia, urinálise, parasitologia etc...). Isso não o atrapalhou tanto, pessoalmente, porque a função na qual trabalhou como técnico de análises clínicas foi dada por treinamento na própria empresa. Entretanto, lembro que a maioria das vagas oferecidas pedia experiência nestas áreas. Portanto, acho que o ideal seria que, no estágio, os alunos da EPSJV fizessem um rodízio, de modo a tanto aproveitarem as oportunidades de atuarem em um laboratório de pesquisa da Fiocruz, quanto adquirirem experiência nas áreas “clássicas” das análises clínicas.

O egresso E.09 afirmou que no hospital onde atua é obrigatório que tenha o curso completo, mas tem hospitais que pedem experiência, CRF ou COREN.

O egresso E.11 afirmou que não há muita exigência, visto que é o meu primeiro emprego e todos os colegas de trabalho ajudam e ensinam todos os processos que são feitos no laboratório.

O egresso E.12 - afirmou que para entrada no mercado de trabalho é exigida experiência.

Conforme entrevista concedida pela atual coordenadora e Prof^a Mônica Murito, conforme já relatado na parte sobre estágio desta dissertação, atualmente a escola trabalha com 3 instrumentos de avaliação do trabalho de campo do aluno, que é avaliação pelo supervisor, a auto avaliação e o seminário. São os instrumentos utilizados para avaliar e fazer as modificações necessárias a fim de promover melhorias nos vários campos do estágio.

A escola entrega um questionário, onde o supervisor avalia o desempenho dos estudantes. A partir desse questionário, a partir de uns anos para cá, se acrescentou a parte de pesquisa fazendo um rodízio conjunto com a coleta de sangue. Então os estudantes passam dois dias na coleta de sangue e dois dias na pesquisa. Isso é muito importante para eles.

Os estudantes do 4º ano, apresentam um seminário para os estudantes da sua série e para os estudantes do 3º ano para que eles tenham uma visão dos campos de estágio e também serve como um aporte pedagógico para avaliar as modificações que precisam ser feitas no ano seguinte. Existe um rodízio de coleta e pesquisa ou uma complementação do estágio. No antigo CECAL, na parte de animais de laboratório, atual ICTB, é complementado o estágio de coleta de sangue.

Formar para a pesquisa, para uma análise comprometida, ética, de qualidade, mas, principalmente na coleta, é necessário que se tenha qualidade, além de ética sobretudo. E o mercado de trabalho hoje, infelizmente, acaba colhendo muito, felizmente ou infelizmente, mas a escola gostaria que existisse mais protagonismo, mas o que o mercado de trabalho vê é esse emprego na coleta, no sentido de mais possibilidade de empregabilidade na coleta, afirma a Profª Mônica Murito.

11. CATEGORIA OFERTA DE VAGAS PARA PROFISSIONAIS TÉCNICOS

Não menos importante para estes estudantes em sua trajetória, também preocupa a falta de oferta de emprego em áreas próximas de suas residências.

Para a maioria dos egressos não existe muito oferta de emprego em sua região e quando existem os salários são muito baixos e oportunidades raríssimas. Ou quando existem laboratórios e hospitais, são solicitados mais para coletas e raramente encontram vagas disponíveis.

O egresso E.01 afirmou não poder responder com precisão, visto que não se debruça na busca de um novo emprego. Entretanto, na sua região (zona oeste da cidade do Rio de Janeiro), na busca do seu primeiro emprego, não conseguiu emprego sem experiência de carteira assinada. Depois, quando buscou (2017), eram bem escassas as oportunidades em que se enquadrava.

Para o egresso E.04 as ofertas são poucas, o que mais encontram quando se formam são vagas para coleta, já para laboratório é difícil pois requer experiência.

O egresso E.05 afirmou que teve sorte e conseguiu emprego rápido, porém, conhece alguns relatos de colegas de profissão (alguns não formados pela EPSJV) que precisaram trabalhar em outras funções, porque passaram meses procurando emprego como técnicos de análises clínicas e nunca eram chamados.

O egresso E.09 afirmou que na região onde vive tem vários laboratórios e hospitais, mas raramente encontra vagas disponíveis para eles.

12. CATEGORIA MOTIVAÇÃO

Alguns estudantes colocaram questões de participação em olimpíadas, e de maior carga horária de educação física

Para o egresso Q.06 a escola poderia dar maior incentivo aos estudantes participarem de olimpíadas (não só de matemática) mas também de física e química, português. Eu senti falta.

13. CATEGORIA ORGANIZAÇÃO

Um dos estudantes comentou da época que o curso foi reestruturado para 4 anos e se sentiu prejudicado sobre a organização do Laboratório de Formação Geral na Educação Básica (LABFORM).

Foi uma situação atípica, que o aluno se sentiu prejudicado, mas deveria ter relatado na época.

Q.08 – Na época em que cursei, o curso estava sendo reestruturado para o currículo de 4 anos, no Laboratório de Educação Profissional em Técnicas Laboratoriais em Saúde (LATEC) conseguiram manejar muito bem essa mudança, mas o LABFORM ainda tentava se organizar, o que nos prejudicou. Espero que esta situação tenha sido resolvida.

RESULTADOS

Em 1997, com a “promulgação” do Decreto Federal nº 2.208 estabeleceu-se que a educação profissional passasse a ser desenvolvida em articulação com o ensino regular e não mais de forma integrada, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este. O referido decreto prescrevia organizações curriculares próprias, autônomas e independentes.

Portanto, preocupações de diferentes ordens tomaram as discussões sobre o currículo na Escola. Segundo o Parecer CNE/CEB nº 17/97, que estabelecia a separação entre o Ensino Médio e o Ensino Técnico, e defendia ser vantajoso “tanto para o aluno, que passava a contar com uma maior flexibilidade na escolha de seu itinerário de educação profissional [...] quanto para as instituições de ensino técnico que passavam a ter uma maior versatilidade, podendo rever e atualizar os seus currículos”. Os princípios do novo decreto vinham em oposição aos princípios da Educação Politécnica defendida e que referenciava as práticas da Escola.

Em 23 de julho de 2004, com a “promulgação” do Decreto 5154/2004 que regulamenta o § 2º do art. 36 e os art. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, que continha entre os seus princípios a integração entre o ensino médio e a educação profissional, finalmente, a EPSJV tinha seu projeto político pedagógico referendado por lei e garantindo à Escola a elaboração de trajetórias formativas fundamentadas na ousadia qualificada e crítica e o caráter inovador que a Escola cultivava desde a sua origem. Isto porque, ao formular e implementar o então Curso Técnico de 2º grau, no ano de 1988, a EPSJV construiu seu currículo contrariando os princípios legais vigentes na Educação.

Importantes mudanças aconteceram no ensino a partir da criação da Lei 5.692/71:

O estudo da Lei 5.692/71, confrontando-se os pressupostos e os efeitos de sua política de profissionalização com políticas anteriores, evidenciou nova forma de oposição entre as funções propedêutica e profissionalizante. Ambas não mais se contrapõem em termos de humanismo e técnica, como ocorria até ao final dos anos 50. O maior prestígio dos cursos superiores ligados à ciência e à tecnologia mostra que a oposição é, explicitamente, entre as tarefas de decisão e de execução, configurando a forma de divisão do trabalho, característica da grande empresa moderna. A partir desse raciocínio, pode-se concluir que não é muito fácil propor uma reformulação que garanta, ao mesmo tempo, uma ampla democratização e uma profissionalização "tout court" do ensino de 2º grau. A questão consiste, portanto, em se definirem as relações entre profissionalização e democratização, como condição de possibilidade para não se cair nos vícios de um tecnicismo imediatista ou de uma instigação precoce para o mercado de trabalho. A democratização pode ser entendida em dois níveis: o das condições - que é pressuposto mais amplo - e o das oportunidades - que está vinculado às possibilidades de entrada do aluno no sistema escolar e a sua continuidade no mesmo. A democratização das condições significa maior equidade social, econômica e política, de modo que todos os

cidadãos possam usufruir seus direitos com dignidade. Depende apenas indiretamente da educação, que não tem condições de mudar, por si só, as condições de emprego, de salário e de bem-estar social em geral (CURY *et al*, 1982, p. 54).

A formação profissional pensada na origem da Escola e vigente até os dias atuais é fruto da construção histórica do currículo e da comunhão com o pensamento crítico da educação, da saúde e a construção do conhecimento científico. A partir do entendimento do Currículo como um campo ideológico, de reprodução e ao mesmo tempo de resistência, em que o entendimento sobre “o que ensinar” está definitivamente atrelado às relações de poder e à luta por um certo tipo de sociedade.

Pode-se afirmar que atribuições como essas, identificadas neste nível de educação, representam o elo entre a antiga Formação Geral, que tradicionalmente era oferecida pelo Curso Técnico de Segundo Grau (CURY *et al*, 1982), e pelo posterior Ensino Médio do Curso Técnico de Nível Médio em Saúde. De certa forma, por implementar uma proposta de formação profissionalizante a partir de princípios da formação omnilateral, aquela Formação Geral já apontava para questões da preparação para o mundo do trabalho e a cidadania, guardadas as especificidades, tanto do momento histórico como de suas próprias bases teóricas. Sendo assim, reformular a noção de educação contida naquela Formação Geral para uma proposta de Ensino Médio, exigiu rearranjos na medida em que os fundamentos teóricos já vinham sendo consolidados através desta experiência.

Foi uma experiência que favoreceu a formulação de uma nova proposta pedagógica. Neste caso, considerou-se fundamental preservar alguns princípios enunciadores da omnilateralidade que, em certa medida, apresentam-se presentes nas formulações das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) e integrar outros tantos que se apresentam mais em conformidade à atual proposta de ensino.

A contextualização é fundamental para que se possa dar andamento à interdisciplinaridade. Através dos fundamentos filosóficos, históricos, éticos, artísticos, culturais e científico-tecnológicos, os componentes curriculares poderão ser apreendidos e integrados a “culturas vividas” pelos alunos, fazendo com que ele associe a teoria à realidade. Desta forma, a construção de conhecimento possibilitará a aquisição de saberes fundamentais à formulação de novas relações e sistematizações, que possibilitem a continuidade de estudos acadêmicos ou de preparação profissional, sequenciais ou concomitantes com o ensino médio, sejam eles cursos formais ou de capacitação em serviço. (DCNEM, 1998).

“Os cursos de educação profissional de nível técnico, quaisquer que sejam, em sua organização, deverão ter como referência básica no planejamento curricular o perfil do

profissional que se deseja formar, considerando-se o contexto da estrutura ocupacional da área ou áreas profissionais, a observância destas diretrizes curriculares nacionais e os referenciais curriculares por área profissional, produzidos e difundidos pelo Ministério da Educação. Essa referência básica deverá ser considerada tanto para o planejamento curricular dos cursos, quanto para a emissão dos certificados e diplomas, bem como dos correspondentes históricos escolares, os quais deverão explicar as competências profissionais obtidas. A concepção curricular, consubstanciada no plano de curso, é prerrogativa e responsabilidade de cada escola e constitui meio pedagógico essencial para o alcance do perfil profissional de conclusão.” (BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica ,2013).

“Estas demandas em relação às escolas que oferecem educação técnica são, ao mesmo tempo, muito simples e muito complexas e exigentes. Elas supõem pesquisa, planejamento, utilização e avaliação de métodos, processos, conteúdos programáticos, arranjos didáticos e modalidades de programação em função de resultados. Espera-se que essas escolas preparem profissionais que tenham aprendido a aprender e a gerar autonomamente um conhecimento atualizado, inovador, criativo e operativo, que incorpore as mais recentes contribuições científicas e tecnológicas das diferentes áreas do saber”. ((BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, 2013).

Assim sendo, o ensino médio é etapa de consolidação da educação básica e, mais especificamente, de desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Objetiva a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos. Visa a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando. Capacita para continuar aprendendo e para adaptar-se com flexibilidade às novas condições de trabalho e às exigências de aperfeiçoamentos posteriores. A preparação básica para o trabalho, no ensino médio, deve incluir as competências que darão suporte para a educação profissional específica. Esta é uma das fortes razões pelas quais as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Parecer CNE/CEB n.º 15/98) insistem na flexibilidade curricular e contextualização dos conteúdos das áreas e disciplinas – sendo a vida produtiva um dos contextos mais importantes – para permitir às escolas ou sistemas ênfases curriculares que facilitem a articulação com o currículo específico da educação profissional de nível técnico. (BRASIL, 1997).

Nos primeiros anos do século XXI, foi realizada uma pesquisa dando continuidade à reformulação do Curso Técnico de Laboratório. No Parecer CNE/MEC 16/99, junto com a reforma educacional, foi criada a modalidade da área de saúde de “Técnico de Laboratório em

Biodiagnóstico em Saúde”. Este Curso originou-se da fusão dos dois cursos (Patologia Clínica e Histologia), além de incorporar novos conhecimentos e novas tecnologias, teve como base da organização curricular a lógica de competências, mantendo as disciplinas num currículo de três anos.

Em 2001 foi realizada outra pesquisa com funcionários de Patologia Clínica e de Anatomia Patológica do Hospital Geral de Bonsucesso (HGB) e do Serviço de Patologia Clínica do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (IPEC). Os resultados mostraram que apenas 14% das técnicas eram executadas manualmente, 18% das tarefas estavam totalmente automatizadas e 68% eram consideradas como função mista, isto é, possuíam atividades executadas manualmente e através de sistemas automáticos. O primeiro resultado diz respeito ao Setor de Parasitologia, onde era impossível realizar uma implementação tecnológica devido às técnicas de análises utilizadas naquela época. Um técnico que trabalhava no Setor de Bioquímica expressou as mudanças de função do homem frente aos impactos gerados pela implementação da automação, ao relatar que inicialmente todas as técnicas eram executadas em bancadas, e que depois foram sendo substituídas pela máquina, cabendo a ele apenas preparar os reagentes, calibrar os aparelhos e observar os resultados.

Os resultados também apontaram que 46% dos técnicos fizeram curso de informática, refletindo a importância que este conhecimento exerce no cenário atual do mundo do trabalho, e 26% estudaram inglês e reconhecem a importância deste curso, uma vez que a maioria das máquinas tem catálogos e especificações neste idioma. (Profª e Coordenadora Mônica Murito)²⁵.

Os laboratórios pesquisados passaram também, por reformas que visavam integrar diversas etapas deste processo, agilizando o fluxo e a comunicação intersetorial. O laboratório se tornou um grande salão, onde os setores não são separados por divisórias físicas, gerando a possibilidade de reformulação do espaço de acordo com a necessidade.

Durante esse período, o Conselho Deliberativo da Fundação Oswaldo Cruz aprovou a criação do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS) como unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz, onde se situaram plataformas tecnológicas, laboratórios de apoio e laboratórios flexíveis para desenvolvimento de produtos e área de experimentação animal, nos quais a alta performance em relação às normas de biossegurança e a estrita adesão às normas éticas da experimentação serão exigidas.

As principais atividades previstas para o CDTS são a geração e absorção de novas tecnologias, desenvolvimento de insumos para a saúde, manipulação gênica (é o tratamento baseado na introdução de genes sadios com uso de técnicas de DNA recombinante) em animais de experimentação (transgênicos e *knock-out*) buscando estabelecer procedimentos de futura terapia gênica de interesse para saúde humana e desenvolvimento de testes diagnósticos para diversas doenças infecto-parasitárias com técnicas moleculares.

²⁵ Trechos da entrevista com a Professora e Coordenadora Monica Mendes Caminha Murito.

Através dessas observações, podemos afirmar que o setor laboratorial passou por um período de adaptação à tendência de flexibilização da organização de seus processos produtivos e de trabalho; que este setor é um grande fomentador de tecnologia; e sua força de trabalho técnica, mesmo que de forma ainda heterogênea, caminha para um crescimento profissional e uma organização polivalente do trabalho.

Diante das constatações anteriores, e de maneira resumida, há que se afirmar o papel transformador e crítico, na formação técnica em saúde, da proposta do curso técnico de laboratório em análises clínicas, ao recusar a formação polivalente em defesa de uma formação politécnica que tem a perspectiva crítica e a reflexão para tratar temas como a Biossegurança e a inserção de “novas” tecnologias, apontando sempre para a necessidade de integrar cada vez mais com práticas e conteúdo da área de educação em ciências. Isto porque, como afirmam Pereira e Ramos (2006, p. 13): “Pode-se afirmar que a educação de trabalhadores da saúde é composta por projetos contraditórios, interessados, conflitantes em luta por uma visão de mundo. Uma boa análise crítica, dentro e fora das instituições escolares, poderá indicar os sentidos desses projetos interessados”.

No caso da formação técnica ministrada na EPSJV, há uma recusa em uma qualificação calcada na reprodução técnica e mecânica dos meros treinamentos, em que se perde o potencial de uma formação ampla e qualificada que pode influir de maneira construtiva nas relações de trabalho e no atendimento da população, assim como a capacidade de pensar o cotidiano mais imediato, mas também o próprio Sistema Único de Saúde (SUS), o local, o país e o mundo.

Assim, em 2012, conforme Portaria 052 de 2011, DIREÇÃO/EPSJV, o Curso Técnico de Análises Clínicas foi ampliado para 4 anos. Diversos fatores influenciaram esta mudança da duração curso, como adoecimento dos estudantes pela sobrecarga de matérias e dificuldade de conciliar os estudos com a prática do estágio obrigatório, de acordo com esclarecimentos da coordenação do curso.

Para o 4º ano, a organização curricular ficou com disciplina às sextas-feiras na parte da manhã e na parte da tarde é para os estudantes agendarem os encontros com os orientadores. O estágio passou a ocorrer de segunda a quinta-feira na parte da manhã.

Do total de aulas, parte deve ser destinada à oferta dos chamados “itinerários formativos”: uma formação à parte da obrigatória em que o estudante pode escolher a área de conhecimento ou formação técnica para aprofundar os estudos a partir de suas preferências e intenções de carreira. Desta forma, a EPSJV optou por administrar, as quartas-feiras, somente

os componentes de nível médio e ficando a parte da tarde livre, sem a parte técnica. E na quinta-feira se acrescentou um novo componente curricular que foi atividades diversas.

Com a mudança da duração do curso para 4 anos, houve ampliação da carga horária do PTCC para que os estudantes pudessem melhor coordenar seus estudos e monografia e ampliação da carga horária da prática profissional. A disciplina de atividades diversas não é obrigatória para o 4º ano. Então eles têm a quarta-feira e quinta-feira livres para escreverem e defenderem monografia, que acontece no final do curso.

Atualmente, os estudantes do 4º ano têm no primeiro semestre a parte técnica, com 4 disciplinas e a carga horária de estágio foi ampliada porque o estágio era muito reduzido. No 4º ano, os estudantes fazem algumas disciplinas do ensino médio, que são literatura, matemática, língua estrangeira (inglês ou espanhol), filosofia e sociologia. Eles só têm disciplinas do ensino médio às segunda-feira à tarde, e sexta-feira na parte da manhã. As terça-feira e sexta-feira na parte da tarde os estudantes têm horário reservado para encontro com os orientadores da monografia. O curso tem, no ensino médio carga horária de 3210 horas e no ensino técnico a carga horária de 1960 horas, perfazendo um total de 5170 horas, sendo ministradas paralelamente ao ensino médio, as disciplinas técnicas de Animais de Laboratório; Bacteriologia; Bioestatística; Biologia Molecular; Bioquímica; Boas Práticas laboratoriais e Biossegurança; Fluidos Corporais; Fundamentos de Química Analítica; Helmintologia; Hematologia; Imunologia; Iniciação à Educação Politécnica (IEP); Projeto, Trabalho, Ciência e Cultura (PTCC); Micologia; Morfologia; Protozoologia; Técnicas Básicas em Laboratório; Técnicas Histológicas; Virologia e Estágio Profissional. As disciplinas do ensino médio são Biologia, Educação Artística, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Língua Estrangeira. Língua, Portuguesa, Literatura, Matemática, Química e Sociologia. Site EPSJV - Técnicos integrado ao ensino médio.

CONCLUSÃO

As análises realizadas buscaram identificar quais fatores promovem o desenvolvimento profissional e melhoria das possibilidades dos egressos em ingressarem no mercado de trabalho considerando a formação técnica desenvolvida na EPSJV. As análises foram realizadas considerando desde as atividades pedagógicas realizadas no decorrer da formação, ou seja, uma avaliação sobre o projeto político pedagógico do curso, incluindo a avaliação da qualidade do corpo docente, integrando à formação recebida, o percurso do estudante, já egresso, após a conclusão do curso. O objetivo foi dar luz ao processo de integração formação acadêmica - ingresso do mercado de trabalho, de forma que auxilie na avaliação da formação técnica oferecida pela EPSJV na habilitação em Análises Clínicas.

Procurou-se trazer neste trabalho alguns fatores que mais impactaram os estudantes, incentivando-os a prosseguirem desempenhando atividades em sua área ou buscando aperfeiçoamento em nível superior.

Para os egressos entrevistados, a qualidade da sua formação profissional no Curso de Análises Clínicas foi apresentada como fator principal, destacando sua formação na EPSJV e as dificuldades enfrentadas durante o período de sua formação no Curso. Foram inseridos nas análises os dados extraídos das entrevistas e dos questionários, pois mereceram destaque para o entendimento de como aconteceu todo o processo de formação desses profissionais.

Outro ponto positivo a considerar no Curso foi o fato de os entrevistados responderem que conseguiram entrar no mercado de trabalho logo quando terminaram o curso e poucos levaram um pouco mais de tempo.

A maioria dos entrevistados respondeu que conseguiu logo a oportunidade no mercado de trabalho, apesar de alguns relatos sobre a falta de experiência em sua área profissional, e a falta do Registro do Conselho, que é obrigatório para o exercício da profissão. 61 % conseguiu entrar no mercado de trabalho entre um e três anos após sua formação.

Na categoria sobre prática profissional, levantaram-se, neste estudo, as declarações dos estudantes que, de alguma forma, impactaram em sua atuação no mercado de trabalho. Muitos falaram sobre a necessidade do Registro no Conselho de Farmácia e outros sobre a falta de experiência sempre exigidos no primeiro emprego.

Nas entrevistas, os estudantes ressaltaram considerações sobre o estágio e o Registro no Conselho como elementos essenciais para o primeiro emprego, pois, pelo pouco tempo que estagiaram, consideraram um fator que impactou um pouco na dificuldade de conseguir um primeiro emprego, por possuírem pouca experiência ainda na época de sua formação.

Houve uma maior incidência de comentários sobre a diversidade do estágio praticado; alguns egressos comentaram haver pouco tempo para o estágio e outros gostariam de um maior rodízio entre as bancadas e a área de pesquisa, o que realmente faria muita diferença para um conhecimento mais aprofundado.

No campo da prática profissional, revela-se, ao fazer a análise das entrevistas, uma certa desvalorização do trabalho do técnico, por parte do mercado de trabalho, pela exigência da experiência profissional, não reconhecendo que o egresso recém-formado precisa de uma oportunidade em um primeiro emprego.

Importante comentar sobre a categoria docentes, um ponto que mereceu destaque neste estudo e chamou atenção nas perguntas abertas, nas quais houve considerável valorização da qualidade do corpo docente.

Muitos estudantes fizeram muitos elogios e destacaram a qualidade, atenção e contribuição em seus ensinamentos. Foram unânimes os elogios pela qualificação dos professores, inclusive com citações de nomes de alguns dos docentes, os quais os egressos indicaram que mais se empenharam em sua formação.

Conforme já discutido, pesquisas indicam o estudo dos egressos como fundamental para constituir uma boa formação acadêmica. Esses textos orientam também para a valorização da atividade dos docentes, que têm fundamental papel nestes contextos.

Percebeu-se que, para além das entrevistas individuais com os egressos, foi importante trazer um coletivo de entrevistas com coordenadores e ex-coordenadores para melhor entendimento de como se formou todo este processo desde o seu início, pois poderiam contribuir para o surgimento de outras questões e questionamentos na medida em que fossem compartilhados opiniões e pontos de vista, fazendo refletir que sempre é possível melhorar, indo na direção certa em relação ao modo que se investe na estrutura do ensino.

Com o acelerado avanço de tecnologias e constantes mudanças nas reformas educacionais, fica sempre a preocupação sobre a definição do caminho a ser percorrido para a realização de um bom trabalho.

Destacam-se, ainda, as constantes mudanças nas políticas públicas, as quais, na maioria das vezes, que nos afeta de forma prejudicial, como exemplo o corte de gastos na educação e saúde, resultando, em muitos casos, em substituição de docentes, o que traz várias inquietações por parte dos alunos.

Na percepção dos egressos que responderam aos questionários, incluindo também os que foram entrevistados, a qualidade do ensino e a capacitação dos docentes foram pontos de

destaque. Mais de 90% dos egressos atribuíram conceito ótimo ou bom aos docentes do curso e quase 90% (88,68%) atribuiu conceito ótimo ao curso. A maioria dos entrevistados respondeu que conseguiu logo a oportunidade no mercado de trabalho, apesar da questão da falta de experiência dos egressos em sua área profissional e de que muitos não possuíam o Registro do Conselho, que é obrigatório para o exercício da profissão. A satisfação dos egressos que atuam em suas áreas de formação foi fator muito importante na avaliação positiva do curso, o que indica que a Formação Politécnica em Análises Clínicas realizada pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio tem sido importante para a vida de seus egressos.

Outro importante ponto mencionado pelos alunos foi a falta de prática da docência de alguns professores, com destaque aos professores convidados externos que, na maioria das vezes, são pesquisadores e professores de pós-graduação, os quais, possivelmente, precisariam de uma proximidade maior com as questões da educação básica. Outro ponto apontado com bastante frequência foi a necessidade de maiores investimentos de recursos da EPSJV na assistência psicológica aos estudantes, pois alguns relataram que, apesar de todo o diálogo com os professores/coordenação, não havia um profissional que auxiliasse nas demandas dessas questões.

Neste trabalho percebeu-se haver necessidade de uma maior interação entre as disciplinas de formação geral e disciplinas técnicas, bem como prioridade nas decisões relacionadas à integração do ensino técnico para formar profissionais de que a sociedade precisa e que os técnicos formados almejam.

Dessa forma, por meio desses grupos de quatro turmas estudadas no curso de Análises Clínicas, percebeu-se a importância de uma avaliação permanente do ensino dos egressos dos Cursos Técnicos como um instrumento de reflexão que poderá acarretar reflexões ou mesmo mudanças na prática pedagógica e no projeto político pedagógico, objetivando perceber que esta não é um fim, mas sim um meio.

Ressalta-se ainda, que nesta pesquisa, foi possível conhecer a avaliação nas diferentes tendências da educação, evidenciando-se que não há fórmulas, mas este estudo poder contribuir para o processo de (re)produção e re(formulação) do saber docente.

Neste sentido, acredita-se que este trabalho trouxe contribuições significativas, possibilitando à pesquisadora observar, produzir, pesquisar e aprender que o ato avaliativo se dá na ação de saber fazer, integrado ao trabalho socializado em sala de aula, tanto individualmente como coletivamente.

Finalizando, a intenção não foi acabar a discussão acerca do tema proposto, mas, suscitar a importância da avaliação para a prática pedagógica nos diferentes olhares e crenças do profissional técnico de análises clínicas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, André, GUIMARÃES, Cátia, NEVES, Júlia, TAVARES, Viviane – REVISTA POLI- SAÚDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO Nº 72, 2020.

ANTUNES, Ricardo (org). *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 164.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Medida Provisória nº 746/2016*. Disponível em: https://educacao.mppr.mp.br/arquivos/File/informativos/2016/mp_746_2016_ensino_medio_integral.pdf. Acesso em: 1 abr. 2021.

BRASIL – Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, 562 P.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer CNE/CEB n. 16/99*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_parecer1699.pdf. Acesso em: 1 jan. 2021.

BRASIL - Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília: MEC - Resolução CEB Nº 3, DE 26 de junho DE 1998

BRASIL. Ministério de Educação. *Resolução CNE/CEB Nº 02/97*. Dispõe sobre os programas especiais de formação pedagógica de docentes para as disciplinas do currículo do ensino fundamental, do ensino médio e da educação profissional em nível médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/RCNE_CEB02_97.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Relatório final da VIII Conferência Nacional de Saúde, Brasília, 1986.

BRASIL – Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 3.189, de 18 de dezembro de 2009, Brasília, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 maio 2021.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARVALHO, Paulo Sergio de, e NUNES, Tânia Celeste - Plano de Desenvolvimento Institucional da Fiocruz – 2016-2020. PDI/FIOCRUZ, 2020.

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca; RAMOS, Maria Beatriz Jacques. Família e aprendizagem escolar: relato de experiência. *Rev. Psicopedagogia*, Porto Alegre, v. 24, n. 74, p. 182-201, 2007.

CECCIM, Ricardo Burg. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. *Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, Fundação UNI/UNESP ,v.9, n.16, set.2014-fev. 2005. p.161-178, 2005.Disponível em: Acesso em: 03 jan. 2021.

CISLAGHI, Juliana F. Privatização da saúde no Brasil: da ditadura do grande capital aos governos do PT. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 43, p. 60-73, 2019.

CRISTELLO, Eduardo – o perfil do aluno egresso no curso de administração na modalidade de educação a distância e suas percepções de qualidade - uma realidade de uma instituição privada do Rio Grande do Sul/BRASIL -RPGE– Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v.22, n.1, p. 336-350, jan./abr. 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil, SAAD, Maria Ignez, TAMBINI, Bedran, SALGADO, Maria Umbelina Caiafa e AZZI, Sandra. *A profissionalização do ensino na lei nº 5.692/71*. Trabalho apresentado pelo INEP à XVIII Reunião Conjunta do Conselho Federal de Educação com os Conselhos Estaduais de Educação. Brasília: INEP, 1982.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de; SANTOS, Catarina de Almeida, A. *Qualidade da Educação: conceitos e definições*. Brasília: INEP, 2007.

ENGUITA, Mariano. O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In: GENTILI, P.; SILVA, T. T. (org.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 93-110.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutiva. *Um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FRIGOTTO, Gaudêncio et al. *Produção de conhecimentos de ensino médio integrado: dimensões epistemológicas e político-pedagógicas*. Rio de Janeiro, GT do trabalho e educação da ANPED projetos integrados (UFF, Uerj, EPSJV/Fiocruz). Rio de Janeiro: EPSJV, 2014.

GRETA, Sarah. *Baixa qualificação torna o mercado de trabalho ainda mais desafiador para o jovem brasileiro: investir em aprendizagem é essencial para jovens conseguirem colocação em meio à crise*. 26 jul. 2016. Disponível em: <https://www.ciadeestagios.com.br/baixa-qualificacao-torna-o-mercado-de-trabalho-ainda-mais-desafiador-para-o-jovem-brasileiro/>. Acesso em: 1 maio 2020.

GUIMARÃES, Cátia - Revista Poli- Saúde, Educação e Trabalho Nº 9, jan./fev. 2010.

GRIBOSKI, Claudia Maffini. *Regular e/ou induzir qualidade?* os cursos de pedagogia nos ciclos avaliativos do sinaes. 2014. 481f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Brasília, 2014. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17381/1/2014_ClaudiaMaffiniGriboski.pdf.

Acesso em: 2 abr. 2020.

HARPER, Babette *et al.* *Cuidado, escola!* desigualdade, domesticação e algumas saídas. 22. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

LEAL, Leila. Análises clínicas: fundamentais para o SUS, técnicos enfrentam desafios diante da automação dos processos de diagnósticos. *Revista Poli: saúde, educação e trabalho*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 22-23, 2010. Disponível em:

https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/revista_poli_-_9.pdf. Acesso em: 2 maio 2021.

LEITE, Meyriana Bezerra; SANTOS, Jamile de Lima. *Trabalho: atividade vital, exploração e alienação uma análise à luz da teoria marxista*. 2013. Disponível em:

http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo2-transformacoesnomundodotrabalho/trabalho-atividadevital-exploracaoealienacao_umaanalisealuzdateoriamarxista.pdf . Acesso em: 3 jan. 2021.

LOUSADA, Ana Cristina Zenha; MARTINS, Gilberto de Andadre. Egressos como de informação à gestão dos cursos de Ciências Contábeis. *Rev. Contab. Finanças*, São Paulo, v.16, n. 37, jan./abr. 2005. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-70772005000100006.

Acesso em: 2 fev. 2020.

MALHÃO, André Paulo, CORTES, Bianca Antunes e LIMA, Júlio César França -Escola Politécnica de Saúde: Uma utopia em construção - EPSJV, FIOCRUZ, 1987

MARQUES, José Roberto. *Os 7 níveis da teoria do processo evolutivo*. Goiânia: IBC, 2018.

MEHEDFF, Nassim Gabriel. *A avaliação da educação e a inserção dos egressos do ensino médio no mercado de trabalho*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.

MENDONÇA, Flavia C. R. *et al.* Curso de Especialização em Biotecnologia em Saúde: análise e percepções de egressos. *Revista Práxis*, Volta Redonda, v.6, n. 12, 2014.

MENDONÇA, Ana Abadia dos Santos M. Escola inclusiva: barreiras e desafios. *Revista Encontro de Pesquisa em Educação*, Uberaba, v. 1, n.1, p. 4-16, 2013.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, maio/ago 2004.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. *Currículo: políticas e práticas*. Campinas: Papirus Editora, 1997.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu (orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MURITO, M. M. C. *Projeto de Pesquisa: uma análise dos alunos egressos do curso técnico de biodiagnóstico em saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ*. Rio de Janeiro, 2010.

PARASKEVA, João M., Michael W. Apple e os estudos(curriculares) críticos. *Currículo sem Fronteira*, vol. 2 n.1, p. 106-120, jan./jun..2002.

PEDROSA, José Geraldo - REVISTA POLI- SAÚDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO, Nº 72, 2020

PEREIRA, Isabel Brasil; DANTAS, André Vianna (Org.). *Iniciação científica na educação profissional em saúde: articulando trabalho, ciência e cultura*, volume 4. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO / Organizado pela Escola Politécnica de Saúde. Joaquim Venâncio/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2005. ISBN 85-98768-12-X. 312 páginas. <http://www.epsjv.fiocruz.br> > arquivos-documentos.

PRONKO, Marcela *et al.* *Formação de Trabalhadores Técnicos em Saúde no Brasil e no Mercosul*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2011.

RIO DE JANEIRO, RJ. Lei nº 5.026, de 19 de maio de 2009. Dispõe sobre a qualificação de entidades como Organizações Sociais e dá outras. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 20 mai. 2009.

ROLKOUSKI, Emerson; FELICIANO, Michelle Tais Faria. Entre o currículo prescrito e o currículo em ação: como professoras do 3. ano justificam as diferenças em sua prática docente? *Acta Scientiae*, Rio Grande do Sul, v.19, n. 6, nov./dez. 2017.

RUIZ, Sofia Maria de Araujo; GEBRAN, Raimunda Abou. *A prática pedagógica colaborativa: pesquisa-ação em um curso de administração*. *Revista Internacional de Educação Superior*, 2018.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!* 32. ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politécnica. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.131-152, 2003.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

SAMPAIO, Marcus Vinicius Duarte; APOLINÁRIO, Valdênia. *A expansão da educação técnica e profissionalizante no RN: perfil da inserção de egressos do IFRN no mercado de trabalho*. Disponível em: http://www.redesist.ie.ufrj.br/lalics/papers/137_A_expansao_da_educacao_tecnica_e_profissionalizante_no_Rio_Grande_do_Norte_perfil_da_insercao_de_egressos_do_IFRN_no_mercado_de_trabalho.pdf. Acesso em: 20 maio de 2021.

SCHULTZ, Theodore. W. *O capital humano: investimentos em educação e pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SILVA, Jose M.; BEZERRA, Roque O. Sistema de Acompanhamento dos Egressos Aplicado na Universidade Federal de Santa Catarina. *Revista GUAL*, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/41923/30508>. Acesso em: 26 set. 2016.

SILVA, Luiz Etevaldo da. *Um olhar sobre a escola como espaço de emancipação*. 2010. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, RS, 2010.

SILVA, Tadeu da. *Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

SILVESTRE, V. S.; BRAGA, Cristiane N.; SOUSA, Isabela C. F. - Treinamento científico no Ensino Médio: análise da visão de egressos sobre o Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz. In: *VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, Florianópolis, 2009.

SOUSA, Isabela Cabral Félix de. A Figura central do orientador para os egressos do Programa de Vocação Científica do Rio de Janeiro. In: MONKEN, Maurício; DANTAS, André Vianna. (org.). *Estudos de politécnia e saúde*: Rio de Janeiro: EPSJV, 2009. p. 281-296. Volume 4.

SOUSA, Isabela Cabral Félix de - Vivências de egressos do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz. In: *XVIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS)*, 2009. Rio de Janeiro.

SACRISTÀN, J. Gilmeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. São Paulo: Artmed, 1998.

TARTUCE, G. L. B. P. *O que há de novo no debate da "qualificação do trabalho"? reflexões sobre o conceito com base nas obras de Georges Friedmann e Pierre Naville*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TAVARES, Viviane - REVISTA POLI- SAÚDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO Nº 72, 2020.

TEIXEIRA, Déa Lúcia Pimentel; SOUZA, Maria Carolina A. F. Organização do processo de trabalho na evolução do capitalismo. *Rev. de Administração de Empresa*, São Paulo, v. 25, n. 4, out. /dez. 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901985000400007>. Acesso em: 1 mar. 2021.

TEIXEIRA, G. C. S.; MACCARI, E. A. Proposição de um plano de ações estratégicas para associações de alunos egressos baseado em benchmarking. *Anais [...] COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA*, 14. Florianópolis, Brasil, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/131917/2014-260.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 dez. 2016.

APÊNDICE A - Termo de anuência da instituição

Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 466/12 e suas complementares, que esta instituição tem condições para o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa intitulado “Processo formativo e inserção profissional dos estudantes egressos das turmas de técnicos em análises clínicas da EPSJV/Fiocruz: um estudo de caso.”, cujo objetivo é "avaliar e compreender a trajetória dos egressos com foco na sua formação, verificando aspectos que possam ser fortalecidos a fim de procurar reafirmar o compromisso de relevada importância em uma formação de efetiva qualidade do Curso Técnico de nível médio de Análises Clínicas da EPSJV.” Será realizada uma pesquisa com os estudantes egressos da EPSJV, com a aplicação de questionários a estes estudantes das turmas 2012 a 2015, e, portanto, autorizo sua execução pela pesquisadora Maria de Fátima Genteluci Martins.

Nome da instituição: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Nome completo do responsável legal pela instituição: Anakeila de Barros Stauffer

Cargo: Diretora Telefone e e-mail para contato: Tel: 38659700 - Email: anakeila.stauffer@2flocruz.br

Assinatura da responsável da instituição

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista (Roteiro relativo à solicitação de Emenda ao Projeto)

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE

TÍTULO DA ENTREVISTA: PROCESSO FORMATIVO E INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES EGRESSOS DAS TURMAS DE TÉCNICOS EM ANÁLISES CLÍNICAS DA EPSJV/FIOCRUZ: um estudo de caso

Participantes da pesquisa: Coordenadores e ex-coordenadores do Curso Técnico de Análises Clínicas da EPSJV, do Laboratório de Técnicas Laboratoriais e dos cursos de Histologia e Patologia Clínica.

Número de entrevistados: 5

Obs. Haverá a distinção entre os participantes da pesquisa em dois grupos de entrevistados. O grupo 1 será composto por coordenadores do Cursos Técnicos de Histologia e Patologia Clínica. E o grupo 2 por coordenadores e ex-coordenadores do Curso Técnico de Análises Clínicas da EPSJV e do Laboratório de Técnicas Laboratoriais.

As entrevistas foram realizadas por meio de plataforma digital e, caso o participante da pesquisa concorde, elas serão gravadas em áudio.

Duração aproximada da entrevista: 45 minutos

Forma de acesso e convite aos participantes: A identificação e definição dos participantes se deram a partir da leitura de documentos históricos e de dados disponibilizados no site da EPSJV. Os convites foram realizados por meio de ligação telefônica ou por e-mail a partir dos contatos disponibilizados no site da EPSJV. Durante o convite foram apresentados os objetivos da pesquisa e a metodologia da mesma. Diante da concordância do participante, o RCLE foi enviado com antecedência para o mesmo possibilitando a leitura prévia por parte do participante, assim como a possibilidade do mesmo solicitar à pesquisadora esclarecimentos de informações disponibilizadas no RCLE antes do encontro virtual.

A entrevista foi conduzida pela coordenadora da pesquisa e acompanhada por mais uma das pesquisadoras da equipe que ficou responsável pelo registro dos diálogos. Antes do início da entrevista a pesquisadora perguntou ao participante se ele estava de acordo com os termos expostos no RCLE e que a realização da entrevista estaria condicionada ao seu de acordo com o texto do RCLE enviado. A transcrição da entrevista foi enviada aos entrevistados antes da compilação dos dados da mesma como material validado de pesquisa.

Objetivo geral da entrevista: Buscar informações que ampliem o referencial teórico da pesquisa.

Objetivos específicos da entrevista: 1) identificar questões que impactaram a definição da escolha da habilitação; 2) Quais os caminhos foram ou são adotados para a construção uma escola de segundo grau/ensino médio na qual a prática não seja vista como uma atividade estanque, divorciada das aulas teóricas; em que não ocorra desvinculação entre o saber e a prática, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual?; 3) Como construir uma escola que privilegie o acesso das camadas populares e que permita aos alunos terem, ao final do curso, o domínio do acervo de conhecimentos historicamente sistematizado, da mesma forma que os filhos das classes dirigentes, tendo condições de competir no mercado de trabalho e de questionar a ordem social estabelecida?; 4) Que critérios utilizar para selecionar os profissionais que atuarão nesta escola? Como organizá-la administrativamente? Como elaborar seu segmento? O que privilegiar no currículo? Como construir os critérios de avaliação?

Grande parte dos objetivos específicos desta entrevista foram transcritos do documento “Escola Politécnica de Saúde: uma utopia em construção”. Este texto foi publicado em 1987 e subsidiou a realização do 1º Seminário intitulado Choque Teórico da EPSJV. As informações contidas nesse texto e a leitura dos planos do curso subsidiaram em grande medida a necessidade de realização dessas entrevistas. Espera-se que as entrevistas realizadas agreguem à pesquisa mais informações sobre questões como a definição da oferta de habilitações técnicas relacionadas às técnicas laboratoriais na área da saúde, a escolha dos currículos, o perfil dos estudantes, professores e egressos.

Questões norteadoras da entrevista:

- a) Definição da habilitação técnica
- b) Expectativas formativas e organização do currículo
- c) Perfil dos estudantes, docentes e egressos
- d) Infraestrutura necessária para a realização do curso
- e) Desafios encontrados no decorrer do processo formativo

TEMA 1 - PERCEPÇÕES SOBRE O CURSO - Objetivo: Conhecer as expectativas dos coordenadores quanto à definição da habilitação técnica, do currículo, do perfil de estudantes, docentes e egressos.

A 1ª turma do Curso Técnico de 2º grau (atual Ensino Médio), da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) iniciou no dia 14 de março de 1988, possuía 24 alunos e onde iniciou sua trajetória na educação profissional em saúde integrada ao Ensino Médio. Com as habilitações de Histologia, Patologia Clínica e Administração Hospitalar, a primeira turma se formou em 1990.

Conforme abordado no livro Caminhos da Politecnia, logo no início de suas atividades, o Politécnico buscou responder à demanda interna da Fiocruz – com os cursos de Desenvolvimento de Secretárias, Iniciação Técnica em Processamento de Dados, Treinamento em Processamento de Textos/SPP e Supletivo de Primeiro Grau – e da comunidade de Manguinhos - Supletivo de Primeiro Grau –, ampliando assim a sua atuação. Essas atividades, na realidade, serviram não só para consolidar o Politécnico enquanto unidade institucional, como também para identificar e fortalecer os seus vínculos com os setores da Fiocruz que potencialmente são campos de prática da Escola Politécnica de Saúde – vide o projeto Fazendo e Aprendendo, o Programa de Vocação Científica e o Supletivo de Primeiro Grau.

Questão 1.1a - Pergunta para participantes do grupo 1 (Coordenadores dos cursos de Histologia e Patologia Clínica) - Nesse contexto, como foi pensado e elaborado o currículo do Curso Técnico integrado à educação básica nas habilitações técnicas de Histologia e Patologia Clínica?

Questão 1.1b - Pergunta para participantes do grupo 2 (Coordenadores e ex-coordenadores do curso de Análises Clínicas ou do Laboratório de Técnicas Laboratoriais da EPSJV) - Nesse contexto, como foi pensado e elaborado o currículo do Curso Técnico integrado à educação básica na habilitação técnica de Análises Clínicas?

Questão 1.2 - Pergunta para os dois grupos - Qual o perfil esperado dos estudantes, docentes e egressos do curso?

Questão 1.3 - Pergunta para os dois grupos - Como foi pensado a infraestrutura necessária para a realização desses cursos?

TEMA 2 – Os Caminhos para a Politecnia - Como a EPSJV buscou uma alternativa para “não reduzir uma formação técnico-profissional a um esquema de adaptação à parcialização do processo trabalho, e de desenvolver de forma gradativa uma formação politécnica, formação que, ao mesmo tempo, prepare o aluno técnica e cientificamente para o domínio da *societas rerum* e capacite-o como cidadão para participar ativa e criativamente na construção da *societas hominum* (FRIGOTTO, 1984, p. 211).

Questão 2.1 - Pergunta para os dois grupos - Como foi (/tem sido) pensado e organizado a integração entre a parte técnica e a formação geral? Quais estratégias e ações foram (/são) realizadas para que se concretize a formação politécnica nos cursos em questão?

TEMA 3 - A INSERÇÃO DO EGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO - Verificar como o Curso, como um todo, colabora para o desenvolvimento profissional do discente. Ou seja, como garantir conhecimentos teóricos e práticos que proporcionem uma formação técnica, científica e crítica?

Questão 3.1 - Quais habilidades e competências são consideradas necessárias para que o egresso do Curso Técnico em Análises Clínicas possa desenvolver sua prática profissional?

Um ponto de partida para o Politécnico iniciar o seu processo de avaliação foi acrescentar aos objetivos do próprio seminário Choque Teórico, o de repensar e começar a construir diretrizes dessa Escola Politécnica que estava sendo inventada. Mas aproveitar também este momento para fazer o “gancho” a fim de repensar a Fundação Oswaldo Cruz como um todo dentro desse processo que começou a ser deflagrado. Era necessário assumir a ousadia de pensar não só o projeto do Politécnico, mas pensar o Politécnico se integrando com a Escola de Saúde Pública, no que diz respeito a se integrar com o Instituto Oswaldo Cruz, com o Hospital Evandro Chagas, enfim, com a totalidade da Fundação Oswaldo Cruz.

Questão. 3.2. Como você avalia o mercado de trabalho do profissional Técnico de Análises Clínicas hoje e no futuro?

APÊNDICE C - Questionário - perfil dos egressos**QUESTIONÁRIO - PERFIL DOS EGRESSOS**

Turma de Análises Clínicas

Esta pesquisa está sendo aplicada a ex-estudantes de Análises Clínicas da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV*1) Conhecer a situação profissional atual dos formandos no curso da Escola Politécnica de Saúde**Joaquim Venâncio/EPSJV**2) Conhecer a adequação entre a formação oferecida no curso e as exigências do mercado de trabalho;**3) Medir o nível de satisfação do estudantes egressos em relação ao curso e Instituição.**Sua colaboração é de fundamental importância para o aprimoramento do curso e da EPSJV.*

Curso: Técnico em Análises Clínicas

Nome (Somente iniciais): _____

Data de ingresso (ano):

Data de egresso (ano):

Qual a sua idade:

I - Análise da situação profissional atual**01) Você está exercendo atividade profissional atualmente?**

- a) Sim, na área de minha formação técnica
 b) Sim, fora da área de minha formação técnica

02) Se não está exercendo atividade profissional em sua área de formação, o principal motivo pelo qual você não exerce atividade profissional na área é:

- a) Mercado de trabalho saturado
 b) Melhor oportunidade em outra área
 c) Motivos particulares

03) Qual tempo houve ocorreu entre a formatura e o início de sua atividade profissional?

- a) Menos de 1 ano
 b) De 02 a 03 anos
 c) de 03 a 04 anos
 d) Mais de 4 anos

04) Em que tipo de Instituição de Saúde você exerce sua atividade profissional?

- a) Autônoma
- b) Empresa própria
- c) Empresa privada
- d) Empresa pública
- e) A pergunta não se aplica à minha situação atual

05) Se você trabalha atualmente em sua área de técnico em análises clínicas, como você obteve seu emprego atual?

- a) Por concurso público
- b) Por efetivação de estágio
- c) Por seleção de currículo
- d) Por indicação de colegas
- e) A pergunta não se aplica à minha situação atual

06) Qual o seu nível de satisfação na sua situação profissional atual como técnico de análises clínicas no aspecto financeiro?

- a) Alto
- b) Médio
- c) Baixo

II - AVALIAÇÃO DO CURSO/INSTITUIÇÃO

07) Você estava preparado para o mercado de trabalho quando se formou?

- a) Muito
- b) Razoavelmente
- c) Pouco
- d) Não estou trabalhando

08) As disciplinas técnicas contribuíram para o seu desempenho profissional?

- a) Muito
- b) Pouco
- c) A pergunta não se aplica à minha situação atual

09) De forma geral, qual é o conceito que você atribui aos professores do curso que você concluiu das disciplinas de formação geral?

- a) Ótimo
- b) Bom
- c) Regular
- d) Ruim

10) De forma geral, qual é o conceito médio que você atribui aos professores do curso que você concluiu das disciplinas técnicas?

- a) Ótimo
- b) Bom
- c) Regular
- d) Ruim

11) Você ainda tem mantido algum contato/vínculo com a EPSJV?

- a) Participação de eventos
- b) Curso de atualização
- c) Informação em geral
- d) Procura dos serviços prestados pela EPSJV
- e) Não tenho mantido contato

12) Qual é o conceito que você atribui ao curso que concluiu na EPSJV?

- a) Ótimo
- b) Bom
- c) Regular
- d) Ruim

13) Por que você escolheu a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV?

- a) Pela sua qualidade de ensino
- b) Pela tradição
- c) Pela sua localização
- d) Pela gratuidade
- e) Não consegui vaga em outra instituição

III - AUTO AVALIAÇÃO

14) Quanto à sua dedicação aos estudos durante o curso, você pode afirmar que foi:

- a) Boa
- b) Regular
- c) Ruim

15) Quanto a sua assiduidade e pontualidade às aulas, você pode afirmar que foi:

- a) Boa
- b) Regular
- c) Ruim

16) Quanto ao envolvimento nas atividades (projetos, consultas, bibliografias, trabalho, etc.) solicitadas durante o curso, você pode afirmar que foi:

- () a) Bom
- () b) Regular
- () c) Ruim

Faça algum comentário ou sugestão para contribuir para a qualidade do curso de Análises Clínicas da EPSJV:

R : _____

APÊNDICE D – Entrevista**PESQUISA SOBRE O ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS DO CURSO TÉCNICO DE ANÁLISES CLÍNICAS DA EPSJV**

Caracterização dos egressos que estão no mercado de trabalho:

Quanto tempo depois da formatura você conseguiu entrar no mercado de trabalho?

Há quanto tempo você exerce a atual atividade profissional?

Qual é sua satisfação em relação à atual atividade profissional?

Localização hierárquica do cargo que ocupa:

- Nível operacional (executo atividades que não exigem conhecimentos técnicos)
- Nível técnico (executo atividades que exigem conhecimentos técnicos, mas não gerencio recursos e/ou pessoas).
- Nível gerencial (executo atividades que exigem conhecimentos técnicos, e gerencio recursos e/ou pessoas).

Quantas horas você trabalha por semana?

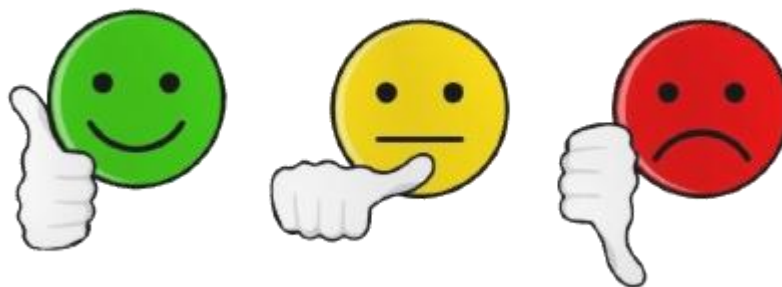
Se você trabalha como técnico de análises clínicas, pode nos informar qual é a empresa?

Como é a exigência do mercado de trabalho com relação a sua capacitação profissional atualmente?

Na região em que você vive como são as ofertas profissionais para o técnico de análises clínicas?

APÊNDICE E - Instrumento para avaliação permanente dos cursos técnicos desenvolvidos pela EPSJV a partir do olhar e trajetória de seus Egressos

Pesquisa de Avaliação da Qualidade do Ensino que é oferecido pela Escola Politécnica Joaquim Venâncio/EPSJV



Esta é uma pesquisa de opinião e não haverá identificação dos participantes.

Sua opinião é muito importante para o processo de melhoria contínua dos cursos oferecidos pela EPSJV.

Questionário contendo questões relativas ao curso realizado, e as trajetórias - acadêmica e profissional - posterior à conclusão do mesmo

Pesquisa de Avaliação da Qualidade da Educação Profissional Técnica oferecida pela Escola Politécnica Joaquim Venâncio/EPSJV a partir do olhar e trajetórias de seus egressos

Este instrumento tem por objetivo levantar informações sobre a avaliação auferida aos cursos técnicos realizados pela EPSJV por seus egressos como possibilidade de compreender um pouco mais o impacto/impactos da formação sobre a vida dos concluintes dos cursos, além da avaliação direta do curso realizada pelos egressos. Foram elaboradas questões que visam conhecer um pouco mais as trajetórias, acadêmica e profissional, após a conclusão da formação na EPSJV. Nossa intenção é que, a partir dessas avaliações possamos aprimorar cada dia mais as formações oferecidas pela Escola, assim como fortalecermos o campo da Educação Profissional, em especial a Educação Profissional em Saúde, assim como fortalecermos os estudos sobre Educação Politécnica, Educação Unitária e Educação Omnilateral.

Esta é uma pesquisa de opinião e de relato de trajetórias onde não haverá identificação dos participantes. Sobre os dados pessoais, pedimos apenas que preencha a sua data de nascimento para que possa nos ajudar nas análises temporais.

Sua participação é muito importante para o processo de melhoria contínua dos processos formativos pensados e praticados na Escola.

Com nossas estimas que tudo esteja bem.

Abraço,

Data de preenchimento do formulário: _____

Data de nascimento do egresso: _____

Primeiro bloco – Sobre seus tempos na EPSJV

1) Qual curso técnico e/ou habilitação técnica você conclui na EPSJV

- Agente Comunitário de Saúde Análises Clínicas Bodiagnóstico
Biotecnologia Citopatologia Gerência em Saúde Informação e Registro
Meio Ambiente Radiologia Vigilância em Saúde Outros/ Qual

2) Em que ano você ingressou na EPSJV para realizar a formação técnica _____

3) Em que ano você concluiu a formação técnica _____

4) Quando você iniciou sua formação técnica na EPSJV você tinha:

- menos de 16 anos
 de 16 a 20 anos
 de 21 a 29 anos
 de 30 a 39 anos
 40 anos ou mais

4) Por que você escolheu a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV (pode marcar mais de uma resposta):

- Pela possibilidade de cursar uma formação que tinha interesse
- Pela qualidade do ensino na EPSJV
- Pela tradição da Fiocruz
- Pela localização da Escola
- Pela gratuidade
- Foi minha única opção
- outro. Se desejar, pode incluir o motivo aqui: _____

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui

5) Por que você escolheu a referida habilitação técnica (pode marcar mais de uma resposta):

- Já trabalhava na área e queria aperfeiçoar minhas práticas
- Já trabalhava na área e queria uma formação acadêmica
- Tinha afinidade com a área
- Desejava seguir carreira na área
- Foi a oportunidade que tive na época
- Outra. Se desejar, pode incluir o motivo aqui: _____

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

6) Como foi sua dedicação aos estudos durante o curso:

- Boa
- Regular
- Ruim

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

7) Quanto a sua assiduidade e pontualidade às aulas, você pode afirmar que foi:

- Boa
- Regular
- Ruim

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

8) Quanto ao envolvimento nas atividades (projetos, consultas, bibliografias, trabalho, etc.) solicitadas durante o curso, você pode afirmar que foi:

- Bom
- Regular
- Ruim

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

9) De forma geral, como você avalia sua trajetória de estudante na EPSJV?

- Boa
- Regular
- Ruim

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

10) De forma geral, qual o conceito você atribui ao currículo/disciplinas/módulos/conteúdo do curso?

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

11) De forma geral, qual é o conceito que você atribui ao corpo docente do curso?

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

12) De forma geral, qual o conceito que você atribui ao curso técnico que concluiu na EPSJV?

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

13) De forma geral, qual é o conceito que você atribui a infraestrutura da escola?

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

Segundo boco – Diálogos entre a formação técnica e sua trajetória acadêmica e profissional

14) Qual era sua expectativa quando concluiu o Curso técnico? Você pode assinalar mais de uma opção.

- ingressar no mercado de trabalho
 - manter as atividades laborais que já desenvolvia
 - buscar outras possibilidades/áreas profissionais
 - me especializar na área da formação técnica
 - continuar a estudar
 - continuar a estudar e ingressar no mundo do trabalho
 - ingressar no mercado de trabalho e posteriormente continuar a estudar
 - ingressar no setor público
 - atuar no setor público de forma mais qualificada
 - ser promovido
 - não tinha expectativas
 - outro. Se desejar, pode incluir a sua expectativa aqui
- Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

15) Quando você concluiu o curso você? (pode marcar mais de uma resposta):

- Começou a trabalhar na área
 - Começou a trabalhar em outra área
 - Deu continuidade às atividades laborais que exercia
 - Deu continuidade aos estudos acadêmicos
 - Manteve as atividades laborais e deu continuidade aos estudos
 - Não se aplica. Se quiser, pode especificar aqui _____ -
- Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

16) Se você seguiu os estudos após ter concluído a formação técnica, pode nos contar um pouco sobre essa trajetória? (se quiser, pode assinalar mais de uma opção)

- Fiz um novo curso técnico em área correlata à formação técnica realizada na EPSJV
 - Fiz um novo curso técnico em área distinta da formação técnica realizada na EPSJV
 - Fiz cursos de aperfeiçoamento em área correlata à formação técnica realizada na EPSJV
 - Fiz cursos de aperfeiçoamento em área distinta da formação técnica realizada na EPSJV
 - Ingressei na graduação em área correlata à formação técnica realizada na EPSJV
 - Ingressei na graduação em área distinta da formação técnica realizada na EPSJV
 - Já concluí a graduação em área correlata à formação técnica realizada na EPSJV e já curso ou cursei uma pós-graduação
 - Já concluí a graduação em área distinta da formação técnica realizada na EPSJV e já curso ou cursei uma pós-graduação
 - Não se aplica. Se quiser, pode especificar aqui _____
- Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

17) Se você seguiu os estudos acadêmicos, em que área(s) ele(s) foi/foram realizado(s)? _____

18) Se você ainda não trabalhava quando conclui a formação técnica, qual foi o tempo entre a formatura no curso técnico e o início da sua primeira atividade profissional?

- Menos de 1 ano
- De 01 a 02 anos

- de 03 a 04 anos
 - Mais de 5 anos
 - já trabalhava, e mantive minhas atividades
 - outro. Se quiser, pode especificar aqui
-

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui

19) Após concluir a formação técnica na EPSJV, como você obteve seu primeiro emprego?

- Por concurso público
 - Por efetivação de estágio
 - Por seleção de currículo
 - Por indicação de colegas
 - prestei serviços como autônomo/autônoma
 - Fui trabalhar em empresa familiar
 - montei uma empresa
 - já trabalhava na área e continuei minhas atividades
 - já trabalhava em outra área e continuei minhas atividades
 - Outro. Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui
 - Não se aplica
-

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui

20) Seu primeiro emprego após a conclusão do curso técnico na EPSJV foi na área da formação? (pode marcar mais de uma opção) Retirar esse trecho. Acho que não faz sentido aqui.

Sim

Não

Já trabalhava na área quando conclui a formação técnica e dei continuidade aos trabalhos realizados

Trabalhava em outra área quando conclui a formação técnica e dei continuidade aos trabalhos realizados

outro. Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui

Não se aplica

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui

21) Você está exercendo atividade profissional atualmente?

Sim, na área de minha formação técnica

Sim, fora da área de minha formação técnica

Não se aplica. Se quiser, pode especificar aqui

22) Se você trabalha atualmente na área da sua formação técnica, como você obteve seu emprego atual?

Por concurso público

Por efetivação de estágio

- Por seleção de currículo
 - Por indicação de colegas
 - presto serviços como autônomo/autônoma
 - trabalho em empresa familiar
 - trabalho na minha própria empresa
 - Outro. Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui
 - Não se aplica
-

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui_____

23) Se você não estiver exercendo atividade profissional na área da sua formação técnica, qual o principal motivo:

- Não consegui emprego na área
- Melhor oportunidade em outra área
- ingressei num outro curso técnico ou em um curso de graduação e realizo atividades laborais dentro dessa nova área de formação
- por interesse próprio mudei de área
- outro.
- Não se aplica

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui

24) O quanto a formação técnica na EPSJV influenciou sua carreira acadêmica e/ou profissional

- muito, positivamente
- razoavelmente, positivamente
- pouco, positivamente
- nada
- negativamente

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui

25) Se você estiver realizando atividades laborais no momento, em que tipo de Instituição você exerce sua atividade profissional?

- Empresa pública
- Empresa privada
- Empresa própria
- Sou autônomo
- A pergunta não se aplica à minha situação atual

26) Quando você conclui o curso técnico, você considera que estava preparado para iniciar atividades laborais ou dar continuidade ao trabalho que já realizava com maior apropriação da área?

- Muito
- Razoavelmente
- Pouco

Se desejar, você pode justificar sua resposta aqui _____

27) Qual o seu nível de satisfação considerando sua situação acadêmica e/ou profissional atual

Alto

Médio

Baixo

28) Você mantém algum contato/vínculo com a EPSJV?

Sim, participo de eventos

Sim, realizo cursos

Sim, acompanho as publicações da Escola

Sim, sou trabalhador da Escola

Sim, realizo trabalhos organizados ou em parceria com a Escola

Não tenho mantido contato

Terceiro Bloco

Registre abaixo comentários, sugestões, críticas, entre outras formas, de como podemos aperfeiçoar o nosso trabalho a partir da sua percepção como egresso da EPSJV.

R : _____

APÊNDICE F – Estudantes de Análises Clínicas por Turma – duração 4 anos – Total 5.160 horas.

Ministério da Saúde/Fundação Oswaldo Cruz/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Turma 2012 – Total 32 estudantes			
Concluintes em 2015	24	Abandono	01
NJubilado	01	-	-
Turma 2013 – Total 33 estudantes			
Concluintes em 2016	28		
Reprovados	04		
Desistente	01		

Turma 2014 – Total 34 estudantes			
Concluintes em 2017	24	Desistentes	05
Reprovados	03	Abandono	01
Jubilado	01		

Turma 2015 – Total 34 estudantes			
Concluintes em 2018	28	Abandono	01
Reprovados	04		
Desistente	01		

ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido (Para estudantes que responderam ao questionário)

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada “Processo formativo e inserção profissional dos estudantes egressos das turmas de técnicos em análises clínicas da epsjv/fiocruz: um estudo de caso”, que se refere a um projeto desenvolvido por Maria de Fátima Genteluci Martins, mestranda do programa de pós-graduação da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV. Este projeto faz parte das atividades de conclusão do Curso de Mestrado oferecido pela EPSJV.

O(s) objetivo(s) deste estudo será compreender a trajetória dos egressos com foco na sua formação, verificando aspectos que possam ser fortalecidos, a fim de procurar reafirmar o compromisso de relevada importância em uma formação de efetiva qualidade do Curso Técnico de nível médio de Análises Clínicas da EPSJV.

Sua forma de participação consiste em responder à pesquisa de opinião, na qual buscaremos identificar os pontos críticos do ensino oferecido e levantar questões que possam alavancar maior participação e interesse da comunidade escolar e, principalmente, procurar melhoria em nossos processos de trabalho.

Será feita a pesquisa de campo, com a aplicação de um questionário estruturado, com a participação de estudantes egressos dos cursos de análises clínicas.

Como etapa prévia à distribuição do questionário, a pesquisadora entrará em contato telefônico com os estudantes egressos das turmas 2012, 2013, 2014 e 2015 para apresentação do projeto e sensibilização dos estudantes para participação da pesquisa.

Todos os estudantes egressos que forem contactados serão convidados para participar da pesquisa totalizando, conforme dados da Secretaria Escolar, 104 estudantes egressos concluintes.

O envio do questionário poderá ser feito por e-mail, mas também entregue de forma presencial, de acordo com a sua disponibilidade.

Foram considerados apenas os alunos egressos que concluíram o curso técnico de análises clínicas, ou seja, não foram incluídos neste trabalho os alunos desistentes ou que abandonaram o curso.

O nome dos entrevistados não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Para a contabilização dos dados do questionário serão utilizados a inicial E de egresso e o número correspondente ao questionário que será incorporado no momento da devolução dos mesmos (ex. E-01, E-02), a fim de se preservar a identidade dos alunos egressos que farão parte desta pesquisa.

Esta pesquisa será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa e todos os envolvidos que aceitarem participar assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Todo participante de pesquisa tem direito à indenização em caso de danos decorrentes do estudo conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 e Lei 10.406 de 2002.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa, o risco é mínimo decorrente de algum cansaço ou aborrecimento ao responder ao questionário.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que qualquer egresso contactado poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem qualquer penalização ou prejuízo.

São esperados os seguintes benefícios imediatos da sua participação no questionário: intervenção para a melhoria constante das práticas ensino-aprendizado das turmas de técnicos em Análises Clínicas da EPSJV/FIOCRUZ e da avaliação profissional e a integração com foco nos alunos egressos e elaboração de um instrumento de avaliação permanente online para acompanhar a situação dos egressos e seu desenvolvimento pessoal e profissional após o término do curso.

Além de serem publicados como trabalho de conclusão de curso, os dados analisados serão apresentados aos profissionais da EPSJV para conhecimento dos resultados deste estudo. A pesquisa analisará como os processos de ensino da EPSJV estão sendo percebidos e, a partir deste estudo, verificará se há necessidade de mudanças para a melhoria da qualidade do ensino da EPSJV.

Os participantes terão acesso aos resultados da pesquisa que estarão disponíveis na plataforma ARCA.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pela pesquisadora principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o/a participante e a outra com a pesquisadora principal:

Maria de Fátima Genteluci Martins, Rua 15 de Novembro, 767, Vila São Luis, Duque de Caxias, RJ, tel: 96527-9238, CPF 565.909.117-20.

Em caso de dúvida sobre qualquer aspecto deste estudo, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz nos endereços e contatos telefônicos abaixo. O Comitê de Ética é a instância responsável por examinar os aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos, zelando pela proteção à dignidade, autonomia e direitos dos participantes.

Maria de Fátima Genteluci Martins

Declaro que compreendi os objetivos, os riscos, os benefícios da pesquisa, bem como os meus direitos de participante, e concordo em participar.

Assinatura do participante da pesquisa

Comitê de Ética em Pesquisa/EPSJV – Av. Brasil, 4365, Térreo, Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ EPSJV
CEP 21040-36- - Tel- (21) 3865-9809 - e-mail: cep.epsjv@fiocruz.br

ANEXO B - Termo de consentimento livre e esclarecido (Para estudantes que responderam à entrevista)

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada “Processo formativo e inserção profissional dos estudantes egressos das turmas de técnicos em análises clínicas da EPSJV/FIOCRUZ: um estudo de caso”, que se refere a um projeto desenvolvido por Maria de Fátima Genteluci Martins, mestranda do programa de pós-graduação da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV. Este projeto faz parte das atividades de conclusão do Curso de Mestrado oferecido pela EPSJV.

O(s) objetivo(s) deste estudo será compreender a trajetória dos egressos com foco na sua formação, verificando aspectos que possam ser fortalecidos, a fim de procurar reafirmar o compromisso de relevada importância em uma formação de efetiva qualidade do Curso Técnico de nível médio de Análises Clínicas da EPSJV.

Sua forma de participação nesta etapa da pesquisa consiste em responder a uma entrevista que será realizada com estudantes egressos do curso de análises clínicas que previamente responderam ao questionário.

Serão convidados 20 estudantes egressos para participar dessa fase da pesquisa, sendo 5 estudantes egressos por turma do Curso de Análises Clínicas cujo anos de ingresso foram 2012, 2013, 2014 e 2015, que estão trabalhando em sua área de formação para termos melhor compreensão da amplitude do campo de trabalho sobre os formandos de cada ano, para entender como está o mercado atualmente e como estão as condições para a área de pesquisa em saúde no Brasil.

A entrevista será realizada pessoalmente pela pesquisadora, de acordo com a disponibilidade dos estudantes egressos.

As entrevistas serão gravadas em áudio e depois transcritas em relatório.

Os respondentes da pesquisa não serão identificados..

O nome dos entrevistados não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Todo participante de pesquisa tem direito à indenização em caso de danos decorrentes do estudo conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 e Lei 10.406 de 2002.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa, o risco é mínimo decorrente de algum cansaço ou aborrecimento ao responder a entrevista.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que qualquer egresso contactado poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem qualquer penalização ou prejuízo.

São esperados os seguintes benefícios imediatos da sua participação no entrevista: intervenção para a melhoria constante das práticas ensino-aprendizado das turmas de técnicos em Análises Clínicas da EPSJV/FIOCRUZ e da avaliação profissional e a integração com foco nos alunos egressos e elaboração de um instrumento de avaliação permanente online para acompanhar a situação dos egressos e seu desenvolvimento pessoal e profissional após o término do curso.

Além de serem publicados como trabalho de conclusão de curso, os dados analisados serão apresentados aos profissionais da EPSJV para conhecimento dos resultados deste estudo. A pesquisa analisará como os processos de ensino da EPSJV estão sendo percebidos e, a partir deste estudo, verificará se há necessidade de mudanças para a melhoria da qualidade do ensino da EPSJV.

Essa pesquisa será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa e todos os envolvidos que aceitarem participar assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os participantes terão acesso aos resultados da pesquisa que estarão disponíveis na plataforma ARCA.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pela pesquisadora principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o/a participante e a outra com a pesquisadora principal: Maria de Fátima Genteluci Martins, Rua 15 de Novembro, 767, Vila São Luis, Duque de Caxias, RJ, tel: 96527-9238, CPF 565.909.117-20.

Em caso de dúvida sobre qualquer aspecto deste estudo, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz nos endereços e contatos telefônicos abaixo. O Comitê de Ética é a instância responsável por examinar os aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos, zelando pela proteção à dignidade, autonomia e direitos dos participantes.

Maria de Fátima Genteluci Martins

Declaro que compreendi os objetivos, os riscos, os benefícios da pesquisa, bem como os meus direitos de participante, e concordo em participar.

Assinatura do participante da pesquisa

Comitê de Ética em Pesquisa/EPSJV – Av. Brasil, 4365, Térreo, Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ EPSJV
CEP. Tel- (21) 3865-9809 - e-mail: cep.epsjv@fiocruz.br

ANEXO C - Registro de consentimento livre e esclarecido (Aplicado aos Coordenadores e ex-coordenadores do Curso de Análises Clínicas)

Caro Participante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada Processo formativo e inserção profissional dos estudantes egressos das turmas de técnicos em análises clínicas da EPSJV/FIOCRUZ: um estudo de caso, que se refere a um projeto desenvolvido por Maria de Fátima Genteluci Martins, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional em Saúde da Escola Politécnica de Saúde / Fiocruz, sob a orientação da Professora Doutora Ana Lucia de Almeida Soutto Mayor.

O objetivo geral dessa pesquisa é compreender a trajetória dos egressos do curso Técnico em Análises Clínicas das turmas 2012, 2013, 2014 e 2015 com foco na sua formação, verificando aspectos que possam ser fortalecidos.

A razão de você ser convidado(a) deve-se ao fato de que você coordenou ou coordena atividades relacionadas à formação técnica integrada de estudantes na EPSJV, em especial atividades relacionadas aos cursos técnicos na área de Técnicas Laboratoriais em Saúde da EPSJV ao longo dos 35 anos da EPSJV.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e consistirá em participar de uma entrevista respondendo questões relacionadas à criação, organização e desenvolvimento de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio na EPSJV, em especial na área de Técnicas Laboratoriais em Saúde.

Devido ao momento pandêmico atual, a entrevista será realizada de forma virtual, na plataforma de sua preferência. A entrevista terá duração aproximada de 45 minutos e será conduzida por mim, coordenadora da pesquisa e acompanhada pois mais um membro da equipe da pesquisa que ficará responsável pelo registro da mesma. Se você estiver de acordo, a entrevista será gravada em áudio e depois transcrita em relatório.

Caso sejam gravadas, somente os pesquisadores integrantes da equipe da pesquisa terão acesso às gravações. Os arquivos das gravações serão guardados por cinco anos em dispositivo eletrônico local, sendo apagado todo e quaisquer registros da plataforma virtual ou de ambiente compartilhado. Após 5 anos eles serão destruídos.

Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados, sendo que nesse estudo acreditamos que eles sejam mínimos e possam se relacionar com a possibilidade de você se sentir emocionado(a) decorrente de lembranças durante a coleta das

informações. Saiba que os pesquisadores se comprometem a deixá-lo(a) o mais tranquilo possível, respeitando seus ritmos, pausas e silêncios.

Ainda sobre a condução dessa pesquisa preconizamos que toda pesquisa envolvendo seres humanos deve considerar o preceito da garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, seja pessoa ou grupo de pessoas, exceto quando houver a manifestação explícita do participante em sentido contrário, mesmo após o término da pesquisa. Sendo assim, caso seja do seu desejo, e diante de sua manifestação explícita, suas falas poderão ser identificadas nos documentos que serão publicizados decorrentes dessa pesquisa. Independentemente de sua manifestação explícita sobre a possibilidade de sua identificação, todo material transcrito, resultante dessa entrevista, será enviado a você para sua validação antes que o mesmo seja utilizado como material da pesquisa. Caso você queira manter seu direito de não identificação na publicização dos resultados dessa pesquisa, as informações coletadas durante a entrevista serão inseridas nos textos e arquivos publicizados de forma que não ocorra identificação direta. As falas ou trechos de fala serão inseridos com a indicação aleatória de Coordenador 1, Coordenador 2, ... e assim por diante. No entanto, sempre haverá risco de identificação indireta considerando a experiência institucional, e pessoal, vivenciada por cada coordenador ou ex-coordenador ao longo dos anos.

Não haverá qualquer remuneração pela sua participação na pesquisa. No entanto, todo participante de pesquisa tem direito à indenização em caso de danos decorrentes do estudo conforme Resolução CNS nº 510/2016, Cap III, Art. 9º e ainda o Cap IV, Art. 19. Também está garantido seu acesso aos resultados do estudo e acesso ao RCLE, sempre que solicitado.

Fica assegurado que, a qualquer momento, você poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem qualquer penalização ou prejuízo.

São esperados como benefícios imediatos da sua participação nessa entrevista a ampliação de aporte teórico que auxilie na análise do discurso dos egressos e, por conseguinte, a possibilidade de publicização de dados que contribuam com a melhoria constante das práticas ensino-aprendizado do Curso Técnico de Nível Médio em Saúde na habilitação em Análises Clínicas da EPSJV/FIOCRUZ.

Além de serem publicados em formato de dissertação e em outros formatos científicos ou acadêmicos, pretende-se que os resultados dessa pesquisa sejam apresentados em fóruns de educação da EPSJV. Para acesso aos resultados da pesquisa, os participantes poderão solicitar

à responsável da pesquisa uma cópia da dissertação, ou mesmo ter acesso aos materiais publicizados por meio da plataforma ARCA/Fiocruz.

Devido ao momento pandêmico, e a necessidade de preconizarmos o distanciamento social, sua participação nessa pesquisa será considerada após sua manifestação, por e-mail enviado à coordenadora da pesquisa, com o seu de acordo em participar. Também, ao encaminhar seu de acordo, pedimos que você se manifeste sobre sua autorização ou não de gravarmos em áudio a entrevista, assim como o seu desejo ou não de ser identificado quando os resultados forem publicizados. Lembramos que todas essas manifestações poderão ser alteradas no decorrer da pesquisa. Enfatizamos a importância de você guardar em seus arquivos uma cópia deste documento.

Em caso de dúvida sobre qualquer aspecto deste estudo, você pode entrar em contato comigo, pesquisadora responsável ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz nos endereços e contatos telefônicos abaixo. O Comitê de Ética é a instância responsável por examinar os aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos, zelando pela proteção à dignidade, autonomia e direitos dos participantes.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Maria de Fátima Genteluci Martins

Declaro que compreendi os objetivos, os riscos, os benefícios da pesquisa, bem como os meus direitos de participante, e concordo em participar.

() Estou de acordo que a entrevista seja gravada em áudio

() Tenho interesse que minhas falas sejam identificadas na publicização dos resultados.

Assinatura do participante da pesquisa

Contatos da pesquisadora principal: Maria de Fátima Genteluci Martins, Rua 15 de Novembro, 767, Vila São Luis, Duque de Caxias, RJ, tel: 96527-9238, CPF 565.909.117-20.

Equipe da pesquisa: Maria de Fátima Genteluci Martins, Ana Lúcia de Almeida Soutto Mayor, Monica Mendes Caminha Murito e Páulea Zaquini Monteiro Lima.

Contato Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz: Avenida Brasil, 4365 –
contêiner 07 – Manguinhos - Rio de Janeiro - Cep 21040-360 - Tel.: 3865-9809 - e-mail:
cep.epsjv@fiocruz.br